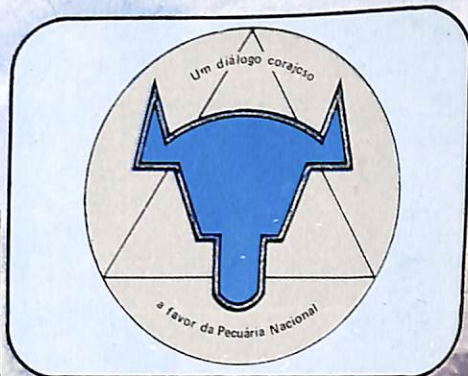
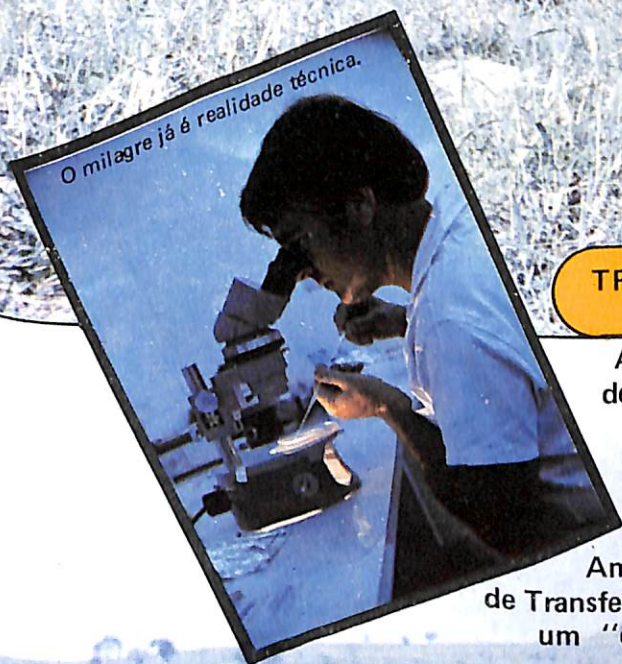


PARAIBA PECUÁRIA

SOCIEDADE RURAL DA PARAIBA
JULHO - 1979 - Ano IV - Nº 11
Nordeste Cr\$ 40,00



O milagre já é realidade técnica.



TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÕES UMA REALIDADE NO BRASIL

Agora, uma fêmea pode produzir dezenas de bezerros em um único ano! Operando já em escala empresarial, a Campo Verde Empreendimentos Rurais Ltda, na Bahia, é a pioneira em toda a América Latina a utilizar a técnica de Transferência de Embriões, considerada como um "quase milagre" da moderna pecuária.

Lote de fêmeas já enxertadas por Transferência de Embrião...

NORDESTE SEM FARINHA NO SACO
Mancel Dantas Vilar Filho

CREPÚSCULO DOS MITOS (5)
Tito Victor

NORDESTE CAMPEÃO EM UBERABA

A OPINIÃO GOVERNO E A VIDA DA POPULAÇÃO
Clovís Cavalcanti

Em Uberaba
NORDESTE VIROU AMAZÔNIA

Os agropecuaristas do Nordeste precisam de uma Entidade de Classe? Leia

A UNIÃO DOS NORDESTINOS



FAZENDA N.S. APARECIDA

JOSÉ e ANA RITA TAVARES DE MELO

GURINHÉM, Paraíba — CEP 58.356 — Caixa Postal, 1 — Fone: (081) 326-6267



MELHORES MATRIZES, todas vivas, na Fazenda APARECIDA					
Matriz	Leite/Lactação	Leite Diário	Matriz	Leite/Lactação	Leite Diário
PONTINGA-JA	5.672 kg (LM)	25,2 kg	FAISCA-JA	3.533 kg	18,1 kg
INGLATERRA-JA	4.715 kg (LM)	20,4 kg		Campeã mundial em gordura: 14,6%	
ITULUTABA-JA	4.690 kg (LM) (LE)	19,2 kg	MARQUEZA-JA	3.494 kg	11,4 kg
INDIGENA-JA(1)	4.517 kg (LM)	22,1 kg	AGRICULTURA-JA	3.401 kg	13,6 kg
FRANCESIA-JA(1)	4.450 kg (LM) (LE)	22,5 kg	BENFICA-JA	3.368 kg (LM)	15,3 kg
PRAIA-JA	4.414 kg (LM)	20,9 kg	MADRIDGADA-JA	3.267 kg (LE)	16,6 kg
FRONTE NOVA-JA	4.209 kg (LE)	16,9 kg	DUPLETA-JA	3.252 kg (LM) (LE)	15,0 kg
COLATINA-JA	4.004 kg (LM) (LE)	17,0 kg	MURITIBA-JA	3.243 kg	15,8 kg
MAGNOLIA-JA	3.908 kg (LM) (LE)	16,5 kg	LEGIONARIA-JA	3.190 kg	15,8 kg
NUDETA-JA	3.825 kg (LM)	15,1 kg	ALVORADA-JA	3.118 kg	13,2 kg
GLITOSA-JA	3.730 kg (LM)	12,7 kg	BARCELONA-JA	3.074 kg	16,5 kg
JAZZIDA-JA	3.694 kg (LM)	16,7 kg	ARTEIRA-JA	3.032 kg	14,55 kg

1) — Campeã Mundial em peso da raça Guzerá: 853 kg.
2) — 1ª. Gta.
(LM) — Inscrição no Livro de Mérito da Associação Brasileira de Criadores.
(LE) — Inscrição no Livro de Excel.
Controlado oficialmente pela ABCZ, sempre pela ABCZ.
Nota: A produção de Leite Diário é o máximo obtido em um dia, numa lactação.

A ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE GUZERÁ DO BRASIL, durante a 111a. Exposição Nacional da Raça Guzerá, em 1978, divulgou as conquistas máximas até o presente, ou sejam: 1) Produção de leite: 5.672 kg. em uma lactação de 365 dias (nossa PONTINGA-JA), 2) Teor de Gordura: 14,6% (nossa FAISCA-JA).



FRANCESIA-JA,
campeã mundial em peso Guzerá,
com 853 kg, 4.450 kg/lactação.



NOSSA TRADIÇÃO É MANTIDA PELAS CAMPEÃS MUNDIAIS "JÀ"

Carimbo "J"

PRODUÇÃO
DE
LEITE

PIONEIRA-JA
5.596 Kg. em uma
lactação e 10,5%
de gordura
Campeã Mundial

POTINGA-JA
5.672 Kg.
Bicampeã Mundial
ainda viva na
Aparecida

Até hoje, somente um Guzerá-JA conseguiu superar um outro JA. A evolução é constante, em nosso rebanho, desde 1895, quase um século de seleção rigorosa!

**PRODUÇÃO
DE GORDURA**
O maior teor já verificado
em QUALQUER RAÇA
BOVINA

TARTARUGA-JA
13,2%
1a. Campeã
Mundial

Donzela-JA
13,6%

BARCELONA-JA
13,8%

FAISCA-JA
14,6%
Atual Campeã
Mundial
ainda viva
na Aparecida

Conheça nosso trabalho que vem desde 1895.

Solicite e receba, GRATUITAMENTE, em português, inglês ou espanhol, nosso folheto: "O melhor Zebu leiteiro do mundo".

Receive by free mailing our portuguese/english/spanish booklet: "The best Zebu of the world".

PARAÍBA PECUÁRIA

Fundador: VIRGOLINO DE FARIAS LEITE NETO

UMA
PUBLICAÇÃO



EDICAMP EDITORA CAMPESSINA LTDA
Matriz: Rua Paulino de Albuquerque, 151
— Caixa Postal, 98 —
58.000 - João Pessoa - PB
Fone: (083) 222-0180

Revista PARAÍBA PECUÁRIA

Editor: Rinaldo dos Santos
Revisor/Zootecnia: Virgolino de Farias Leite Neto
Coordenação: Nilda Chaves Amaral
Ilustração: Madson Roberto de Sousa
Diagramação: R. S. Ribeiro
Composição: Martinho Sampaio
Arte Final: Frederico Chales de Araújo
Fotografia, Publicidades: R. S. Ribeiro
Tradução: Paul Collins
Circulação: Garibaldi Cittadino
Administração: Delmar S. Ribeiro
Centro de Ciências Agrárias Areia, PB — Maria Eunice Vilarim
Instituto de Zootecnia km 47, Rio — Saulo Vilarim Farias Leite
Orientação: Santo Lunardelli (São Paulo) V. Coronado (Parafba),
William Koury (São Paulo), Euripedes Oliveira (Parafba), Ariano
Suassuna (Pernambuco), José Ferraz de Ó Gugu (Bahia) Walter de
Carvalho (Parafba), Antonio Ernesto de Salvo (Minas Gerais), José
Mário J. de Azevedo (São Paulo), Arnaldo Rosa Prata (Minas Ge-
rais), Clóvis Cavalcanti (Pernambuco), Hugo Prata (São Paulo), Ma-
noel Dantas Vilar Filho (Parafba), José Resende Peres (Rio), Se-
bastião Simões (Pernambuco), Sivalva Palmeira (Bahia), Walter
Henrique Zancaner (São Paulo).
Colaboradores: Paulo Roberto de Miranda Leite, Manoel Felix da
Silva, Sílvia Carneiro Leitão, Moacir Omena de Oliveira, Ovídio
Tavares Vinagre, Abelardo Ribeiro de Azevedo, José Nelson Vilela
Barbosa.

Direção Comercial: Rinaldo dos Santos
João Pessoa, PB — R. Paulino de Albuquerque, 151 - Fone (083)
222-0180.
São Paulo, SP — Victoriano Medeiros de Mello - R. João Elias, 53,
Granja Julieta, Santo Amaro, Fone: 521-1290.
Salvador, BA — Suelene Maria Cunha - R. Dias D'Ávila, 98 - Fone:
(071) 245-3248.
Itapetinga, BA — Givaldo Sampaio Santos - Alam. Rui Barbosa, 27
Fone: (073) 261-1170.
Belo Horizonte, MG — Antônio Magalhães Drummond - R. Entre
Rios, 61 - Fone: (031) 222-6472.
Publicidade Nacional — Pereira de Souza Ltda.
Recife, PE — Francisco Ignácio Ferreira da Silva - R. Bulhões Mar-
ques, 15, cj. 411 - Fone: (081) 222-2327/5918.
Rio de Janeiro, RJ — Av. Graça Aranha, 174, salas 509/12 - Fone:
(021) 222-0242/221-4156.
Porto Alegre, RS — Mucillo Salvador - R. Vigiário José Inácio, 30,
cj. 72 - Fone (051) 221-6550/224-8939.
Curitiba, PR — Albeiraldo Cavalcante Sá - R. Dr. Goulart, 87 - Fone:
(041) 252-3282.
Brasília, DF — Marcos Machado de Carvalho, SCS, Edif. São Paulo,
5º - Fone: (0612) 223-5426.
Belém, PA — José Moura - Travessa da Piedade, 587 - Fone: (0912)
222-1736.
Florianópolis, SC — Rodrigo Sobreira de Moura - R. Flávio Tavares
da Cunha Neto, s/n - Fone: (0482) 44-3669.

PARAÍBA PECUÁRIA, título propriedade da Edicamp Editora
Campesina Ltda, destina-se a mostrar as potencialidades e realiza-
ções da agropecuária nacional, principalmente as nordestinas, num
diálogo vivo através de pronunciamentos dos próprios empresários
rurais, técnicos e autoridades. Os artigos assinados nem sempre
traduzem a orientação da revista e são de responsabilidade dos que
os escrevem. Não só superamos como autorizamos a transcrição
de trabalhos aqui publicados, desde que seja citada a fonte. Assina-
tura por um ano, Cr\$ 400,00. Dois anos Cr\$ 700,00. Exem-
plar avulso, Cr\$ 40,00. Exem-
plar atrasado, Cr\$ 80,00. Assinatura p/
Exterior: US\$ 40,00.



**Sociedade
Rural
da Paraíba**

Rua 13 de Maio, 338 - CEP 58.100
Campina Grande - Paraíba.
Fones: (083) 321.4400 e 321-3467

DIRETORIA

Presidente: Humberto César de Almeida; 1º. Vice-Pres: Arthur
Freire de Figueiredo; 2º. Vice-Pres: Emílio Leite Filho; 1º. Se-
cretário: Edvan Pereira Leite; 2º. Secretário: Admar Borges da Co-
sta Santos; 1º. Tesoureiro: Francisco de Sousa Diniz; 2º. Tesou-
reiro: José Aderaldo de Medeiros Pereira.

conversa ao pé da porteira

19) Com grande festa na imprensa nacional saiu o Pacote da Agricultura, mostrando um Delfim vitorioso em sua primeira batalha, fazendo os olhos da Nação enxergarem o chão onde ele pisa, um chão firme e só lido, cativan-
do mais confiança para sua ascensão. Otimista e vibrante, Delfim resumia os 20 itens do Pacote: "Agora não há mais dúvida, o Governo financia tudo o que for plantado, compra tudo o que for colhido e ainda paga por tudo o que for perdido".

No final, verifica-se que o Pacote concedeu a necessária e suficiente atenção ao custeio e tentou transformar o Nordeste, tão decantado pela imprensa como "o mais beneficiado", de primo pobre a uma parte da força de produção brasileira, o que por si só constitui um motivo de satisfação.

Mas o Pacote não atende absoluta-
mente as necessidades nordestinas, pois não é o custeio o problema de uma região onde a presença de água é o maior problema. Nada consta nos 20 itens a respeito de infra-estrutura, principalmente no Nordeste.

Todas as medidas beneficiam tanto o sul como o Nordeste, com a diferen-
ça de que as modernas fazendas sulinas poderão, após a absorção das novas vantagens, canalizar sua atenção para a incorporação de tecnologia avançada, como irrigação. O Nordeste, o maior necessitado de irrigação não tem sequer uma pesquisa a esse respeito, pois até os equipamentos que são vendidos na região não são adequados ao clima tropical. O Pacote esqueceu-se dos investimentos necessários nas proprieda-
des que - sem a força oficial - não conseguirão safar-se da precariedade em que se encontram.

São dezenas de anos sem qualquer aplicação na infra-estrutura nordestina e, sempre, a produção agropecuária volatiliza-se em pouco tempo, pela deficiência de armazenamento ou meios de comercialização, além de ter levado os proprietários a uma quase completa descapitalização e falta de confiança, não sendo possível investir em

infra-estrutura capaz de dar a resposta que o próprio Delfim espera. O Pacote, nesse tom, não passa de mais um lenitivo para o flagelado Nordeste.

20) Mas desperta-se uma nova consci-
ência nordestina: os criadores foram a Uberaba e conquistaram significativa posição, vencendo galhardamente nas raças Indubrasil e Guzerá, mostrando que nada fica devendo às demais re-
giões, e mais que isso, os grandes cria-
dores concluíram que precisam se unir, formar um pensamento comum, uma hegemonia nordestina, para melhor discutir e galgar degraus rumo ao futu-
ro, pois é a separatividade entre os di-
versos Estados o maior provocador de prejuízos.

30) Se, em tudo está presente e vem crescendo a confiança, lentamente configura-se para o futuro quase im-
ediato, o desafio esperado há tanto tem-
po: a GRANDE SECA. Manuel Dantas Vilar Filho, em seu artigo, salienta essa proximidade, mostrando estar a par de provas matematicamente provadas e corretas que coincidem com a tradição popular, concluindo que realmente es-
tamos na iminência de uma grande se-
ca, que irá durar vários anos.

Como todos os indícios analisados por dezenas de anos seguidos levam a acreditar nessa iminência, resta aguardar que o ministro Delfim Netto ponha em prática um esquema de arma-
zenamento adequado e capaz de en-
frentar uma catástrofe desse tipo e to-
dos teremos ocasião de provar que a
confiança em Delfim, a confiança na
pecuária nordestina, no sentimento de
uma hegemonia nordestina, que todo
esse despertar não passa de uma falá-
cia, mas que constitui, sim, uma real
tomada de posição, efetiva e duradou-
ra.

O Pacote arrebatou um suspiro de alívio, o suficiente para injetar sangue novo nas veias, mas todos sabemos que o futuro exigirá muito senso patriótico e muita energia humana. Todos sabe-
mos que o Nordeste é viável e todos
queremos acreditar na honestidade de
propósitos dos dirigentes.



NOSSA CAPA

Embora altamente discriminados, os nordestinos sempre estão lutando ardorosamente, por seus ideais. Agora a Campo Verde Empreendimentos Rurais Ltda, em sua fazenda em Senhor do Bonfim, Bahia, resolveu fazer da pecuária nacional, uma das mais avançadas do mundo. E já está praticando Transferência de Em-
briões, dentro da mais moderna técnica. O início de operações rotineiras contou com a presença das maiores autoridades e técnicos do Brasil que queriam assistir o "milagre" de uma nova pecuária, onde uma fêmea pode produzir dezenas de bezerros por ano.

INDICE SUMMARY

Editorial - Conversa ao Pé da Porteira. 3

Artigos e Comentários

- NORDESTE SEM FARINHA NO SACO - Manoel Vilar Filho 5
- CREPÚSCULO DOS MITOS - Tito Victor 11
- A OPINIÃO DO GOVERNO E A VIDA DA POPULAÇÃO - Clóvis Cavalcanti 26
- PECADO GRANDE DO MINISTRO - Marcus Wanderley. 24
- AUTOCRÍTICA DA PECUÁRIA BRASILEIRA - Sinval Palmeira. 41
- A CIVILIZAÇÃO DO COURO - Euripedes Oliveira. 30

Reportagens

- NORDESTE CAMPEÃO EM UBERABA. 8
- TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÃO, uma realidade no Brasil 15
- BAHIA COM PECUÁRIA INDEPENDENTE. 14

Especial

- A UNIÃO DOS NORDESTINOS 19

Registro

- NORDESTE VIROU AMAZÔNIA, em Uberaba 39

Calendário de Exposições 46

CORRESPONDÊNCIA

Fiquei agradavelmente surpreendido com o conhecimento desta publicação, pois geralmente elas ocorrem no centro-sul do país, e não em nossa região.

Mário Etienne Arreguy
Bom Jesus da Lapa - BA

...lemos os vigorosos artigos dessa publicação e podemos assegurar que ela veio preencher um claro, sendo de alto interesse para nossa classe.

Vicente Quezado Leite
Feita de Santana - BA

Apreciamos, sobremaneira essa corajosa revista que diz, sem rebuços, o que deve ser dito. Oxalá ela chegue aos órgãos governamentais...

Luiz Marino Netto/Dierberger Agrícola
Limeira - SP

Ela chega, Dr. Marino, mas agradecemos qualquer indicação particular para remessa especial de cortesia. O importante para nós é abrir o diálogo.

Durante o ano agrícola 75/76 registraram-se 28.300 acidentes em propriedades rurais que atingiram 110 mil trabalhadores,

ocorrendo 2 mil mortes, no Estado de São Paulo. Eis os dados analíticos:

- . 12% (13.700) - acidentados por tratores e outras máquinas.
- . 46% (50.900) - feriram-se com ferramentas manuais.
- . 10% (11.000) - envolveram-se em acidentes de transportes.
- . 5,6% (6.200) - afetados por defensivos agrícolas.
- . 11% (12.500) - sofreram ataques de animais.
- . 2,5% (2.600) - foram picados por cobras.
- . 12% (13.400) - outros tipos de ocorrências.

Os dados acima projetados para toda área agrícola do País, naturalmente apresentariam números ainda mais significativos. Com o propósito de contribuir para a redução do número de acidentes elaboramos uma Campanha de Segurança para apreciação de V.Sa. e posterior publicação, nesse conceituado veículo.

Carlos A. Puteri/Massey Ferguson
São Paulo - SP

Tudo certo, Sr. Carlos, vamos publicar a campanha. Qualquer informação útil para o desenvolvimento geral do Nordeste ou da pecuária nacional pode contar conosco.

ANUNCIANTES ADVERTISER INDEX

- . ALBERTO GENTIL MAGALHÃES, Santa Gertrudis POI (BA). 28
- . ANTONIO MOTTA DE OLIVEIRA, equinos QM, Piquira, Mag. March (BA). 7
- . CAMPO VERDE EMPREENDIMENTOS RURAIS LTDA, Transf. Embriões (BA). 15
- . CASA DO CRIADOR (PB). . . . 43
- . COMAG (PB). 27
- . HENRIQUE ALEXANDRINO DE MELO, indubrasil (PB). 25
- . HUMBERTO DE ALMEIDA, guzerá (PB). 2ª capa
- . INÁCIO FERNANDES, nelore (BA). 13
- . JOÃO GRANGEIRO, guzerá (CE). 32
- . JOSÉ INOJOSA, nelore (PE). . . 4ª capa
- . JOSÉ ORLANDO DUARTE, simental fleckvieh (PE). 42
- . JOSÉ SÉRGIO MAIA, schwyz (PB). 3ª capa
- . MANOEL DANTAS VILAR FILHO, guzerá (PB). 21
- . NEUSA CANSONI GUIMARÃES, nelore (SP). 36
- . OCTAVIANO DUARTE, indubrasil (PE). 40

FOTO EM DESTAQUE



O conquistador do cobiçado troféu Dr. Gugé, conferido pela Capital da Pecuária, Itapetinga, Bahia, neste ano de 1979, foi o Dr. Sinval Palmeira, à esquerda, sendo parabenizado pelo Dr. Izai Amorim, tendo ao lado o próprio Dr. Gugé Ferraz. O relevante trabalho do Dr. Sinval Palmeira, homem conhecedor de mais de 50 países, assíduo frequentador do Leilão das Estrelas, com a Cabana da Ponte, envolvendo criação de gado comum, gado leiteiro, seleção de várias raças, seleção de búfalos, seleção de raças européas e uma Central de Inseminação que conta até com baixa refrigerada é digno de nota como um dos maiores empreendimentos agropecuários do Brasil.

NORDESTE

SEM

FARINHA

NO SACO

ONDE A
COERÊNCIA
VIOU PECADO

MANOEL DANTAS VILAR FILHO, líder político, pesquisador de notável senso público, um dos mais tradicionais criadores do Nordeste, sempre tem frisado que as soluções para a região estão bem à vista, ao alcance da compreensão e que o fastidioso processo de desnacionalização da economia, forçando a migração interna, é um dos responsáveis pela situação de penúria nordestina. Para ele, vivendo na caatinga, o Nordeste é plenamente viável.



O Brasil não é conduzido como uma Nação, mas é gerenciado como uma Sociedade Anônima, por isso o Nordeste não constou no Pacote, ou saco, apenas um autêntico aborto da montanha que continuará transferindo doidamente renda e população do campo para a cidade. Não há como fugir à evidência de "coisa premeditada" pois quando começam a surgir indícios de uma tecnologia específica vem a marginalização ditada pelo saco. As distorções conceituais continuam imbatíveis e um agropecuarista não tem muito o que sugerir, e só lhe resta ficar torcendo para que o povo nordestino volte a gestar lideranças políticas legítimas, para desmontar as amarras miseravelmente postas no pescoço e nas pernas dessa região...

Comentando o que escrevi sobre os desencontros das possibilidades nordestinas com o real, o editor da revista Paraíba Pecuária sugeriu, meio à queima-roupa: "porque, numa próxima vez, você não especula mais sobre o possível, já que o feito é tão pouco e, você mesmo é um dos que acreditam que ele é viável, a partir de sua agropecuária?"

Nessa linha, desconfio que a maior dificuldade em avançar já não é mais um problema de **poder ser feito**, enquanto **saber fazer**, ou, para usar palavra corrente, já não é tanto uma questão de **tecnologia**; passa a ser de probabilidade e só tenho razões para crer que **não é provável** que possa ser feito. Porque o Nordeste, **objetivamente**, continua sem valer nenhuma prioridade, continua "deixado para depois", na opção industrialista x monetarista que fizeram para o Brasil. Não faz conta nenhuma existir aqui 1/3 da população do país, pois a condução da vida brasileira passou a ser feita não como se ele tivesse que ser uma Nação, mas... é **gerenciado** como se fosse uma grande sociedade anônima, onde os acionistas - muito pouco anônimos, aliás - exigem dividendos e, por isso, "os investimentos só devem ser feitos onde os retornos sejam mais rápidos" - e no processo que daí decorre é, até, muito pertinente que exista um "estoque de mão de obra" farto e de baixo custo, em algum lugar. Ou, mais precisamente, o problema é, cada vez mais, essencialmente político e, assim, valem muito pouco essas conversas sobre plantar capim Buffel, produzir sorgo, criar Guzerá leiteiro e fazer feno, exatamente

as que poderiam contar, passíveis do interesse de outros, como eu, empenhados em produzir no Nordeste, e a quem a Revista deseja ajudar.

Agora mesmo, por exemplo, debai-

aplicações de tecnologia e capital, é que se arranca uma região do subdesenvolvimento. Todo mundo sabe disso, inclusive o Ministério da Agricultura, não se pode, assim, deixar de pen-



Valem muito pouco essas conversas sobre plantar capim buffel ou ajudar a ecologia, pois o problema nordestino é político.

xo de criada expectativa, foi anunciado, não mais um pacote, mas um **saco** de medidas destinado às atividades produtivas do campo. Nunca vi maior nem mais bem posto aborto da montanha!

Obviamente, somente somando

sar que tenha sido intencional o tal **saco**, enquanto, além de providências meramente formais, cuidou somente de definir créditos para **custeio** dos trabalhos agrícolas. Isso pode funcionar como apoio, onde as Fazendas já estejam montadas, onde o produtor já está

equipado, onde a rotina da exploração agropecuária já é estabelecida, em nível operacional razoável, ou seja: do centro-sul do Brasil prá lá... A quem não tem terra, e vive nela, não interessa e ao Nordeste o que serve é a disposição de recursos para investimentos, para fundar pastagens seguras e plantações adequadas ao seu clima peculiar, para se proteger dos efeitos das secas fatais, para sair da margem usual de utilização econômica de apenas 10% das terras, o que tem mantido os nordestinos no limite da sobrevivência - permanente exercício da teimosia ou atavismo.

E, como, pela via do **preço** pago ao produtor não vai sobrar nenhum tostão para investir, o **modelo** não deixa, pois de tanto transferir doidamente renda e população do campo para a cidade, tem de continuar subsidiando a vida lá, senão explode tudo - não há outro meio de avançar naquela direção que seja a partir do crédito. Se ele é irracionalmente administrado ou é escamoteado, nada se poderá fazer e, no caso, não há como fugir à evidência de **coisa premeditada**. Não creio que isso aconteça por especial antipatia ao Nordeste, das pessoas encarregadas de tomar essas decisões. Creio, muito mais

sil do amanhã.

Vale ressaltar, apenas, a coerência das atitudes: foi o atual Ministro da Agricultura, quando no Ministério da Fazenda, tocador do modelo e feitor do milagre (sic) brasileiro, quem comandou com eficácia final o assalto aos recursos da SUDENE - então depositária habilitada das esperanças nordestinas, para melhorar de vida com parte desse dinheiro. Alegou-se na ocasião, seria feito o PROTERRA, para financiar o melhoramento da infraestrutura agropecuária e a redistribuição de terras na região. Na prática, a SUDENE foi esvaziada à exaustão e o PROTERRA, rapidamente, virou só mais uma sigla: o dinheiro sumiu, os juros subiram, os prazos de amortização foram reduzidos, ficou impraticável e não tem nada de **programa**, na medida em que se chame assim a um conjunto de regras e procedimentos, organicamente estabelecidos, para alcançar algum objetivo.

E, se agora, quando o **industrialismo** deve tornar-se simplesmente industrialização, quando se quer tomar a lição da França (50% do tal PIB, lá, continuam sendo gerados na agropecuária) e da Índia (inflação anual de 0,5% e de colônia faminta recente passará, em

Ao Nordeste o que serviria é a disposição de recursos para pastagens e plantações adequadas.

possam ser os capins australianos para acudir à Pecuária da região, já que para a Agricultura, as limitações do clima são radicais e o caminho, envolvendo irrigação sistemática, este sim, custa muito mais dinheiro, preparo e assimilação de técnicas.

Ouvi falar de conclusões obtidas no CTA em São José dos Campos sobre a periodicidade das secas nordestinas, resultado de estudos por via matemática, pintando caminho definitivo de previsão. E, mais, que estaria iminente novo ciclo de anos secos, semelhante aos que ocorreram nos anos 30 e 40, e depois, de 1953 a 1958, ao fim do qual foi criada a SUDENE.

Se verdadeira essa estimativa, a superposição dela aos acontecimentos recentes, aos pacotes e sacos atuais, é, francamente desanimadora para quem não queira emigrar, ou porque rejeie culturalmente a hipótese, ou porque acredite que o nordeste é viável e não queira, nele, morrer de pobreza.

Somente a mobilização política poderá produzir alguma coisa a favor dos nordestinos, para equilíbrio econômico social do Brasil e, mesmo, para garantia futura de preservação da Nação brasileira.

Como se vê, até para contar essa história, a linguagem é diferente daquela de simples agropecuarista, condição de onde me propus a colaborar com a Revista, desde o que ia vendo acontecer aqui no sertão e, até, de certo entusiasmo que ia construindo, a duras penas, no meu trabalho. Mas, se as coisas se deslocam e as distorções conceituais continuam imbatíveis e passam a só ter entendimento à luz de interpretações dialéticas ou da História, agropecuarista não tem muito o que sugerir. No máximo, em paz com o seu ceticismo, ficará torcendo para que o povo nordestino volte a gestar lideranças políticas legítimas e, por isso, capazes de desmontar as amarras miseravelmente postas no pescoço e nas pernas dessa região. Se quiser falar mais, vai é espalhar desengano, o que não é coisa que se faça...

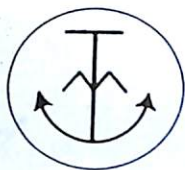
Taperoá, junho. 79



O modelo não deixa de continuar transferindo renda e população do campo para a cidade, pela via da escamoteação, e não há como fugir à evidência de coisa premeditada.

em subterfúgios de interesses menores, de curto prazo, somado à falta de visão política e dimensão nacional da cabeça dessas mesmas pessoas - o que é doença mais grave, capaz de inibir qualquer crença boa, inclusive, na saúde do Bra-

pouco tempo, a exportadora de alimentos, tudo graças à "revolução verde" de Indira Ghandi) e ... o Nordeste não entra nos sacos - maldita coerência - pouco se terá o que fazer, mesmo a partir da luz no fim do túnel que



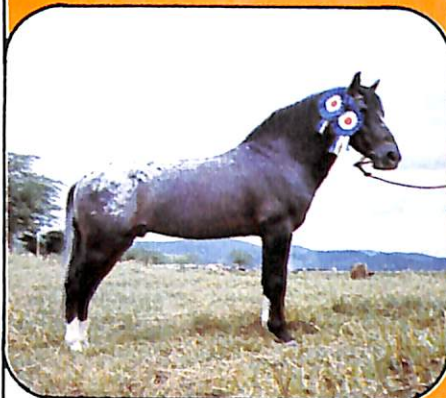
FAZENDA

GRUTA BAIANA

ITAGIBÁ - Bahia
ANTÔNIO MOTTA DE OLIVEIRA

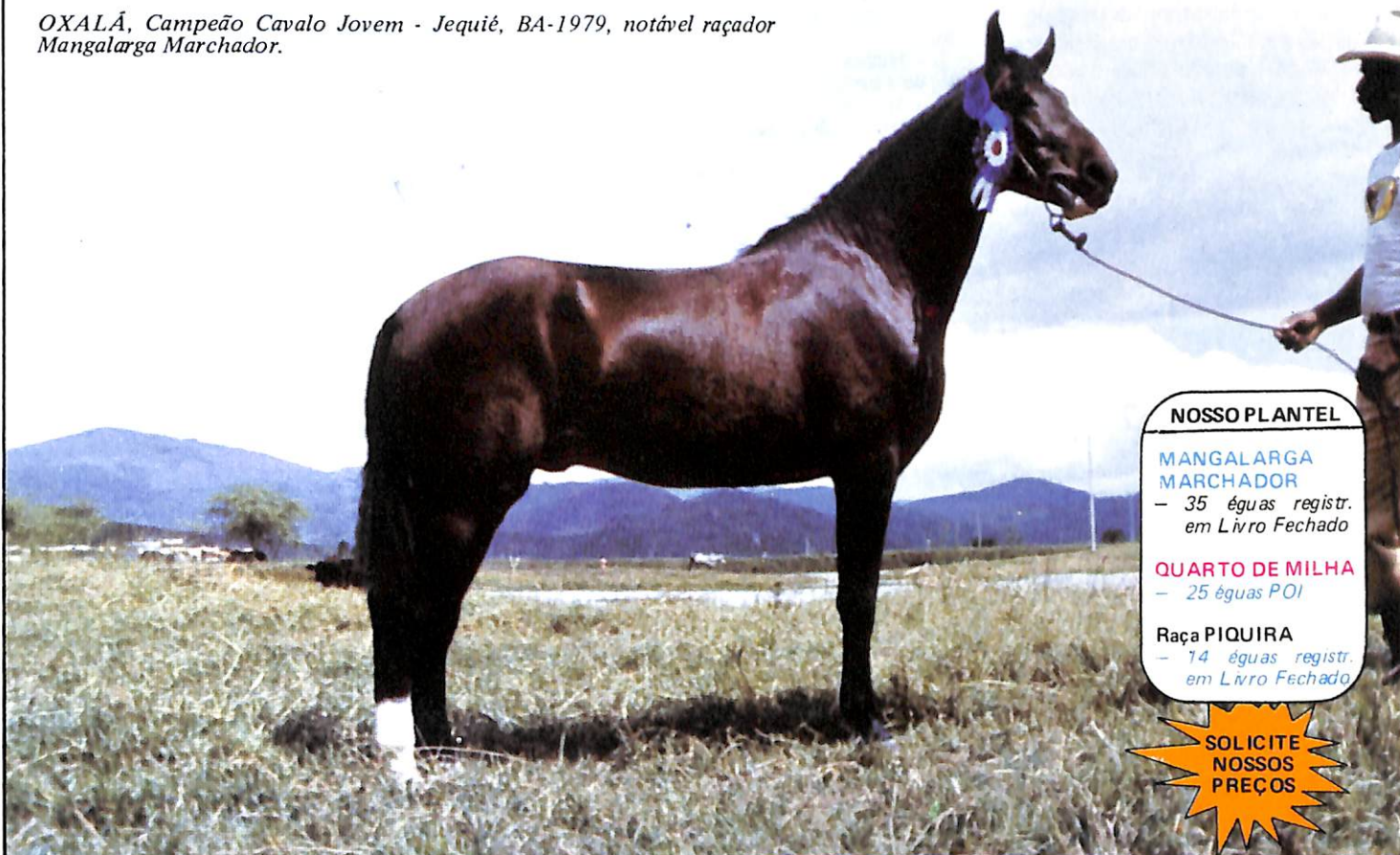
15
ANOS
de
SELEÇÃO

RAÇA PIQUIRA



O presente dos pecuaristas de hoje
que ajuda seus filhos a serem os
pecuaristas de amanhã.

*OXALÁ, Campeão Cavalo Jovem - Jequié, BA-1979, notável raçador
Mangalarga Marchador.*



NOSSO PLANTEL

MANGALARGA MARCHADOR

- 35 éguas registr.
em Livro Fechado

QUARTO DE MILHA

- 25 éguas POI

Raça PIQUIRA

- 14 éguas registr.
em Livro Fechado

**SOLICITE
NOSSOS
PREÇOS**

Desejo receber sem qualquer compromisso de nossa parte, pelo Cor-
reio, as informações assinaladas, GRATUITAMENTE:

Nome:

Endereço p/remessa:

Cidade: Estado:

- ☐ Qual o preço de um raçador
como OXALÁ?
- ☐ Preços de Quarto-de-Milha?
- ☐ O que significa "Vendas
acompanhadas de Tratador
especializado"?

- ☐ Detalhes sobre Programa de
Formação de Matrizes p/
Nordeste
- ☐ Preços Mangalarga Marcha-
dor
- ☐ Preços Raça Piquira

Correspondência:

- IPIAÚ, BA - R. Tomé de Souza, 59, CEP 45.570, Fone:
(073) 531-1170
- SALVADOR, BA - Pça. Marconi, s/n, Edif. Jardim da Pitui-
ba, apto. 1002, CEP 40.000. Fone: (071) 248-3177

NORDESTE CAMPEÃO EM UBERABA

Com a presença do Presidente da República, do Ministro da Agricultura e salientes autoridades políticas de todo o Brasil, além de representações de mais de 20 países, a Exposição de Uberaba marcou mais um tento rumo à consolidação do Zebu brasileiro.

A palavra de insígnies e renomados criadores frisava que nunca se havia visto gado de tão excelente nível como nesse ano e os julgamentos foram acompanhados com vivo interesse.

No momento em que a consciência dos dirigentes da Nação volta-se decisivamente para a agropecuária como maior recurso para escapar da inflação galopante e, ainda, propiciar uma digna refeição para todos os brasileiros, a Exposição de Uberaba ganha destaque como Meca da Pecuária tipicamente nacional, já com grande repercussão no Exterior.

Uma análise fria dos resultados dos julgamentos mostra que o Nordeste deixa de ser uma região longínqua e meramente um mercado consumidor de gado de raça para ocupar um lugar mais digno de fornecedor de Zebu que nada fica a dever a qualquer outro. O Nordeste foi campeão em Uberaba, tendo conquistado os significativos campeonatos:

GENERAL-H, da Paraíba, Grande Campeão Nacional da Raça Guzerá, 1979, tornando-se Tricampeão Nacional, consecutivamente.

Raça Guzerá

- Grande Campeão e Campeão Sênior, com General-H, da Paraíba.
- Grande Campeã e Campeã Vaca Adulta, com Paineira-S, da Paraíba.
- Reserv. Gde. Campeão e Reserv. Campeão Sênior, com Destinto-II, de Alagoas.
- Reserv. Campeão Touro Jovem, com Ditoso da Agrovale, do Ceará.
- Campeão Júnior, com Famoso, de Alagoas.
- Reserv. Campeão Júnior, com Bálamo-S, de Pernambuco.
- Reserv. Campeã Vaca Novilha, com Fada, de Alagoas.
- Campeã Bezerra, com Jaya-H, da Paraíba.
- Reserv. Campeã Vaca Jovem, com Acari-S, de Alagoas.
- Melhor Progenie de Pai, de Pernambuco.
- Melhor Novilho Precoco, com Famoso, de Alagoas.
- Melhor Desenvolvimento Ponderal, com Baroda, de Pernambuco.

Raça Indubrasil

- Grande Campeão e Campeão Sênior, com Rubi da Canafistula, de Sergipe.
- Grande Campeã e Campeã Vaca Adulta, com Fronteira, da Paraíba.
- Campeão Bezerra, com Dólar, de Sergipe.
- Reserv. Campeão Júnior, com Artigo, de Sergipe.
- Campeão Touro Jovem, com Sucesso, de Sergipe.
- Reserv. Campeão Sênior, com Fuzi-

Na grande festa internacional do Zebu ficou evidenciado, neste ano de 1979, em plena época de crise, que o Zebu Nordeste merece um grande respeito. O Nordeste foi e venceu a maratona, como se demonstra nessa análise.

leiro, da Paraíba.

- Reserv. Grande Campeã e Campeã Vaca Jovem, com Granada, de Sergipe.
- Campeã Bezerra, com Babilônia, de Sergipe.
- Reserv. Campeã Bezerra, com Malaia, de Sergipe.
- Campeã Novilha, com Festiva, de Sergipe.
- Reserv. Campeã Novilha, com Travesa, de Sergipe.
- Reserv. Campeã Vaca Jovem, com Batalha, de Pernambuco.
- Melhor Progenie de Pai, de Sergipe.
- Melhor Progenie de Mãe, de Pernambuco.
- Melhor Desenvolvimento Ponderal, de Sergipe.

Raça Gir

- Reserv. Campeão Touro Jovem, com Feitico da Passira, de Pernambuco.
- Reserv. Campeão Sênior, com Exorcista da Passira, de Pernambuco.
- Reserv. Campeã Vaca Adulta, com Estrelana da Passira, de Pernambuco.
- Melhor Novilho Precoco, com Gabarito da Passira, de Pernambuco.

Raça Nelore

- Reserv. Campeão Touro Jovem, com Amaruk, de Pernambuco.
- Campeã Bezerra, com Latina, de Pernambuco.

A PRESENÇA NORDESTINA

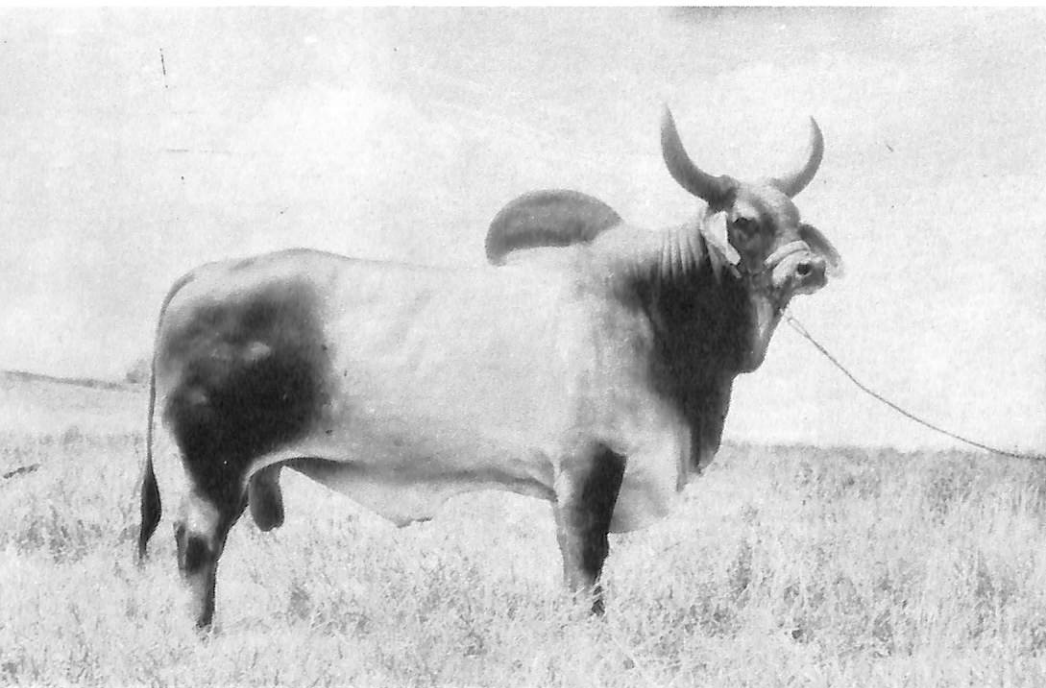
Compareceram a Uberaba plantéis vindos de 103 cidades, sendo que 31 deles eram do Nordeste, assim distribuídos:

CIDADES PRESENTES

Plantéis	Sul	NE
Guzerá	8	7
Indubrasil	8	12
Nelore	33	6
Nelore Mocho	17	2
Gir	26	3
Gir Mocho	7	1
Tabapuã	4	—
Total	103	31

Portanto nota-se que para cada cidade nordestina, havia 3,32 cidades sulinas competindo no páreo.

Depois do julgamento a análise por cidades mostra-se mais favoráveis ao Nordeste, como mostra o Quadro:



CIDADES VENCEDORAS

Plantéis	Sul	NE
Guzerá	4	5
Indubrasil	3	7
Nelore	11	1
Nelore Mocho	9	—
Gir	8	1
Gir Mocho	4	1
Tabapuã	3	—
Total	42	15

Conclui-se, por isso, que - para cada prêmio destinado a uma cidade nordestina foram conferidos prêmios a 2,8 cidades sulinas.

Ou seja, o Nordeste conseguiu premiar 48,3% de suas cidades presentes, enquanto o sul premiou apenas 40,7%. Uma vitória da presença nordestina.

Por outro lado, os números permitem concluir, também, que os plantéis nordestinos - em sua generalização - eram de melhor qualidade que os sulinos, pois a proporção de 1 para 3,32 verificada quanto à quantidade de cidades presentes caiu, ficando em 1 para 2,8 quanto à distribuição de prêmios.

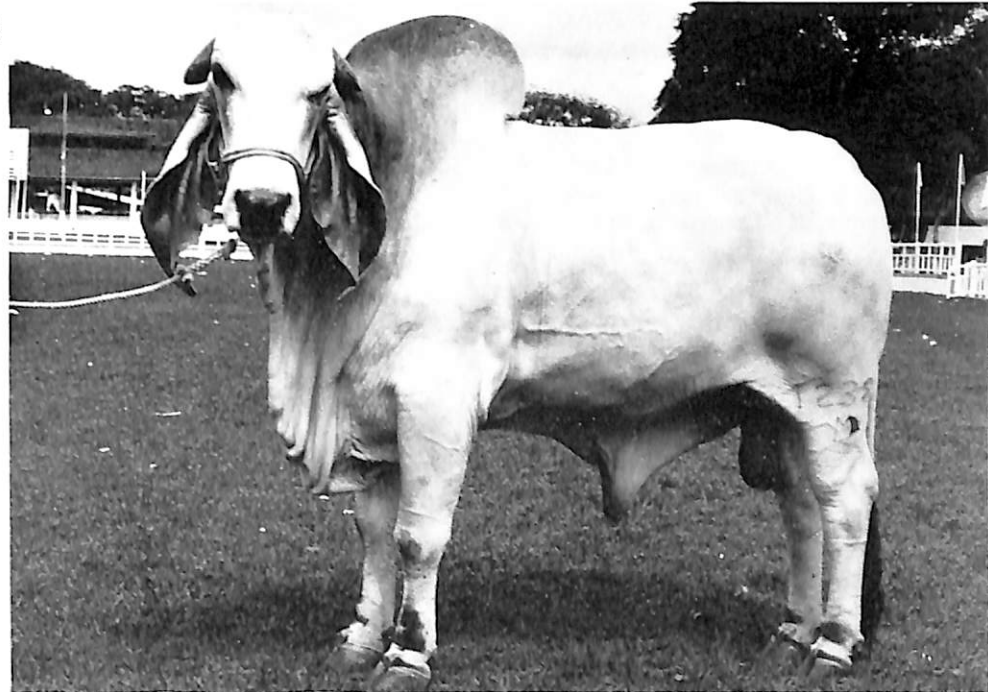
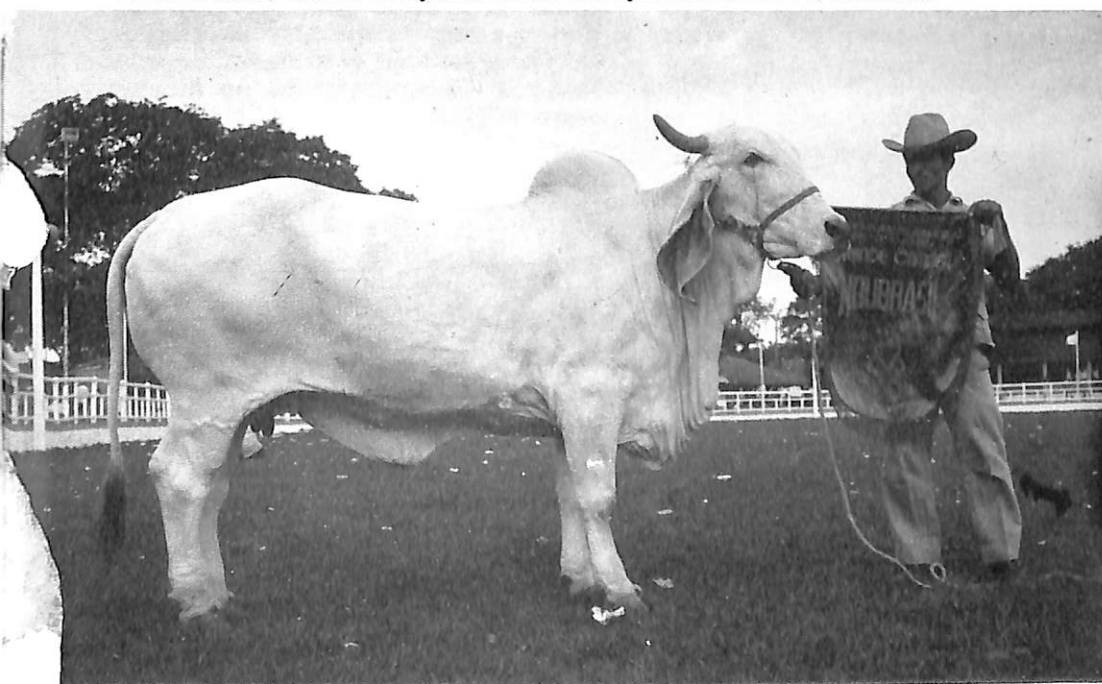
OS EXPOSITORES

Quanto à presença de expositores, o Nordeste estava numa posição muito incômoda, como mostra o Quadro:

EXPOSITORES PRESENTES

Plantéis	Sul	NE
Guzerá	9	7
Indubrasil	14	12

FRONTEIRA, Grande Campeã Nacional da Raça Indubrasil-1979, da Paraíba.



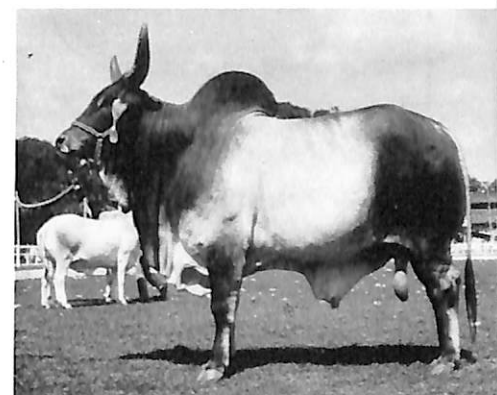
RUBI DA CANAFÍSTULA, Grande Campeão Nacional da Raça Indubrasil-1979, de Sergipe.

Nelore	56	6
Nelore Mocho	22	2
Gir	50	3
Gir Mocho	9	1
Tabapuã	4	—

Total	164	31
-------	-----	----

Isso quer dizer que para cada expositor nordestino presente havia 5,29 expositores sulinos, mostrando um páreo realmente difícil.

Mas, após o julgamento, as coisas desanuviam-se e o Nordeste provou estar com um bom Zebu, de acordo com o Quadro:



DESTINTO-II, Reserv. Grande Campeão Nacional da Raça Guzerá-1979, de Alagoas.

DISTRIBUIÇÃO DE PONTOS

Plantéis	Sul	NE
Guzerá	36	43
Indubrasil	16	55
Nelore	72	6
Nelore Mocho	17	—
Gir	59	11
Gir Mocho	62	5
Tabapuã	64	—
Total	380	124

É fácil notar que para cada ponto conferido ao Nordeste os sulinos conquistaram 3,06 pontos. Ou seja, da proporção esperada de 5,29 pontos os sulinos caíram para apenas 3,06. Uma vitória nordestina!

Por outro lado, cada criador nordestino, teoricamente, grangeou 4,01 pontos, enquanto cada sulino apenas 2,31, provando que a Exposição foi gratificante para o Nordeste.

O NORDESTE FOI CAMPEÃO, diz a ABCZ

Mesmo admitindo a contagem de pontos da ABCZ, sem levar nosso critério de classificação de títulos em conta, o Nordeste resulta campeão, como mostra o Quadro abaixo:

Ou seja, resumidamente, o Nordeste levantou 2.283 pontos contra 7.143 pelos demais Estados. Quando se esperava que, para cada ponto nordestino os sulinos conquistariam 5,29 pontos, constatou-se que somente conseguiram 3,12. Uma vitória nordestina!

Subtraindo-se os pontos conferidos ao Mocho Tabapuã do Quadro acima, por não se encontrar no recinto nenhum expositor nordestino, conclui-se que para cada ponto conquistado pelos nordestinos, os sulinos conquistaram apenas 2,77. Ou seja, A METADE DO QUE SE ESPERAVA!

SE OS DEMAIS ESTADOS SOMADOS CONQUISTARAM METADE DO



PAINEIRA, Grande Campeã Nacional da Raça Guzerá, 1979, da Paraíba.

DISTRIBUIÇÃO DE PONTOS DA ABCZ

Estado	total	Guzerá	Indubrasil	Nelore	Nel. Mocho	Gir	Gir Mocho	Tabapuã
Nordeste	2.283	832	1.023	163	8	155	102	—
Minas	2.401	208	263	324	344	968	294	—
São Paulo	3.289	167	—	766	898	15	640	803
Goiás	531	—	75	—	—	456	—	—
R. Janeiro	255	232	—	13	4	6	—	—
M. G. Sul	459	2	—	440	17	—	—	—
Paraná	65	—	—	65	—	—	—	—
M. Grosso	139	—	—	—	139	—	—	—
Esp. Santo	4	—	—	4	—	—	—	—
total	9.426	1.441	1.361	1.775	1.410	1.600	1.036	803

QUE SE ESPERAVA, isso significa QUE O NORDESTE SOZINHO CONQUISTOU O DOBRO DO QUE SE ESPERAVA.

E, como conclusão final, ainda pelos critérios e números da própria ABCZ, teoricamente: CADA CRIADOR SULINO conquistou apenas 3,96 pontos, enquanto CADA CRIADOR NORDESTINO conquistou 7,36 pontos. QUASE O DOBRO!

Em termos de Raça, a análise deixa claro:

- O melhor GUZERÁ está no Nordeste
- O melhor INDUBRASIL está no Nordeste
- O melhor NELORE está em São Paulo
- O melhor NELORE MOCHO está em São Paulo
- O melhor GIR está em Minas Gerais
- O melhor GIR MOCHO está em São Paulo

Nacional (78 Uberaba e Natal, e Uberaba 79).

Com essa vitória, seu proprietário ganha o título de Pentacampeão Nacional consecutivamente (Dacar em 76, Magnésio em 77, General em 78/Uberaba, General em 78/Natal, General em 79).

Além do Grande Campeão, o mesmo proprietário conquistou o título Grande Campeã Nacional, com Paineira-S, merecendo e dirigindo a atenção de todos os criadores para o Nordeste, Estado da Paraíba.

Na Raça Indubrasil, novamente o Estado de Sergipe fica com a maioria dos títulos, surgindo a novidade de o título Grande Campeã (Fronteira) ter sido conferido para o Estado da Paraíba. (Lembrar que o Grande Campeão Nacional 75 também foi do mesmo Estado).

CRITÉRIO DE ANÁLISE

O sistema adotado para contagem e distribuição de pontos resulta numa quantificação semelhante ao da ABCZ, embora qualificando melhor os pontos. Assim, são considerados significativos para a melhoria da pecuária de uma região, em termos de títulos, os de 1.º prêmio, campeonatos diversos e Progenies. Por ordem de importância, um consenso de criadores estipulou 4 pontos para o título de Progenie (que na presente análise irá substituir todos os títulos inferiores ao 1.º prêmio), 2 pontos para todos os campeonatos e Grandes Campeonatos e 1 ponto para os 1.º prêmio na Categoria.

DESTAQUES PRINCIPAIS

A raça Guzerá e a Indubrasil foram o destaque nordestino em Uberaba, pois em ambas, tanto o Grande Campeão como a Grande Campeã ficaram para a Paraíba ou Sergipe.

O destaque particular pertence ao Dr. Humberto César de Almeida, com seu touro Guzerá.

GENERAL-H, Bicampeão em Uberaba (78 e 79) e Tricampeão

Como sempre, Uberaba trouxe o melhor Zebu do Brasil.



CREPÚSCULO DOS MITOS—(5)

Tito Victor

SANTO OLHÔMETRO

Um amigo meu achou exagerado um artigo passado onde dissemos que o Certificado de Registro, emitido pelos técnicos do Zebu Brasileiro, pode se constituir, a grosso modo, num papelucho subjetivo, desnecessariamente digno de crença, uma vez que baseia-se na acuidade visual do técnico, não impostando se ele sofra de catarata, miopia, estrabismo ou esteja com um cisco na retina.

Não há dúvida que se colocamos a mão no fogo por meia dúzia de técnicos nossos conhecidos, pessoas idôneas e sensatas, não podemos fazer o mesmo por aqueles que estejam trabalhando a mais de 3.000 quilômetros de distância. Não queremos tirar o mérito de ninguém, mas é bastante difícil continuar acreditando em “papel de registro” quando, em se chegando aos sertões da Bahia, encontramos gado que não merecia ser registrado nem por aprendiz de Registro. E surge a pergunta incômoda: “Porque foi registrado?” Ora, simplesmente para possibilitar a venda, porque o cliente, ou clientes baianos queriam “gado registrado”. E, por um desses “milagres ou coincidências” tipicamente brasileiros, o gado mereceu registro, do dia para a noite, em sua terra de origem, embarcando, sorridente e altaneiro rumo à terra nova!

Aliás, se numa pista de julgamento, de nível nacional, os próprios juízes discordam entre si, o que podemos pensar das dezenas de abnegados “diretores de Registro”, esses lutadores que palmilham, isolados, o território nacional? Quantas vezes o olhometro não dá decisão oficial?

Os mais radicais insistem com a cantilena de que o Zebu ainda se encontra em heterose e não se pode definir uma regra ou um padrão mensurável e, então, surge a verdade: NÃO EXISTE UM PADRÃO REAL. O que existe são “regrinhas” que dizem: —A inserção de cauda deve ser delicada”. E o que vem a ser a palavra “delicada”? O que vem a ser “cupim saliente”? E outras expressões como: “Umbigo reduzido”, “Peito bem largo”, “Orelhas pendentes de longa a média”, “Chifres médios”, Chanfro curto e largo”. Ser selecionador é difícil, em parte porque ele perde muito tempo para “descobrir” o significado dessas palavras, pois nem fotografia de um padrão

existe, obrigando o criador a frequentar Exposições para tentar aprender.

Aqueles que já conhecem o segredo tentam não transmitir, fechando o acesso aos novos selecionadores e quem perde é a pecuária zebuína que vai ficando para trás, repisando os mesmos erros e caminhando com passo de lesma. Dificilmente um selecionador aceitará que se popularizem as regras e medidas de animais registráveis, pois isso viria facilitar muito a concorrência.

Na verdade, no momento em que um criador se filiasse a uma Associação de selecionadores, ele deveria receber catálogos, folhetos, mostrando “os ideais” a serem buscados e atingidos. Tabelas de pesos, como faz a Associação dos Criadores de Brahman, nos Estados Unidos. Os gringos sabem vender o seu peixe!

Também os germânicos não têm medo de entrar na pista com uma fita métrica, na cara de todo mundo. E lá pecuária é negócio sério. Todo criador sabe quais as medidas necessárias ou desejadas. Por isso não existe magia, mistério, ansiedade desmedida, confusões em pistas de interior e tanta coisa estranha que vemos amiúde nesse festival que é a pecuária nacional!

Afinal se a finalidade é buscar CARNE, LEITE e RAÇA, então sabemos que os parâmetros para Carne são mensuráveis, para Leite também e Raça é passível de comparação com um protótipo ou arquétipo, estereotipado das características ideais, via desenho esquemático ou fotografia.

Por isso é que o diálogo que mantivemos com um “diretor” numa fazenda pode entrar para o anedotário zebuino:

— É — disse o homem — o animal mais ou menos. As orelhas, o cupim, umbigo, tudo mais ou menos. Ele anda bem, está um pouco fora de peso...

— Doutor, qual o peso mínimo necessário para o Registro?

— Bom — fugiu o doutor, — não é só problema de peso, ele está um pouco estreito...

— Mas a mãe é aberta, o pai é largo, eu acho que o bezerro ainda vai alargar mais. Qual o mínimo tolerável para Registro?

— Bem — respondeu o homem enervando-se com as perguntas indiscretas nunca dantes feitas — esse animal não está muito dentro do ideal...

— E qual é esse ideal, doutor? Onde está esse ideal?

O homem enfezou de vez, olhou com cara de inquisidor sem fogueira à mão, embora ninguém estivesse pondo em dúvida seus conhecimentos, e proclamou:

— Tá aqui na cabeça, ora! Para isso somos diretor de Registro!

— Está certo, mas esse animal aqui, com tantos defeitos, pode ser inscrito, ou não pode?

— Bom, ele não é lá grande coisa, mas — por outro lado — tem uma expressão racial muito boa, é elegante em alguns detalhes, tem o olhar imponente, é caracterizado, TEM RAÇA! Vamos queimar o bruto!

E aí chega-se à conclusão: não é apenas olhometro, o Registro varia de acordo até com o bom humor do homem, também, e isso tem obrigado os criadores mais afoitos a convidarem os juízes para ministrar umas aulinhas particulares, enquanto milhares de outros prosseguem em uma lúgubre procição frequentando Exposições, tentando aprender as regras, mais voláteis que o vento.

E, se os juízes discutem, os criadores brigam, podemos dizer que todo mundo está querendo saber o que é, realmente, ... o Zebu Brasileiro.

Existe apenas uma certeza; obter Zebu excelente está na proporção direta ao acesso que se tem, amigavelmente, aos juízes e suas cabecinhas e olhinhos privilegiados.

OS LIVROS DA ALQUIMIA ZEBUÍNA

O fato ocorreu em pleno recinto de Exposição Nacional. Um criador, desses que discutem que Zebu é melhor que petróleo no fundo do quintal, avistou alguns exemplares da raça Gir e leu, pausadamente e solenemente na Tabuleta: G—I—R... L—E—I—T—E—I—R—O. Depois, olhou o animal, assustou-se:

— Mas isso aí é um Gir?

Os transeuntes e outros criadores olharam o pobre homem com extrema dó, pois estava óbvio que aquilo era Gir. Estava na baía de Gir, com tabuleta de Gir, no meio de outros Gir, só podia ser Gir.

— Mas olha os chifres, olha os olhos, olha o corpo, olha o jeito dele, não tem nada de Gir! É um mestiço!

Mas como poderia haver um engano? Como um animal estranho, meio Gir, meio qualquer-coisa, meio mestiço, po-

dia estar numa exposição como essa, ostentando uma placa de "G-i-r L-e-i-t-e-i-r-o?" (Bom, São Paulo fez uma Expo Internacional e exibiu até aftosa!)

O diabo é que a ABCZ exibe um Livro Aberto para o Gir Mocho, para o Mocho Tabapuã, fechou o Livro Aberto de Nelore Mocho, isto é, o chifre é quem determina a abertura de um Livro, embora a Inglaterra já se arrependeu de fazer mocho, por não haver vantagem.

Não existe um Livro Aberto para Gir Leiteiro, Guzerá Leiteiro, ou qualquer Zebu Leiteiro!

— Ah!, argumenta a Santa Inquisição, os diretores de Registro admitem uma certa tolerância quanto ao registro de Zebu Leiteiro. Assim, o Gir pode não ser tão gir, o Guzerá não precisa ser tão Guzerá, enfim, o Zebu leiteiro pode ser alguma coisa meio diferente...

— Quer dizer — esbraveja o criador — que Zebu Leiteiro só leva trombada na pista de julgamento. Quer dizer que ZEBU LEITEIRO É UMA TOLERÂNCIA?

Meu Deus, quase cai o céu no recinto da Exposição, pois a polêmica ganhou foros de Guerra Mundial, pois veio gente de todo lado, vieram aqueles que pregam que Zebu Leiteiro é conversa de doido, outros que insistem que o leite é mais importante que o cupim, outros que Zebu é boi de corte, aqueles que acham que Zebu é animal selvagem, outros que definem leite como sinônimo de holandês. No final da confusão, apenas uma coisa era certa: quando o animal for "esquisito" basta intitulá-lo de Leiteiro e pronto... ele ganha registro.

— Zebu Leiteiro deve ser julgado com mais condescendência, pode ser menor, pode ser mais feio, pode não ser tão caracterizado, pode ter o dorso meio arriado, pode ser mais barrigudo, a cauda é besteira, os chifres são simples enfeites, a cor meio hippie, meio camavalesca... tudo isso pode ser perdoável... mas TEM QUE DAR LEITE!

— Cruzes, quer dizer que, então, na verdade, isso aqui não é mesmo um

GIR? — pasmou o criador assombrado por encontrar um "falso Gir" nas baías de Gir.

— Bom, contornou a Papisa, é um Gir... quer dizer... um GIR LEITEIRO. Mas é, com certeza, um Z-E-B-U..., ou melhor, mais ou menos um Zebu!

O criador embasbacou, matutando como é que ele poderia pegar uma novilha puro sangue, de linhagem leiteira, e cruzar com um touro girolando, para aumentar o leite e continuar GIR, devidamente credenciado e com direito a Tabuleta em exposições... e grande fartura em leite, lógico!

— Quer dizer que Zebu Leiteiro se deforma e por isso esse Gir esquisito aqui é um GIR — prosseguiu o indômito criador — então porquê vocês não abrem um LIVRO ABERTO para leite, ao invés de prestigiar os chifres!

O fim da conversa ia ser aqui, pois o homem quase foi expulso do recinto, mas ganhou fôlego e, enquanto ia sendo arrastado, ia fazendo as últimas perguntas:

— E porque nas pistas não entram Livro Aberto com Livro Fechado já que a diferença é chifres e coisinhas inúteis na produção de carne e leite? É só para dar mais taças para criadores? É só para criar novas modas? É para continuar com o mascatismo? Porque se condena a seleção de Zebu para Leite dessa maneira, intitulando de "tolerância?" Porque permitir que essa vaca Gir fique com essa tabuleta aqui se, na pista, ela seria olhada com horror pelo juiz e desclassificada na metade da primeira volta?

E, lá no portão ainda teve tempo para esbravejar:

— Porque não abrem o Livro para Nelore Vermelho, Indubrasil Vermelho, Nelore Café, Nelore Rosa, Indubrasil Preto, já que as diferenças não alteram a produção de carne ou leite e tampouco a caracterização em geral? Porque é que somente os chifres têm prioridade?

E cá no nosso juízo as idéias feriram, pois o homem tinha razão, teoricamente. Deveria haver livros diferenciados, não somente para favorecer detalhes racistas, mas também (ou prin-

cipalmente) para favorecer detalhes de produção. Assim, os dois principais Livros Abertos deveriam ser:

- 1) LIVRO ABERTO para Zebu Leiteiro.
- 2) LIVRO ABERTO para Zebu de Grande Peso.

E as variedades raciais, uma vez que não fogem às especificações de produção, poderiam ser julgados de uma só vez, ou seja, um Nelore Mocho poderia ser melhor que um Nelore de chifres, um Gir Mocho poderia derrotar um Grande Campeão com chifres.

A não ser que alguns criadores admitam que, realmente, o Zebu sem chifre é menos pesado, ou mais pesado, dá mais leite, ou menos leite. Se isso é aceito como verdade, então há muito louco nesse Brasil pensando ser criador de gado de raça, porque ninguém vai querer dizer que Poganoo é bom para o plantel Nelore.

Ou então, brevemente, teremos muitos títulos nas pistas: Grande Campeão Nelore, Grande Campeão Nelore Mocho, Grande Campeão Nelore Rosa, Grande Campeão Nelore Vermelho, Grande Campeão Nelore Café, Grande Campeão Nelore Esquisito, Grande Campeão Nelore Multicor, Grande Campeão Nelore Vermelho Mocho, e daí por diante. Até Nelore Anão vai aparecer!

Enfim, falta definir claramente o que é a Raça e o que é Variedade!

E, no ar, ficou pairando a ironia daquele criador baiano:

— Ganhar, a gente não ganha, mas todo mundo fica com inveja do nosso Nelore com 1.100 quilos, cujo peso é comum em nossa fazenda. A boniteza leva prêmios, nós levamos compradores para a fazenda! Há quem prefira colecionar bonequinhas de luxo, cachorro pequinês e coisas assim, eu prefiro Nelore pesado, bem caracterizado e bom reprodutor. Vir a uma exposição, perder para um magrinho, é uma questão de ironia, pois a existência do animal é a vitória para o selecionador, e não o título!

Maio. 1979

Estamos nomeando representantes para todo o Brasil.

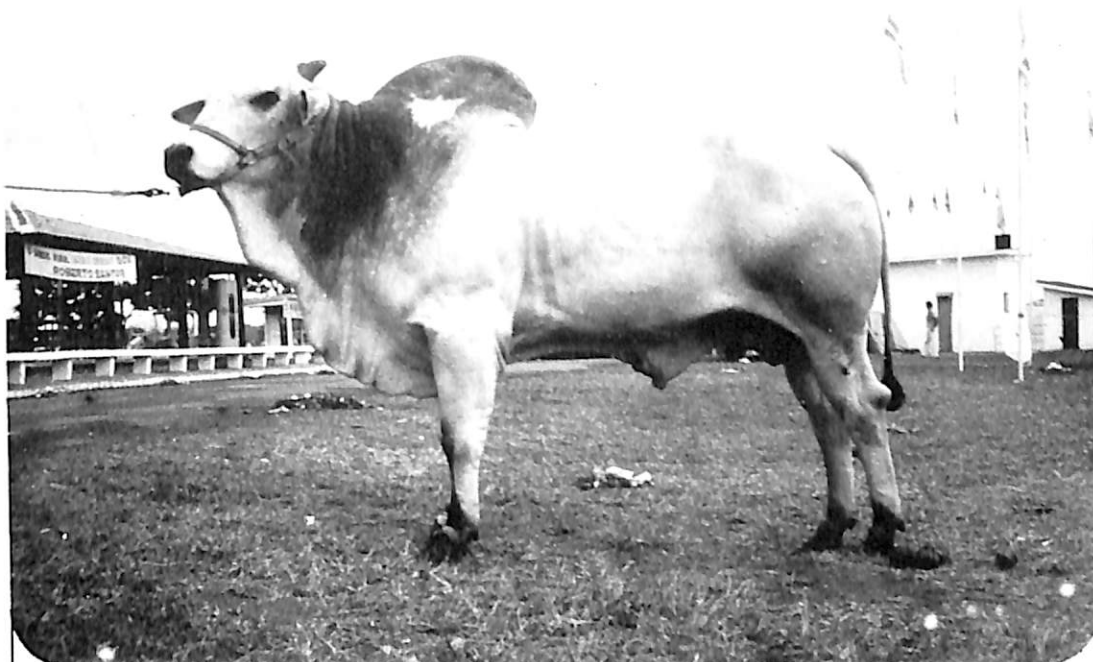
A Revista PARAIBA PECUÁRIA é o legítimo veículo defensor das potencialidades nordestinas e realizações do empresário rural brasileiro, sendo uma revista que permanece constantemente nas mãos dos líderes e criadores.

POR ISSO, sua publicidade em PARAIBA PECUÁRIA vale muito mais.

FAZENDA FLORESTA

AUTIMIO FERNANDES — INACIO MARIANO MACIEL FERNANDES (Méd.Veterin.)
ITAMBÉ — Bahia

SELEÇÃO
NELORE



Excepcional Velocidade de
Crescimento na Raça NELORE
- Veja o Ganho de Peso diário de
alguns dos animais premiados em
Itapetinga, Bahia-79.

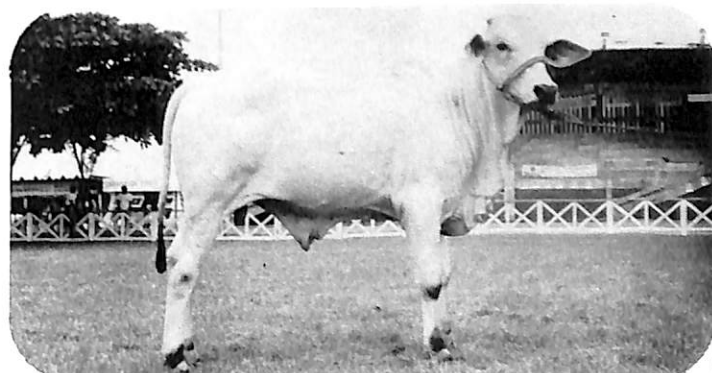
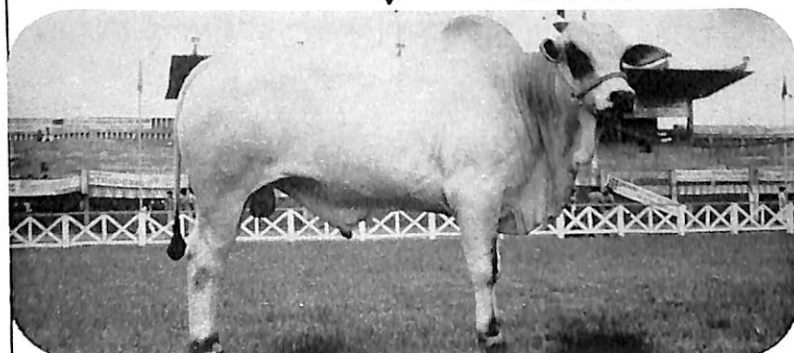
**ESPARTANO — 58
5976**

· *Campeão Touro Jovem*
· *Reserv. Grande Campeão*
· *Expo Itapetinga, Bahia, 79*
Nasc: 30.09.75
Peso: 710 kg (jan. 79)
Ganho de Peso diário: 1,916 kg
Pai: Guardião RG-5928
Mãe: Irlanda da Floresta (V-4385)

FURGÃO DA FLORESTA - 82

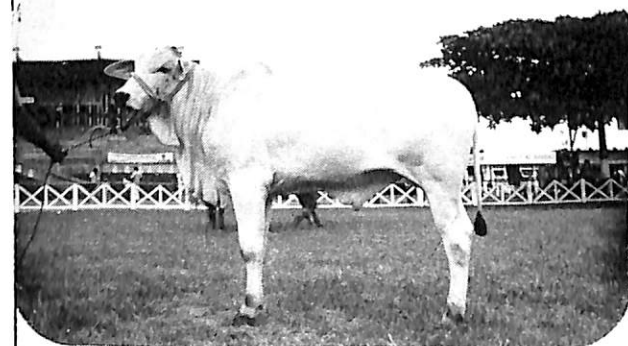
Lastro OM (mais de 80
anos) e linhagem
AKASAMU (Imp).
Pureza garantida até a
atual 5a. geração.

· *Reserv. Campeão Júnior*
· *Itapetinga, Bahia - 79*
Nasc: 13.12.76
Peso: 525 kg. Ganho diário: 1,500
kg
Filiação: Guardião RG-5928/Rivoli
RG A-4552



HUMILDE DA FLORESTA - 140

Campeão Bezerro
Itapetinga, Bahia - 79
Nasc: 03.06.78
Peso: 240 kg (jan. 79) - Ganho diário: 1,041 kg
Filiação: Guardião RG-5928/Joice RG-Aj-7193



**GALANTE DA
FLORESTA - 89**
Reserv. Campeão Bezerro
Itapetinga, Bahia - 79
Nasc: 20.02.77
Peso: 335 kg - Ganho
diário: 1,341 kg
Filiação: Guardião
RG 5928/Noturna
RG-E-4048

**MELHOR CONJUNTO
PROGÊNIE DE PAI**
(filhos de Guardião, netos
de AKASAMU, importado)
em Itapetinga, Bahia - 79
Ganhos de Peso diários:
GALANTE (1,341 kg),
GESTAPO (1,291 kg),
HERDADE (1,216 kg),
HINDU (1,316 kg)



ITAPETINGA, Bahia — CEP 45.700 — Praça Duque de Caxias, 80 — Fone: 261-1008

SALVADOR, BA — CEP 40.000 — Av. Euclides da Cunha, 50, 6o — Fone: (071) 247-1976

BAHIA COM PECUÁRIA INDEPENDENTE

A Bahia, um dos maiores Estados do Brasil, sofrendo atualmente um surto progressista inusitado, tem em sua pecuária homens de grande capacidade de luta, havendo diversas cidades onde a única atividade é o cuidado pela criação de bovinos, equinos suínos e caprinos.

Verificando que o Regulamento definido pela ABCZ deixava a desejar, o Governo do Estado da Bahia resolveu adequar os parâmetros de Uberaba para uma atuação mais sensata, de cunho regional.

Assim, ouvindo diversas autoridades e técnicos no assunto, o Dr. Jackson Cardoso elaborou uma pesquisa junto aos mais renomados criadores do Estado, concluindo pela criação de um Novo Regulamento para participação em Exposições Agropecuárias na Bahia.

As diferenças mais salientes estão nos critérios adotados para estipular as idades nas categorias de julgamento e na contagem de pontos de acordo com os títulos obtidos.

Com essa atitude, a Bahia começa uma nova era na história da Pecuária Brasileira, pois vem quebrar uma série de conceitos que estavam afligindo principalmente o Nordeste, região que não conta com nenhuma definição especial por parte do Governo ou da ABCZ, mesmo ostentando já uma pecuária típica de alto valor zootécnico.

A alienação fez-se sentir na Bahia e o resultado aí está, um Novo Regulamento estabelecido por Lei, elaborado de acordo com orientação dos próprios criadores.

Apenas como ilustração, trazemos a Tabela de Contagem de Pontos, a baiana e a da ABCZ; lembrando que no Novo Regulamento, ela vem publicada no Capítulo XVII. Os interessados em receber todo o Regulamento poderão escrever para Secretaria de Agricultura, Depto. de Promoção Agropecuária.

Dentro da Classificação de Pontos há uma cláusula taxativa, dizendo: "O juiz poderá deixar de conferir o título de MELHOR PROGÊNIE DE PAI OU MÃE, caso os animais que os compõem não o mereçam".

Dentro do que a revista vem preconizando, em termos de melhoramento de um rebanho, a contagem de pontos da Bahia é um pequeno progresso em relação à da ABCZ, pois desvaloriza

DA CONTAGEM DE PONTOS

	ABCZ	BAHIA
1 — Melhor Progenie de Mãe	40	80
2 — Melhor Progenie de Pai	40	40
3 — Campeão da Raça	60	60
4 — Campeã da Raça	60	60
5 — Reservado Campeão da Raça	50	50
6 — Reservada Campeã da Raça	50	50
7 — Campeão Sênior	40	40
8 — Campeã Vaca Adulta	40	40
9 — Reservado Campeão Sênior	30	30
10 — Reservada Campeã Vaca Adulta	30	30
11 — Campeão Touro Jovem	40	35
12 — Campeã Vaca Jovem	40	35
13 — Campeão Cavalo Jovem	—	35
14 — Campeã Égua Jovem	—	35
15 — Reservado Campeão Touro Jovem	30	20
16 — Reservada Campeã Vaca Jovem	30	20
17 — Reservado Campeão Cavalo Jovem	—	20
18 — Reservada Campeã Égua Jovem	—	20
19 — Campeão Júnior	30	30
20 — Campeã Novilha	30	30
21 — Reservado Campeão Júnior	20	15
22 — Reservada Campeã Novilha	20	15
23 — Campeão Bezerro	30	25
24 — Campeã Bezerra	30	25
25 — Campeão Potro	—	25
26 — Campeã Potra	—	25
27 — Melhor Novilho Precoces	30	40
28 — Melhor Animal de Marcha	—	20
29 — Melhor Úbere	(variável)	60
30 — 1º. Prêmio	10	08
31 — 2º. Prêmio	07	06
32 — 3º. Prêmio	04	04
33 — Menção Honrosa	—	02

za animais em evolução, mantém a valorização do Grande Campeão e Grande Campeã, mas posiciona melhor os conjuntos de Progenie.

(Ouvindo vários criadores e zootecnistas, Paraíba Pecuária e concluiu que o maior prêmio deveria ser outorgado não ao Conjunto Progenie de Mãe, mas sim ao Conjunto Progenie de Pai, o que fica como sugestão para o futuro. No restante, a nova pontuação é superior quanto aos grandes títulos).

Dr. Jackson Cardoso, o técnico que ouviu os criadores e realizou o novo Regulamento do Estado da Bahia, já em franca utilização.



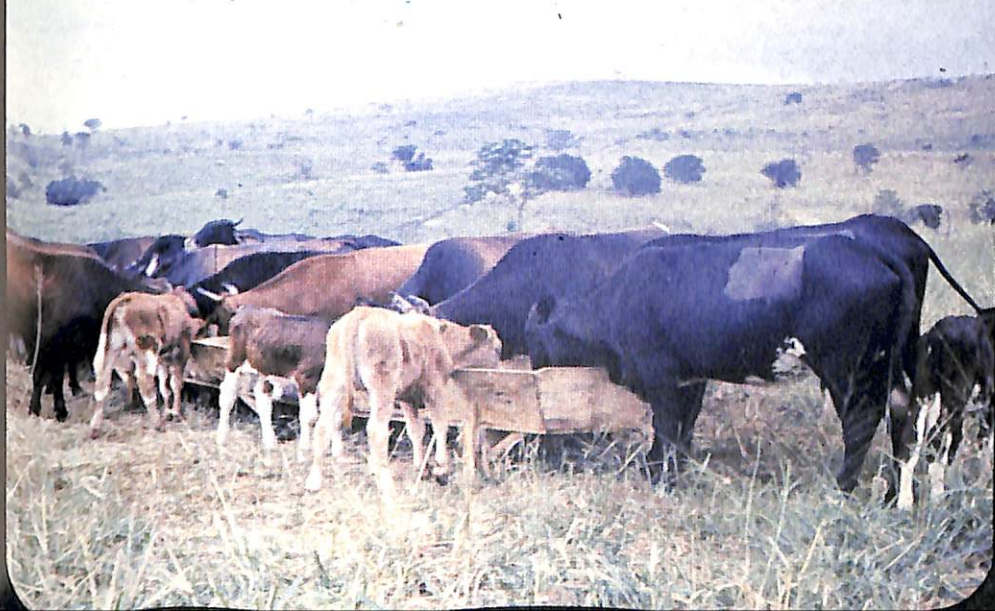
TRANSFERÊNCIA de EMBRIÃO

uma realidade no Brasil



O MILAGRE da MODERNA PECUÁRIA

Lote de fêmeas já enxertadas pela mais moderna técnica de Transferência de Embrião.



Campo Verde
EMPREENDIMENTOS RURAIS LTDA.

O "MILAGRE" MODERNO

Transferência de Embrião (T. E.) não é, a rigor, um processo novo, pois data de 1890, ocasião em que foi executado com sucesso em coelhos e, mais tarde, em quase todas as espécies de mamíferos. Hoje, até as mulheres já passaram pelo "milagre", pois o bebê-de-proveta nada mais é que um transplante de embrião, com tecnologia adequada.

Com a popularização da Inseminação Artificial, onde um único touro pode fecundar todo um rebanho, os técnicos verificaram que poderiam obter máximo rendimento, desde que uma fêmea pudesse produzir mais bezerros do que o estipulado pela Natureza. Uma vaca tem condições de produzir mais bezerros do que o estipulado pela Natureza. Uma vaca tem condições de produzir, normalmente, 6 a 10 bezerros em todo o seu período de fertilidade, que dura 10 anos, em média. Com o processo de super-ovulação ela pode fornecer óvulos que, devidamente fecundados, poderão gerar até 80 bezerros por ano.

O "milagre", portanto, é poder obter muitos filhos de uma notável vaca, todos eles produtos de famosos touros, em tempo rigorosamente curto. Com a Transferência de Embrião (T.E.) a pecuária ganha velocidade surpreendente, garantindo uma evolução positiva, pois permite acelerar a purificação genética de todo o rebanho.

A nova técnica, já economicamente viável, consiste em extrair óvulos fecundados da fêmea doadora e transferi-los para diversas fêmeas receptoras. A doadora deverá, sempre, ser uma fêmea excepcionalmente boa, enquanto que as receptoras poderão ser vacas comuns. A técnica exige, portanto, um grande número de receptoras na fazenda, todas fisiologicamente perfeitas.

A T.E. pode ser efetuada por cirurgia, como na Compo Verde, ou por via não cirúrgica, como em diversos países. Os resultados práticos, porém, aconselham a via cirúrgica, pela eficiência máxima.



A além de constituir em excelente plantel, a Campo Verde mantém cerca de 60 Nelore POI para servirem de doadoras de embriões.

CAMPO VERDE

No Brasil, alguns testes já haviam sido realizados, mas os resultados nunca animaram a iniciativa privada. A Campo Verde, consciente de que a T. E. poderia modificar as perspectivas da pecuária nacional, decidiu-se a explorar o assunto, e enviou seus especialistas aos Estados Unidos, trazendo de lá, após o necessário estágio e aprendizado das modernas técnicas, dois cientistas de vanguarda. A equipe, assim formada, implantou o sistema de coleta e transferência, na Bahia. Hoje, o Brasil assiste o início de uma nova era na pecuária.

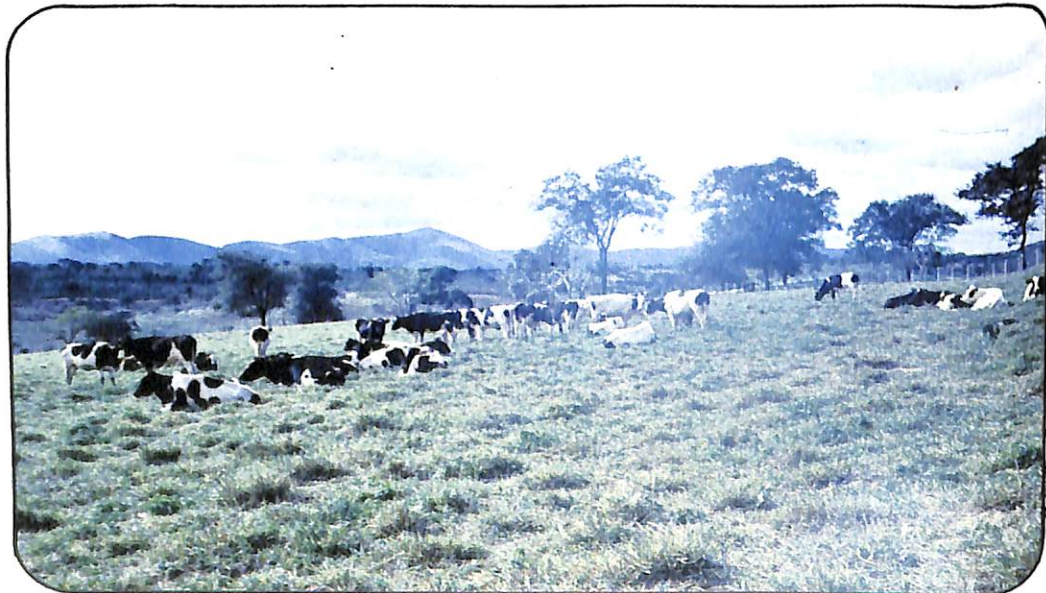
Alicerçando o empreendimento, um lote de 150 fêmeas da raça Holandesa e um plantel

Empresa consolidada na Bahia, com áreas diversificadas de atuação, a Campo Verde vem dedicando grande atenção à agropecuária e, para tanto, implantou um sofisticado serviço de irrigação com energia instalada de 450 KVA, o que permitiu a introdução de animais de alto nível zootécnico.

O rebanho está constituído por fêmeas Nelore, sendo que cerca de 60 POI para servirem de doadoras de embriões; 150 fêmeas da raça Holandesa, um plantel de Gir ainda em formação.

A rotina operacional da fazenda prevê a realização de 5 dias de serviço de Transferência de Embriões por mês. Cada doadora será super-ovulada em período de 90 dias, durante 3 vezes consecutivas, sendo depois inseminada para uma gestação normal. Já as receptoras receberão embriões e produzirão 3 a 4 bezerros, apenas, sendo depois, descartadas.

Gir ainda em formação sempre animais de alta qualidade.





O início da Coleta de Embriões.



No laboratório, a procura aos embriões que se encontram em líquido conservador.



Já localizado, o embrião é sugado pela pipeta e transferido para outro recipiente.

A TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÕES

uma técnica absolutamente segura

1) PERÍODO DE CLASSIFICAÇÃO — as doadoras deverão ser de qualidade zootécnica inquestionável. As receptoras deverão ser excelentes, normais, fisiologicamente saudáveis, sem nenhuma doença de reprodução. O normal é manter um plantel de 1 doadora para 10 receptoras, pois estima-se de 5% das fêmeas entram em cio, num mesmo dia, em grandes rebanhos como no presente caso.

2) OBSERVAÇÃO — analisa-se o comportamento de pelo menos 2 ciclos estrais (mais ou menos 60 dias). Por meio de apalpações os técnicos verificam qualquer anormalidade. Compõem-se os lotes, juntando as receptoras que tenham seu período de cio mais próximo do da doadora. Para cada semana de atividade reserva-se um lote.

3) AGRUPAMENTO — aplica-se um tratamento com Ciosin, para sincronizar o cio de cada lote. As fêmeas entram em cio após 3 a 5 dias, num rendimento de 80%. Definem-se, então, os grupos de doadoras e suas receptoras.

4) SUPER-OVULAÇÃO — o tratamento para obter uma super-ovulação da doadora é realizado com FSL e LH (estimulante hormonal de folículos). Prevê-se a obtenção de 6 a 8 folículos, após 5 dias, embora com um tratamento intensivo podem-se obter 30, 40, 60 e até 80 folículos.

5) CONFIRMAÇÃO — volta a se

Início da cirurgia, para a Transferência.

aplicar o sincronizador de cio para confirmar que tanto a doadora como as receptoras estarão em cio na mesma data. Após 48 horas dessa aplicação a doadora poderá ser inseminada.

6) INSEMINAÇÃO — a doadora super-ovulada pode ser inseminada. As receptoras são definitivamente agrupadas prevendo-se a data da transferência.

7) PREPARAÇÃO — tanto a doadora como as receptoras entram em jejum rigoroso, de água e comida, 24 horas antes do dia da T. E. No dia exato as receptoras passam por um toque ginecológico para determinar qual o ovário que está com corpo lúteo. Raspa-se o pelo do flanco a sofrer a cirurgia e faz-se uma assepsia rigorosa no local.

8) COLETA DE EMBRIÕES — a doadora é conduzida ao tronco de coleta (o mesmo para a cirurgia de trans-



O operador segura o útero para efetuar a Transferência do embrião, é o momento principal.

ferência). Aplica-se uma anestesia epidural. A coleta realiza-se do 5º ao 9º dia após a inseminação, sendo ideal o 7º dia, pois nesse dia o embrião entra no útero. Introduce-se um cateter de borracha até o colo do útero, injeta-se um líquido específico para lavagem que, juntamente com massagem especial, desprende os embriões. O mesmo cateter permite a introdução e retirada do líquido, que vai sendo acumulado em um frasco determinado. O processo é indolor e a operação dura cerca de 20 minutos. Imediatamente após a coleta, a doadora é solta no piquete,

podendo-se alimentar, juntamente com as demais fêmeas.

9) IDENTIFICAÇÃO — o líquido coletado é conduzido para o laboratório onde é minuciosamente analisado ao microscópio. Essa análise deverá ser realizada o mais rápido possível, pois quanto mais cedo for efetuada a transferência, melhor será o rendimento. Normalmente, o embrião pode sobreviver até 3 horas fora do líquido conservador específico. Estando em líquido próprio, o embrião pode sobreviver até 72 horas, renovando-se, a cada 2 horas, o conteúdo. No microscópio identifica-se a qualidade e quantidade de embriões da coleta. Na medida em que vão sendo localizados, os embriões vão sendo transferidos para um recipiente próprio que, a seguir, será levado para a transferência.

10) TRANSFERÊNCIA — a receptora é introduzida ao tronco, aplica-se a anestesia local e pratica-se uma incisão no flanco previamente indicado. O operador pega o útero, enquanto o auxiliar localiza, ao microscópio, um embrião no recipiente. O embrião é sugado em uma pipeta e entregue ao operador que o introduz rapidamente no útero da nova mãe, onde passa a se desenvolver, novamente. A operação leva, de 15 a 30 minutos, normalmente. A receptora sai imediatamente para o piquete, dando lugar a uma nova fêmea.

11) FINALIZAÇÃO — as receptoras ficam em observação diária no piquete durante 10 dias, até a retirada dos pontos da cirurgia.

12) CONSUMAÇÃO — o último passo é a confirmação de prenhez, o que é realizado no prazo habitual.

Já transferido o embrião, pode-se encerrar a cirurgia.



VANTAGENS

As doadoras, fêmeas de notável nível zootécnico, sendo inseminadas por extraordinários touros provados em Teste de Progênie, dão como resultados filhos também excelentes. As vantagens são muitas, podendo-se relacionar as principais:

- 1) Possibilita obter filhos dos melhores reprodutores e das melhores fêmeas, estejam onde estiverem os animais.
- 2) Evita gastos com compra de reprodutores e/ou fêmeas de alto nível.
- 3) Um touro ou uma fêmea tem capacidade limitada de produção. A T.E. permite obter até 80 filhos em um único ano.
- 4) O índice de fertilidade (considerado na monta natural ou na inseminação artificial) torna-se ultrapassado, pois uma única coleta oferece muitos embriões.
- 5) Uma doadora de alto nível pode padronizar todo um rebanho em pouco tempo, permitindo uma "milagro-

sá' purificação genética.

6) Possibilita um melhor controle sanitário, eliminando os perigos de doenças da reprodução, tais como: brucelose, vibriose, trichomonose, etc.

7) Devido à máxima segurança quanto à fertilidade e taxa de natalidade, permite uma produção de maior quantidade de bezerros de alto nível.

8) Permite introduzir apenas touros provados em Teste de Progênie, visando a implantação de cruzamentos industriais.

9) Garante, seguramente, maior ganho de peso ou aumento da capacidade leiteira, devido à utilização de touros e fêmeas criteriosamente escolhidos.

10) Anula a dúvida de infertilidade e consequentes descartes de animais que poderiam ser fêmeas de bom nível.

11) Permite programar a safra de bezerros de acordo com as necessidades.

12) Melhora o mercado de tourinhos reprodutores de alto nível, evitando a popularização de touros sem o devido valor zootécnico.



Ponto final: a receptora já está enxertada.

13) Permite maior giro e mais lucratividade para as fazendas, eliminando-se os animais não adequados ao processo de T. E.

14) Permite organizar a produção da fazenda, economicamente.

15) Define, em todas as raças, quais são os plantéis que, realmente, podem ser considerados melhoradores do rebanho nacional.

ATENDIMENTO À PECUÁRIA NACIONAL

A Campo Verde garante que, se for necessário, poderá alocar suas instalações, seus técnicos e know-how para terceiros, mas exige que, nesses casos, as receptoras somente seriam retiradas do recinto após a confirmação de prenhez, ou então 90 dias. Tudo dependerá do acordo entre ambas as partes, pois muitos são os fatores a serem discutidos numa operação tão delicada.

No momento, a preocupação é efetuar T. E. das notáveis doadoras Nelore POI, inseminadas com os maiores touros, visando melhorar o plantel.

Por outro lado, sabe-se que existe a possibilidade de se efetuar a coleta a milhares de quilômetros de distância e realizar a



Logo após a cirurgia, a receptora pode andar normalmente.

O processo é quase indolor e as receptoras podem se juntar ao plantel imediatamente

T.E. em receptoras na fazenda-base. Para tanto, basta um técnico especializado deslocar-se até o local, efetuar a coleta, abrigando os embriões em líquido conservador, num vidro que cabe até no bolso de uma camisa e voltar rapidamente para realizar a cirurgia. Essa operação repete-se diariamente nos Estados Unidos, com rotineiro sucesso.



O início das operações, na Campo Verde, foram presenciadas por uma representação direta do Ministério da Agricultura, pela presidência e outros diretores da ABCZ - Associação Brasileira dos Criadores de Zebu, autoridades estaduais, representação de diversas escolas de Ensino Superior, juizes das raças zebuínas e selecionadores de diversos Estados.

CAMPO VERDE EMPREENDIMENTOS RURAIS LTDA.
Av. Antônio Carlos Magalhães, 34
Salvador BA - CEP 40.000 - Fones: (071) 248-7769/8322
Senhor do Bonfim BA - CEP 48.970 - Fone: (075) 841-1994

UNIÃO DOS NORDESTINOS

o despertar de uma nova
consciência

Nossos agradecimentos aos grandes
nordestinos que facilitaram nosso trabalho:
José Inojosa de Andrade (PE), Manoel
Dantas Vilar Filho (PB), João Gomes
Grangeiro (CE), Felício Francisco de
Brito (BA), Octávio Machado Neto (BA),
Hélio Paranaguá (PI), José Gualberto (PE),
Marcelo Koch Gomes (BA), Miguel José
Vita (BA), Waldomiro Brandão da
Silva (BA), Henrique Vieira de Albuquerque
Melo (PB), Carlos Tourinho de Abreu (BA),
Paulo Cavalcanti (BA), Cleidson
Rangel (CE).

No momento em que o tema Nordeste ganha as manchetes dos jornais nacionais, em que o velho problema mostra-se insolúvel ou de difícil solução, os velhos guerreiros, os empresários rurais levantam-se, mais uma vez, para dizer e proclamar que o Nordeste é viável - as políticas traçadas é que têm dificultado uma situação melhor. "Na verdade, insistem os criadores, existe toda uma política bem concebida e aplicada no sentido de evitar que o Nordeste venha a produzir o que precisa consumir, pois é muito cômodo para outras regiões ter essa vasta área com seus 30% da população brasileira como consumidores passivos. E, o modelo político visa, justamente, concentrar, cada vez mais, esse mercado consumidor nas metrópoles nordestinas, para facilitar a manietação".

E, então, o primeiro passo em busca de uma solução seria partir para a consolidação de uma CONSCIÊNCIA REGIONALISTA.

Diversos selecionadores nordestinos prontificaram-se a falar sobre a necessidade de uma Entidade Nordestina que unisse, realmente, todos os criadores. Essa Entidade seria um primeiro passo, dado pela iniciativa privada, em direção a uma representatividade realista nordestina.

Serviria, também, como ponto de partida para outras iniciativas similares, em outros setores de atividades e, somente então, o Nordeste poderia contar com um esforço válido, quer pela iniciativa oficial e/ou privada, em defesa de seus interesses, pois haveria um pensamento comum.

UNIÃO NORDESTINA

O Nordeste já foi uma das regiões mais dinâmicas do Brasil, como bem o mostra a História, mas foi, aos poucos, sendo esvaziado e é, hoje, considerado um "problema nacional". Também já houve um pensamento de união entre os criadores de gado do Nordeste, sendo que a última tentativa de ressuscitar essa união foi a criação da Sociedade Nordestina, sediada em Recife, com

atividades apenas no perímetro do Estado.

"O Nordeste evolui, sem parar, tentando se ajustar à ecologia e cada Estado procura o melhor para si - diz Manoel Dantas Vilar Filho - e, assim, foram surgindo as entidades estaduais. Todas têm desempenhado o seu papel, mas é chegado o momento de se criar uma entidade mais abrangente. Antes, a pecuária era muito pobre e incipiente, hoje temos uma pecuária já bastante moderna e competitiva. É hora de pensar numa entidade mais dinâmica e reivindicatória".

PRESSÕES DE FORA? Nem tanto...

Os depoimentos citam que não haveria condições para a atual Sociedade Nordestina agir como órgão regionalista, pois foi esvaziada devido à falta de entrosamento político e comercial a nível de associados, dando chance para outras regiões infiltrarem-se, visando tirar proveito e até mesmo de se manterem no Nordeste. Para outros, foi a falta de mentalidade a determinante que contribuiu, largamente, para o esvaziamento, aliada à inexistência de educação associativista.

Já Octávio Machado Neto acha melhor pregar um exame de consciência: "Se, realmente, há esvaziamento de iniciativas, cabe aos nordestinos um exame de consciência sobre suas atividades em benefício da união dos esforços em torno de sua entidade, antes de tentar justificar com pressões vindas de fora os reveses que a desunião dos pecuaristas tem causado. O estabelecimento de lideranças isoladas e refratárias ao diálogo leva ao enfraquecimento de qualquer entidade de classe que tenha tantas lutas e objetivos a cumprir como exige a pecuária nordestina".

A grande maioria, porém, declara que conhece uma Sociedade Nordestina, apenas pelo nome e, quiçás, pela Exposição Nordestina, em Recife. E esse desconhecimento, salienta-se, é motivo para não se atirarem pedras.

Para Henrique Vieira o que houve

não foi somente um esvaziamento, mas sim um deslocamento quanto aos objetivos a serem atingidos. "Pode não ter havido pressão de fora, mas o mais exato é dizer que não houve capacidade de atender ao que foi originalmente proposto". Também Miguel Vita é concludente: "A Bahia não é muito Nordeste e acho que a entidade que usa o nome de "nordestina" tem atuado no Estado de Pernambuco, ou dali para o norte (nordeste). Na minha opinião, não acredito que Bahia e Pernambuco pudessem harmonizar seus interesses e suas reivindicações facilmente".

Não há, evidentemente, um pensamento comum, uma luta por objetivos comuns, endossada por uma entidade coesa e forte.

A UNIÃO É VIÁVEL? Sim

Praticamente todos concordam com a necessidade premente de se constituir uma entidade classista, agora, pois a formação de uma consciência regionalista é um grande trunfo que poderá ajudar a todos. Atualmente realiza-se apenas uma reunião por ano, o que ocorre em ambiente altamente desfavorável, em Uberaba, durante a Exposição Nacional de Gado Zebu. A nova entidade teria mais reuniões, maior diálogo, discussões abertas, para benefício de todos.

Os estatutos seriam baseados no de entidades similares, ou segundo Manoel Dantas Vilar Filho "devemos procurar evoluir para algo como uma confederação de criadores, pois as entidades devem estar presentes e devem reforçar-se pela existência de um órgão regionalista".

O empresário José Gualberto é taxativo: "Há mercado sobrando, em nossa própria região e o problema é preencher esse mercado com amplas vantagens para os nordestinos. Isso evidencia a necessidade de uma entidade forte".

João Grangeiro deixa claro que a "desunião é que é inviável, pois precisamos integrar, cada vez mais, todas as

regiões, amigavelmente, juntando as entidades estaduais para equiparar solicitações de todos os Estados. A pecuária, no Nordeste, é básica para o desenvolvimento e a Entidade Nordestina deve promover a continuidade e aceleração do seu progresso. Já temos algum gado, um pouco de água, falta ainda a tecnologia. Sem dúvida, o Nordeste seco depende do algodão e da pecuária, cabendo uma entidade dinâmica para mostrar o melhor caminho”.

Marcelo Koch Gomes acredita numa “Entidade Nordestina, mais representativa, vigorosa e mais adequada à nossa realidade, com urgência, uma consciência verdadeira de nossos problemas”.

OBJETIVOS – Prestigiar a classe

O resumo dos objetivos propostos pelos entrevistados é: a) formação de uma consciência regionalista. b) representação dos criadores nordestinos com reivindicações políticas. c) criar estrutura para comercialização de gado, quer na própria região ou no Exterior. d) defesa dos interesses nordestinos. e) geração de distribuição de tecnologia própria para a região, como meio de acelerar a evolução.

“Devemos criar uma consciência regionalista para não depender tanto de Uberaba - diz Felício Francisco de Brito - que nada faz pelo Nordeste. Depois, devemos tratar de vender o que temos. Mais tarde, devemos traçar uma política para um zoneamento pecuário no Nordeste”.

Já Paulo Cavalcanti evidencia que, “atualmente, importamos muito refúgio do sul. Temos condições de colonizar o Nordeste com gado nordestino e esse deve ser um dos objetivos primordiais”.

“Devemos identificar-nos com a realidade, solidificar conhecimentos para defender e saber reivindicar, com segurança e justiça, o que melhor convém para o Nordeste” - frisou Marcelo Gomes.

José Inojosa, líder pernambucano, exemplifica incisivamente: “Precisamos de uma Entidade Nordestina, pois quando algum nordestino falar em exportação, somente uma coisa acontecerá: o Laudo Zootécnico acabará se perdendo numa intrincada burocracia onde ninguém poderá ser culpado. Ademais, o Nordeste é, geopoliticamente, uma região homogênea, só funcionando na base da integração de todos”.

“O que temos a fazer, rapidamente, é melhorar o rebanho e estruturar melhor nossas propriedades. Não adianta trazer criadores de fora para ver nossa pobreza e, ademais, temos mercado so-

brando no Nordeste, potencialmente fabuloso. O que precisamos é transformar esse “potencial” em realidade para nós nordestinos. Apenas isso”, diz João Grangeiro.

E todos lembram que, seja lá qual for a medida, ela será de caráter político em sua formulação, obrigando à constituição de uma Entidade realmente poderosa.

NESTA ENTIDADE NÃO CABE APENAS ZEBU

Todos foram unânimes, dizendo que a Entidade é de criadores e não de raças, portanto, as portas são abertas para quem quer que esteja lutando pelo desenvolvimento nordestino. Os escritórios regionais de raça, que cuidam do registro genealógico, como os da ABCZ, poderiam ser vinculados à Entidade Nordestina, mas as entidades de cada Estado deverão ser parte obrigatória na direção da mesma.

“Zootecnicamente, diz Manoel Dantas Vilar Filho, só deveria ser de Zebu, mas como a seleção é lenta e a fome mundial está aí presente, devemos contar com as outras raças. A grande responsabilidade da Entidade seria manter o equilíbrio entre as duas finalidades: obter um Zebu altamente produtivo para abastecer o mundo e, também, permitir acesso às demais raças. Ou seja, as demais raças entram, apenas devido à urgência do tempo, pois - todos sabem - o Zebu bem selecionado pode suprir as necessidades nacionais”.

“Aqui na Bahia, poucas são as regiões que têm elementos naturais capazes de possibilitar a criação de outra espécie bovina, mas devemos permitir o ingresso de outras raças, mesmo com as limitações das raças taurinas para o Nordeste”, diz Octávio Machado Neto.

Também os criadores de cavalo estariam presentes, pois a Entidade Nordestina envolveria a pecuária em geral. Num futuro próximo, poderia vir a ser porta-voz, também, da agricultura nordestina, salientaram alguns entrevistados, bastando ampliar sua estrutura visando incorporar as comissões respectivas às culturas tropicais.

O LOCAL DA SEDE: Recife, Salvador, Fortaleza.

Os baianos tiveram as respostas bastante divididas, sendo que a maioria sugeriu, taxativamente Recife. Mas outros acharam que, por estar a sede do BNB em Fortaleza, a Sudene em Recife, seria justo que a nova Entidade Nordestina estivesse em Salvador. Ou-

tros alegaram que Salvador era ideal, pois a Bahia conta com o maior rebanho do Nordeste e consequente maior capacidade de reivindicação.

Os cearenses não solicitaram a sede para Fortaleza, antes sugeriram que ela deveria ser móvel, podendo, a cada quatro anos, estar em Natal ou Maceió, ou João Pessoa, ou Salvador, etc.

O mais inflexível foi Miguel Vita que admite haver a necessidade de duas Entidades, uma englobando Bahia, Sergipe e Alagoas, e a outra o restante do Nordeste, pois a ecologia - segundo ele - é muito diferente, os problemas são bastante diferentes.

A rigor a grande maioria preferiu Recife, deixando evidente que algumas reuniões poderiam ser realizadas, ora em Salvador, ora em Fortaleza, mas a sede - com certeza - seria em Recife.

A ENTIDADE NÃO IRIA À FALÊNCIA

O problema da subsistência foi um dos mais discutidos, podendo-se resumir as conclusões nas seguintes: a) Desembolso de taxa por parte dos associados. b) Destinação de parte das taxas de serviços das entidades de raça para a manutenção da Entidade Regional. c) Convênios com órgãos oficiais e não-oficiais, visando a concretização de convênios para a realização de pesquisas, repasses de recursos, abertura de mercados compradores, promoções diversas, efetivação de Exposições, subsídios para programas específicos, etc.

A simples taxa de associado foi colocada em questão, mas Henrique Vieira foi sintomático: “se as entidades que já existem vivem somente baseadas na taxa, imagine uma Entidade Nordestina, envolvendo todos os Estados, e ainda com as outras subvenções a nível federal!”

“Os recursos provenientes das taxas de registro genealógico, continua Henrique Vieira, é quase um problema de bobo, por se tratar de mero cumprimento de uma exigência legal. Os objetivos da Entidade devem se ater à assistência técnica, comercial e jurídica, deixando-se o registro para as entidades e escritórios especializados”.

COMERCIALIZAR? Sim e Não

“Inicialmente, o ideal é um ecletismo, depois partir para um trabalho tipo ABC em São Paulo, com comercialização de produtos e serviços, mas sem a intrusão de Phd, sem tecnicismos”, diz João Grangeiro.

Alguns criadores acham que, desde

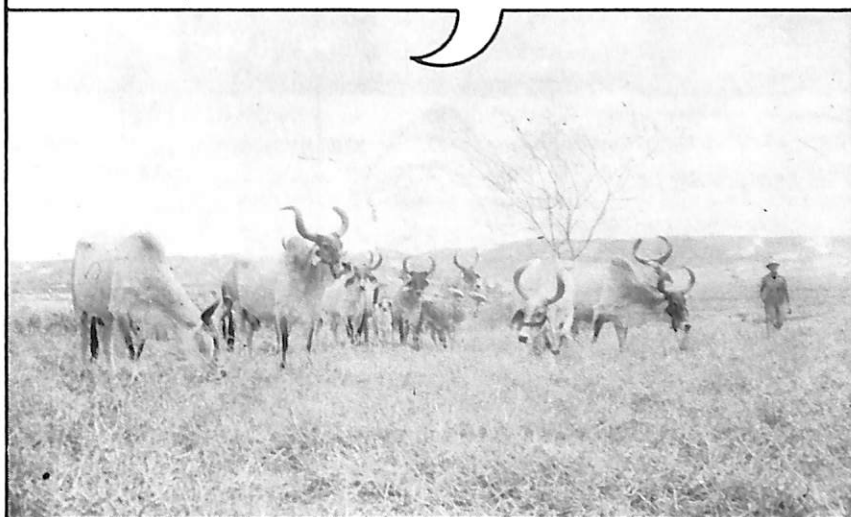


Ora, viver numa
pastagem verde
qualquer boi vive, mas
boi bom mesmo vive
aqui na caatinga...no sol
duro.

Vestibular de gado bom é a dureza do sertão...
um rio sem água. A Rusticidade vai
aumentando, aumentando, até não haver igual
no Brasil inteiro.



A caatinga fica esturricada quase o ano todo, mas o gado bom não
perde tempo, ele também gosta de capim seco. Por isso, é mais
econômico para a fazenda.



Para se ajustar aos períodos
secos, com o passar dos
anos, o rebanho adquire o
comportamento ideal para
os trópicos. O intervalo
entre partos fica menor e,
assim, a fazenda ganha
mais
bezerros...



...as fêmeas começam a produzir
mais cedo. Olha a Daneca!



As mães dão muito leite para garantir a saúde dos bezerros que são enormes e fortes para aguentar o clima mais difícil do mundo.



E, então, o que realmente interessa não é a quantidade de Cabeças por Hectare, mas sim QUANTOS QUILOS de carne e leite podem ser obtidos por Hectare/Ano. E, aí, o GUZERÁ prova ser o melhor, é o que dá mais quilo por hectare/ano...



...o rebanho fica todo uniforme, rústico, firme, pesado, precoce, leiteiro, manteigueiro...



Por isso, o valor do GUZERÁ tropical é muito superior. Olha aqui o Faraó, com 910 quilos aos 50 meses, e quase meio século de Cariri seco!



E eis Centurião, com 780 quilos aos 35 meses, em serviço no plantel.

Já comprovamos: para cruzamento com holandês, simental ou schwyz, o GUZERÁ dos trópicos é o melhor. Basta verificar o que acontece, logo na primeira cria.



Na CARNAÚBA, quem manda desde 1934 é o olho do dono. Por isso temos certeza de que o GUZERÁ é o gado ideal para a região semiárida.

Registro
Genealógico
da ABCZ



Seleção Reade 1934, com animais PO da mais tradicional linhagem leiteira (iniciada em 1895), sem nunca haver introduzido touro de fora.

Desejo receber, sem qualquer compromisso de minha parte, pelo Correio, os itens indicados abaixo, GRATUITAMENTE:

Nome:

Endereço p/remessa:

Cidade: Estado:

☐ Zootecnicamente, o que acontece quando se cruza GUZERÁ com europeu?

☐ Detalhes sobre arraçamento e outras pesquisas práticas no trópico seco.

☐ Melhor explicação sobre PRODUTIVIDADE E MAIS QUILOS POR HECTARE/Ano.

☐ Porque o Sr. diz que animal cruzado com GUZERÁ é mais econômico?

☐ Quais os preços de GUZERÁ e outros produtos da fazenda?

FAZENDA CARNAÚBA
MANOEL DANTAS VILAR FILHO
TAPEROÁ, Paraíba - CEP 56.800 - R. Álvaro Machado, 1 - Fones: 2213/2251
(asfalto até João Pessoa ou Recife)

o início, poder-se-ia propiciar aos associados um atendimento quanto a produtos de urgência como vacinas, etc. "Não se trataria de uma finalidade puramente comercial, pois já estamos cansados de procurar vacinas para brucelose e não encontrar".

Para Waldomiro Brandão, "a ABC atende muito bem seus associados, sou de opinião que não faz mal copiar o que é bom".

"Seria uma política extremamente válida, quando se objetiva dar à Entidade meios seguros de sobrevivência, a exemplo de transferência de tecnologia (intercâmbio técnico), conquista de mercados e importação de cultivadores e animais de largo interesse economia do Nordeste", friso, Marcelo Gomes.

Manoel Dantas Vilar Filho evidencia que a comercialização é apenas um meio de se atingir um resultado. O fim é melhorar as vendas dos associados e, como meio, poderia vender produtos diversos. "O Nordeste é homogêneo e deve refletir essa homogeneidade. A comercialização de produtos e serviços diversos, se não conflitar com os fornecedores habituais, poderá ser implantada, mas sempre como um meio".

"Imitar a ABC apenas quando isso for possível - diz Henrique Vieira - pois temos maneiras melhores de nos safar das aperturas iniciais. Podemos promover uma Expo anual, cada ano em um Estado, instituir um Troféu realmente digno de crédito. Assim, a própria existência da Entidade poderia revigorar a pecuária nacional. Visar lucro ou sobrevivência pode não fazer parte do objetivo primordial".

Paulo Cavalcanti acha que "o sul despeja muito refugio no Nordeste, por se tratar de mercado amplamente comprador. Esse mercado é nosso e a dinamização do mesmo pode ser função da Entidade, com lucro para ela mesma, sem dúvida, e para todos".

A DIRETORIA — Problema pequeno

"Os diretores devem vir de todos os Estados, obrigatoriamente, afirma Cleidson Rangel" - idéia essa corroborada por todos, indistintamente.

A opinião geral diz que o mais correto é a inclusão automática dos dirigentes de entidades estaduais num Conselho de Direção que teria como finalidade precípua nomear os executivos, ou contratá-los.

Felício de Brito salienta que, além das cadeiras automáticas, deveriam se acrescentar cadeiras para os mais expressivos criadores de cada Estado, através de uma seleção natural, pois nem sempre o presidente de uma entidade estadual pode ser o homem mais indicado. E tampouco a entidade estadual poderá ser a mais indicada, havendo outras de caráter regionalista, den-

tro do Estado, mais dinâmica e expressiva.

"A Entidade - diz Octávio Machado Neto - deve ter representantes de todos os Estados, dispostos a trabalhar realmente pelo bem de nossa pecuária, ao invés dos "participantes automáticos". Diria que, caso os Presidentes de Associações estaduais não venham a ser meras figuras decorativas, com muito rótulo e pouco efeito, possam, realmente, se engajar no espírito de coletividade nordestina, devendo - então - ser preferidos e indicados para os cargos diretivos mais importantes, por representarem lideranças regionais".

"O esmorecimento e o pessimismo liz Marcelo Koch Gomes - tem se constituído num obstáculo ao desenvolvimento do Nordeste, principalmente no campo associativista. Cabe aos nordestinos corrigirem as distorções existentes, com garra e maturidade. Por isso acreditamos que a Entidade Nordestina seria, inquestionavelmente, um modelo sério de paz, progresso e união, no momento presente. O vigor de COESÃO NORDESTINA é um imperativo da consciência de todos nós".

Não restou dúvidas que este será o assunto e ponto mais melindroso para concretização da nova sociedade.

FINALIDADE POLÍTICA? Basicamente

"O problema nordestino somente pode ser resolvido com política bem feita, pois somente assim, podemos colocar o Nordeste no lugar que ele bem merece", diz Waldomiro Brandão.

Sem dúvida, a Entidade deveria ser o legítimo porta-voz da classe, e a política é a única maneira de resolver a maioria dos problemas. "Até mesmo quando enviamos 10 animais para Cananéia e apenas 1 consegue ser aprovado nos exames misteriosos", - diz Cleidson Rangel - "Basta lembrar que qualquer Governo pode exportar, sem decisão central, mas isso é um problema político e apenas uma Entidade forte pode definir alguma coisa concreta".

"O movimento associativista, no momento enfraquecido, carece de uma representatividade autêntica. Houve e ainda existe omissão política nesse particular. Precisamos reivindicar. Necessitamos politicamente de fortalecer o processo de ajuda mútua, com o objetivo de desenvolver o Nordeste no contexto brasileiro. É imperioso robustecer a consciência do que seja Região Nordestina. Assim sendo, a região dotada desse amadurecimento, estará politicamente fortalecida e com amplas condições de dispor de seus legítimos representantes um tratamento especial e prioritário. O maior instrumento de que dispomos é a força associativista, eis o cerne da questão", finalizou o lí-

der da pecuária baiana.

CONCLUSÃO

O Nordeste, sem força política, não pode andar e vive claudicando, à margem do desenvolvimento nacional. Na pecuária, os exemplos são aviltantes, como sempre têm dito os articulistas de Paraíba Pecuária e muito se espera de uma possível Entidade Nordestina, surgida no seio dos criadores, com espírito moderno, dinâmico, ousado, sensato e coerente.

"Afinal - diz o assaz experimentado José Inojosa - a união dos nordestinos seria a única saída capaz de equacionar os nossos problemas e retirar a condição de inferioridade que os sucessivos governos da República salvo o de Juscelino, impuseram a esta quase miserável população de um terço de brasileiros. Contudo, o nordestino ainda não se motivou, com esforço objetivo, para esta necessidade e, como exemplo, cito o caso da Associação das Empresas Agropecuárias do Nordeste (Agrope-ne), da qual sou presidente. Criada quando o orçamento da Sudene para o setor primário havia sido drasticamente reduzido, teve um grande apoio no início tornando otimista a perspectiva de se criar um órgão forte e capaz de reivindicar e vencer as injustiças do Governo Federal contra o Nordeste. Contudo, resolvido o problema orçamentário, deixou a diretoria de contar com o apoio inclusive financeiro dos seus associados".

José Inojosa acha difícil modificar o pensamento nordestino, pois há mais de uma década que ele vem sendo empurrado contra o abismo e todo o esforço que se realiza é no sentido de não cair no fosso, gerando uma auto defesa instintiva, onde cada um procura resolver o seu problema particular.

"É esse comodismo, - continua - essa estreita visão imediatista do nordestino que lhe retira as condições para formação de uma entidade que possa defendê-lo até mesmo contra as injustiças dos poderes públicos assacadas, dia após dia".

Então, como organizar uma Entidade desse porte? Somente os criadores, os presidentes de entidades estaduais e secretários de Estado podem responder se essa idéia não constitui mais uma "utopia nordestinesca", mais um sonho inútil. O pessimismo foi adrede semeado no Nordeste e cresceu tanto que, hoje, a região vive pendurada por um fio, tendo por um lado a insolvência e por outro um conflito social. Se os líderes políticos não saírem dos campos e não têm condições de luta, então é hora de os próprios empresários rurais tomarem a iniciativa... para um futuro melhor para todos.

PECADO GRANDE DO MINISTRO

Marcus Wanderley

Quando o general Figueiredo anunciou o seu Ministério, quase todo mundo já sabia quem seria os escolhidos e não causou nenhuma surpresa a indicação do inesquecível Ministro da Fazenda, do Governo Médici para Ministro da Agricultura no governo que se firmou.

Cristo, quando andava pela terra, especialmente nos três anos finais de sua temporada, fez muitos milagres, e quase sempre nas horinhas certas. Andou fazendo água virar vinho, multiplicando peixes e pães e aplacando tempestades.

O general Figueiredo, embora o Brasil inteiro espere muito de sua vontade de acertar, sua franqueza de se comunicar, não consta que seja capaz de fazer determinadas transformações tais como bananeira dar caju e os agricultores acreditarem na eficiência do Sr. Delfim Netto, crendo nos seus conhecimentos agropecuários, transformá-lo, dentro da classe agrícola do Brasil como um ministro bem aceito e bem recebido pelo homem do campo, transformá-lo de **persona non grata** ao camponês em um representante do governo bem aceito e aplaudido como Cirne Lima e o nosso Paulinelli (o maior vendedor do governo Geisel), homem simples e cheio de vontade de acertar, mas manietado que sempre foi pelo então Ministro da Fazenda.

Sinceramente, acho que o nosso Presidente quer castigar o campo ou deseja castigar o Sr. Delfim Netto! Se é o campo, ele

já teria conseguido o seu intento com a indicação do super ministro (do Planejamento) ele que confirmou a atividade agrícola como uma das piores opções no setor econômico nacional. Mas fez das atividades creditícias a grande mina do super enriquecimento dos banqueiros.

Mas se o general Figueiredo castigar o polivalente ex-ministro da Fazenda em dois governos, ex-embaixador do Brasil, ex-candidato ao governo de São Paulo, entregando-lhe agora o Ministério da Agricultura para que ele sinta os efeitos do que fez com a agropecuária quando atuava no governo Médici, ele que fez o milagre de tornar o Brasil importador de carne, que fez oficiais do nosso exército dizerem em reuniões de sindicatos rurais que "DEUS NÃO PASSOU ESCRITURA DE TERRA A NINGUÉM", que obrigou o produtor rural a entregar a carne de Cr\$ 140,00 (cento e quarenta cruzeiros) a Cr\$ 90,00 (noventa cruzeiros), requisitando, ameaçando até com cadeia o produtor que não obedecesse à famigerada ordem do Sr. Ministro Todo-Poderoso.

Acho que talvez seja por isso, que o Sr. Presidente entregou a bomba ao menino acendedor do estopim para que ele fique com ela não mão e apague o pavio do descrédito, conserte o milagre pelo avesso, desate o nó que deu, e invente, agora sim, o milagre brasileiro, dando condições das vacas sadias serem mães, dos bezerros que estão deixando de nascer tornarem-se animais

adultos, capazes de se multiplicar, promovendo e financiando a criação da carne branca, dando oportunidade ao peixe de ajudar a carne, dinamizando e protegendo os rebanhos caprinos e ovinos, do produtor rural não ser responsável pela inflação, que o pobre hortigrangeiro não seja mais olhado na Televisão como o espoliador do povo, única atividade onde se poderia e deveria pechinchar para comprar seu suado produto, propaganda da pechincha.

Talvez seja isso, talvez o nosso ministro da Agricultura tenha rezado o **Confiteor** e aceito a penitência de reabilitar o campo que ele ajudou a destruir. Quem sabe a sua inteligência, que é reconhecida por todos seja usada no setor positivo. Ele que é doutor em Economia, pode ser o homem indicado para discutir a nível do Ministro Simonsen. Talvez agora, dando a volta por cima, batendo a poeira do chão onde se jogou, jogando a pecuária, saia das cinzas do descrédito que ele goza no meio da classe agrícola e, como fênix ressurgido, alce o voo no horizonte desse Ministério em busca da remissão do seu pecado grande...

Março, 1979

Marcus Wanderley, altamente prestigiado na Capital da Pecuária, é um líder rural que não teme enfrentar um diálogo...

PORTA - VOZ
do empresário rural
nordestino. com circulação nacional

A voz ativa da Bahia, Sergipe, Alagoas,
Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte,
Ceará, Piauí, e Maranhão.

MODERNA! CORAJOSA! IDEALISTA! VIBRANTE!

PARAÍBA
PECUARIA

EDICAMP - Editora Campesina Ltda. Caixa Postal, 98
58.000 - João Pessoa - PB

Autêntico e legítimo defensor da agropecuária nacional

Um diálogo corajoso a favor da Pecuária Nacional

Estou enviando
☐ Vale Postal

Cheque Banco
☐ Nº

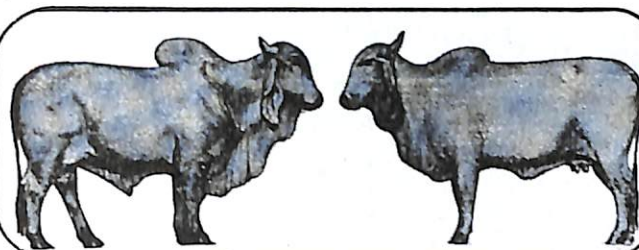
☐ Um ano Cr\$ 400,00
☐ Meio ano Cr\$ 250,00
☐ Dois anos Cr\$ 700,00

Nome
Endereço
Cidade: Caixa Postal

(Este cupom não vale como Recibo. Faça uma assinatura para seu amigo)

FAZENDA

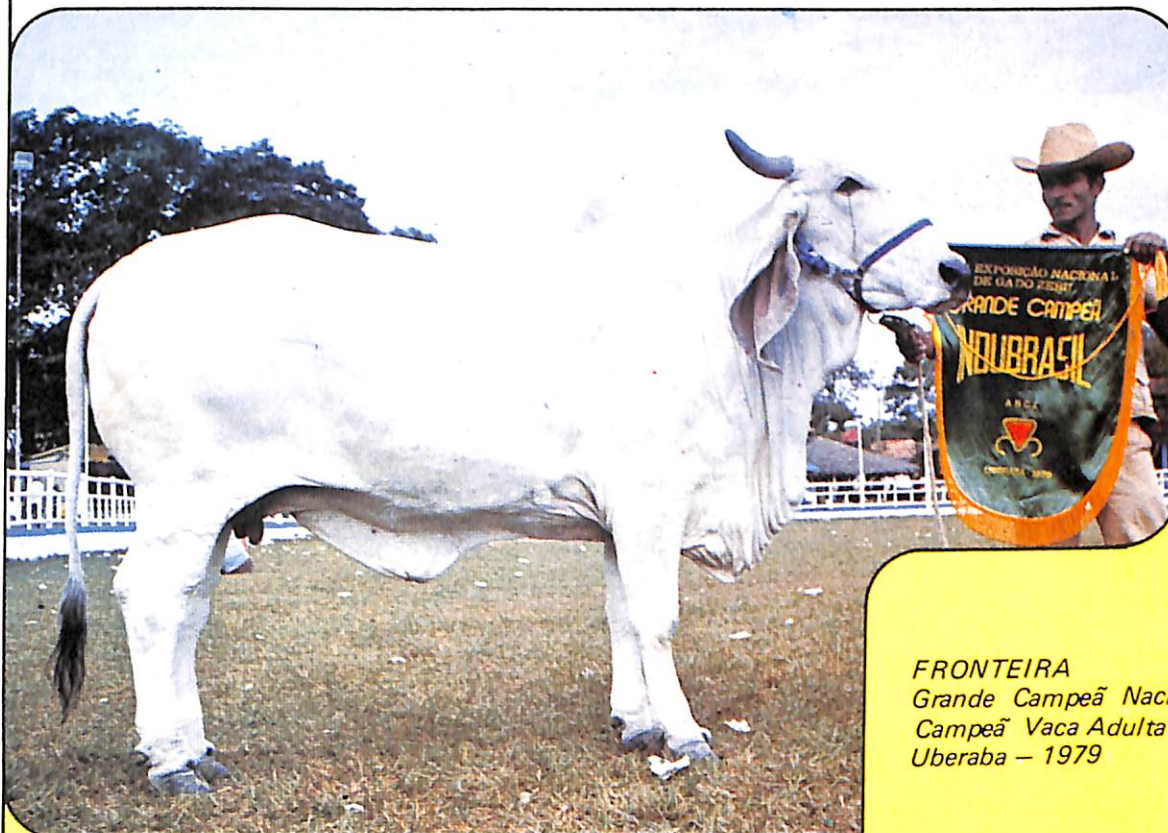
SACO



**CIA. AGROINDUSTRIAL
IRMÃOS ALEXANDRINO**

uma organização
**HENRIQUE ALEXANDRINO
DE MELO**

20 Anos de Tradição



**FRONTEIRA
GRANDE CAMPEÃ
NACIONAL
da Raça
INDUBRASIL
— 1979 —**

*FRONTEIRA
Grande Campeã Nacional da Raça
Campeã Vaca Adulta
Uberaba — 1979*

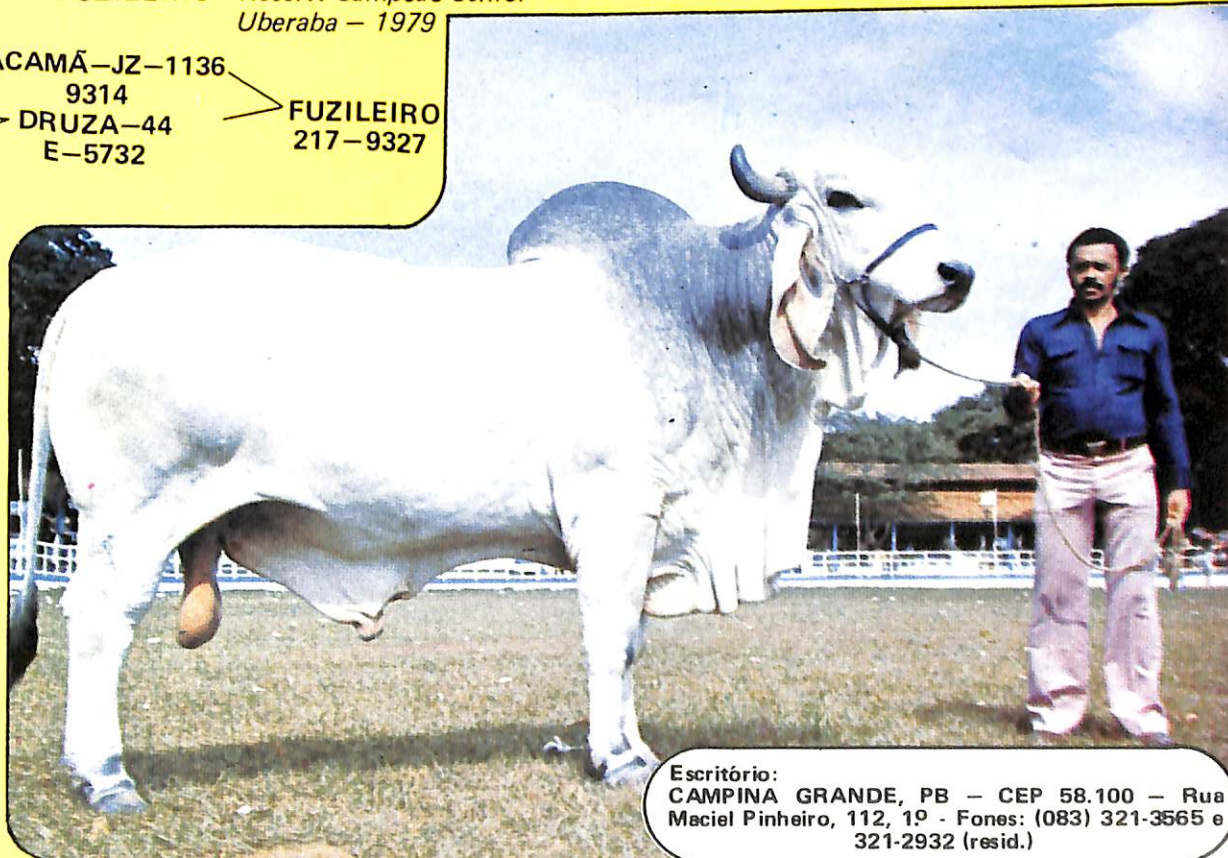
BAMBOLE
3413
CLARA
10388
SONETO
1721
BATALHA
A-9279

FUZILEIRO Reserv. Campeão Senior
Uberaba — 1979

PACAMÃ-JZ-1136
9314
DRUZA-44
E-5732

FUZILEIRO
217-9327

**4º
COLOCADO
na
EXPOSIÇÃO
NACIONAL
de
GADO
ZEBU
Uberaba
— 1979 —**



Escritório:
**CAMPINA GRANDE, PB — CEP 58.100 — Rua
Maciel Pinheiro, 112, 1º - Fones: (083) 321-3565 e
321-2932 (resid.)**

A OPINIÃO DO GOVERNO E A VIDA DA POPULAÇÃO

CLOVIS CAVALCANTI, do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, foi o único homem procurado pelo Governo Carter para, juntamente com a alta direção do Banco do Nordeste, traçar um panorama realista das condições sociais do povo brasileiro, principalmente nordestino. Com diversos trabalhos publicados, de suma coragem, vem alertando a Nação para o contínuo processo de efervescência social que poderá eclodir num movimento de consequências trágicas para todos.



Como pode uma autoridade saber dos dramas humanos, em sua cômoda posição cercada de assessores, protetores e cortesãos? No Brasil vivem 60 milhões de pessoas, uma faixa de deserdados, com suas tijelas rasas de comida e abafadas aspirações que tendem visivelmente a rebentar em violência, alguns tendo que caminhar 18 km para chegar ao local de trabalho. Enquanto isso, 10 milhões de "brasileiros-suíços" possuem casa de veraneio, iates e clubes fechados, tantas vezes custeados pelo dinheiro público. Há algo de maligno, de pérfido, infiltrando-se na estrutura social e o fatalismo comungado pelas classes de baixa renda vislumbra um final.

Quando alguma autoridade ou responsável pelos destinos atuais do Brasil afirma convictamente que é correto o rumo de desenvolvimento que o país trilha no momento, certamente está confiando muito mais nas próprias boas intenções que lhe movem do que no julgamento da maioria da população. Da maioria que labuta anonimamente para extrair de modo sacrificado seu sustento diário. Da maioria que se desdobra em meio a turbulências pessoais cada vez maiores para burlar a sombria perspectiva, sempre mais próxima, de um colapso no mínimo de consumo de que dispõe. Enquanto, ao mesmo tempo, um inexplicável privilégio permite que existam pessoas que podem esbanjar recursos ilimitados em noites alegres nos restaurantes e casas noturnas construídas com vistas à fruição de um gozo absolutamente dispensável. Uma autoridade, falando pela nação, estará sabendo do alcance do drama humano que aflige copiosos contingentes de pessoas vivendo à margem dos salões dourados que só a reduzido número de eleitos é dado frequentar? Lembrar-se-á a autoridade, de sua posição tão cercada de assessores, protetores e cortesãos, dos brasileiros humildes que lavram a terra e, nos dias de feira, fazem longas caminhadas carregando mercadorias para venda e, na volta, trazendo bens para consumo em seus dorsos exauridos, enquanto compatriotas mais felizes desses pobres brasileiros velozmente deslizam ao seu lado em modernos autoveículos para alegres e nem sempre merecidos fins de semana? É difícil imaginar que a lembrança desses contrastes que ofendem os sentimentos de justiça e equidade desfile para a reflexão compassiva da autoridade.

As distinções de posição social da população do Brasil, acentuadas pelo caráter tremendamente desigual do modelo de crescimento adotado pelo país, certamente preocupam as autoridades brasileiras. Mas essa não é uma

preocupação viva, de quem toca e sente na pele, o problema de desequilíbrios marcados entre a massa majoritária e o ápice de privilegiados do nosso universo social. Na verdade, quem é que nos altos escalões do governo utiliza de vez em quando os transportes coletivos das nossas cidades para sua locomoção, nem que seja à guisa de ver na realidade o que é um serviço básico do povo? Seria interessante que os economistas que dirigem a política econômica brasileira pudessem, ou tivessem, de um dia ou outro tomar um ônibus para ir na hora do rush, por exemplo, do Méier a Ipanema, no Rio de Janeiro. Ou que precisassem de carregar água de um ponto a 500 metros de distância de suas casas, preferentemente escalando um morro, para o atendimento da higiene doméstica. Seria interessante também que, não podendo entrar de carro nas ruas onde moram, em virtude de precária urbanização, fossem obrigados a equilibrar-se em tábuas sobre alagados e lamas infétidas até chegarem às suas residências. Porque tais coisas são experiências diárias vividas pela gente humilde, que aceita seu destino como fatalidade inapelável, como se não coubesse dúvida quanto à essência funesta do sistema social que nos abriga.

Uma tentativa de estratificação rápida da população brasileira, segundo sua posição de renda per capita, sugere, digamos, em números redondos, 60 milhões de pessoas vivendo com 200 dólares por ano; 45 milhões com 1.500 dólares; e 10 milhões com 5.000 dólares. É claro que uma simplificação dessa origem não possui maior significado, mas é apelando para reduções semelhantes que os economistas exercitam quase ludicamente sua capacidade de oferecer explicações para os fenômenos da realidade. Assim, fazendo uso de um método de raciocínio do meu campo profissional, e supondo talvez conservadoramente que a população que está à margem do desenvolvimento exiba uma renda média por pessoa de 200 dólares, enquanto a camada

mais bem sucedida situa-se no degrau de 5.000 e a intermediária em torno de 1.500 dólares, minha conclusão é de que conviveriam dentro do Brasil três distintos subpaíses. O mais pobre, a faixa dos deserdados, teria a consistência de uma Birmânia sul-asiática; o mais rico, uma espécie de Suíça europeia, apresentaria desigualdades inegavelmente mais gritantes do que no país que lhe serve de referência; e o intermediário em termos de riqueza talvez seja o Brasil que imaginamos quando nos damos conta de vivermos num país com renda per capita aí pelos mil e poucos dólares. Infelizmente, sequer é deste último Brasil do raciocínio de que se parece falar quando se pinta favoravelmente o quadro do desenvolvimento brasileiro atual. A meu juízo, é da Suíça que se faz alarde. E, no entanto, predominariam no universo humano brasileiro os indivíduos do contexto birmanês, com suas incertezas diárias, suas tijelas rasas de comida, seu repetido sofrimento, suas abafadas aspirações, que hoje em dia tendem visivelmente a rebentar em violência, uma violência que deixa graves dúvidas quanto à proclamada "índole pacífica de nosso povo".

Feita uma reflexão profunda sobre o sentido humano que se deve esperar do progresso material brasileiro, não é de sossego a sensação que se experimenta. Esse estado de espírito inquieto pune sobretudo o pesquisador social que esteja, não manipulando dados secundários, em escritórios mais adequados para produzir impressão física de conforto do que facultar o convívio com a realidade que se estuda, mas em estreito contacto com o objetivo de seu ofício. Ao pesquisador que de maneira vivencialmente empática entrevista pessoas; que, enfrentando riscos e dobrando a propensão ao comodismo, palmilha o mundo concreto através do seu trabalho de campo; que ouve e vê manifestações claras da forma socialmente patológica com que se processa o desenvolvimento brasileiro; a esse pesquisador não resta outro sen-

timento que não seja o de desgosto e angústia com a diretriz de desenvolvimento escolhida. De fato, a convivência com os mais variados estratos da população revela como é predominante a faixa de gente que mal se alimenta, que dispõe de limitado guarda-roupa, que praticamente não usufrui do lazer e que se vê obrigada a consumir tempo e energia enormes para as necessidades de locomoção. Em Salvador, por exemplo, moradores do bairro pobre do Nordeste de Amaralina gastam, às vezes, até mais de uma hora caminhando de suas casas aos pontos de ônibus para daí se dirigirem ao emprego — quando o têm. É no município de Manoel Emídio, no Piauí, eu encontrei pessoas — por sinal simpáticas, acolhedoras, cálidas — que mais de uma vez na semana chegam a andar 18 km até o local de trabalho, e outro tanto na volta.

É comovente — por que razão terá o cientista social que ser frio, distante, neutro, desinteressado do destino daqueles que estuda? —, por outro lado, constatar a magnitude do sofrimento vivido por mães e crianças dos grupos segregados do progresso material. Nas cidades, as crianças são forçadas a conviver com lama; aí brincam, ameaçadas pelos perigos naturais da insalubridade. As meninas de 8, 9, 10 anos, quando começam a brotar sutilezas do com-

portamento feminino, não é permitido o exercício das primeiras manifestações de vaidade da mulher: escolha do vestuário, embelezamento, uso de perfume. Os meninos são, por sua vez, induzidos precocemente a trabalhar ou a descobrir uma fonte de ganhar dinheiro. E que recompensa obtêm com isso, que prêmio lhes dá nosso insatisfatório modelo de organização sócio-econômica? Não é preciso consultar a numerosa lista de estudos produzidos sobre questões ligadas ao tema para se delinear uma resposta. Independentemente de quantificação — que os preciosismos métricos pouco acrescentam ao caso —, é inequívoca a constatação de grande amplitude para medida da grandeza e alcance do problema.

Quando se recorda então o excessivo conforto material de que goza uma fração dos brasileiros — os 10 milhões de suíços —, que possuem residências de veraneio, iates e clubes fechados, desperdiçando no luxo de banquetes diários o alimento que falta dramaticamente em tantos lares; ou que se deliciam em programas reservados, como as recepções custeadas pelo dinheiro público, percebe-se que algo de maligno, de muito ruim, de pérfido, está infiltrado e corrói o núcleo de nosso processo de conquista de melhores condições de vida.

No âmago das estruturas que sus-

tentam a sociedade brasileira dos dias atuais — uma sociedade que ostenta sinais exteriores de sucesso e até opulência —, na verdade, o que se encontram são feridas vivas, que sangram e causam dor a multidões silenciosas de pessoas. E não se trata do contingente lumpen da sociedade, o dessas pessoas. Ao contrário, são famílias de trabalhadores formais que padecem as privações de comida escassa, de falta de oportunidades, sem uma réstia que seja de poder de participação efetiva no redirecionamento do processo de caráter verdadeiramente punitivo a que estão submetidas. Tal impotência revela-se no fatalismo com que a população de baixa renda, entrevistada em pesquisas, responde à indagação sobre que sugestões propõe para melhoria de seu padrão de vida. Um fatalismo a que se adiciona a crença de que a situação existente não pode mesmo ser modificada, de que tudo vai continuar assim — que o pobre não pode fazer nada mesmo. Neste ponto, aliás, até parecem convergir a opinião de imutabilidade das pessoas e a da autoridade, muito embora a última conclua que nada terá que ser mudado, em virtude de avaliar como correto o modo com que o desenvolvimento se processa, enquanto, para a primeira, é a própria natureza fatalmente imutável das coisas que se salientaria.

FAZENDA BOLANDEIRA



Proprietário: Dr. CARLOS GONZAGA DE PINHO
SÃO GONÇALO DOS CAMPOS - Bahia

Criação de Gado Registrado
HOLANDES VERMELHO E BRANCO E SIMENTAL FLECKVIEH

NENA - GRANDE CAMPEÃ E CAMPEÃ SÊNIOR na XXXII Exposição Agropecuária de Salvador - 1979
Na foto com seu tratador Leôncio

SANTA GER

MARCAJO

Grande Campeão - Salvador/79
Campeão Touro Jovem - Salvador/79
Campeão Touro Jovem - São Paulo/79 (internacional)



FAZENDA

BOA

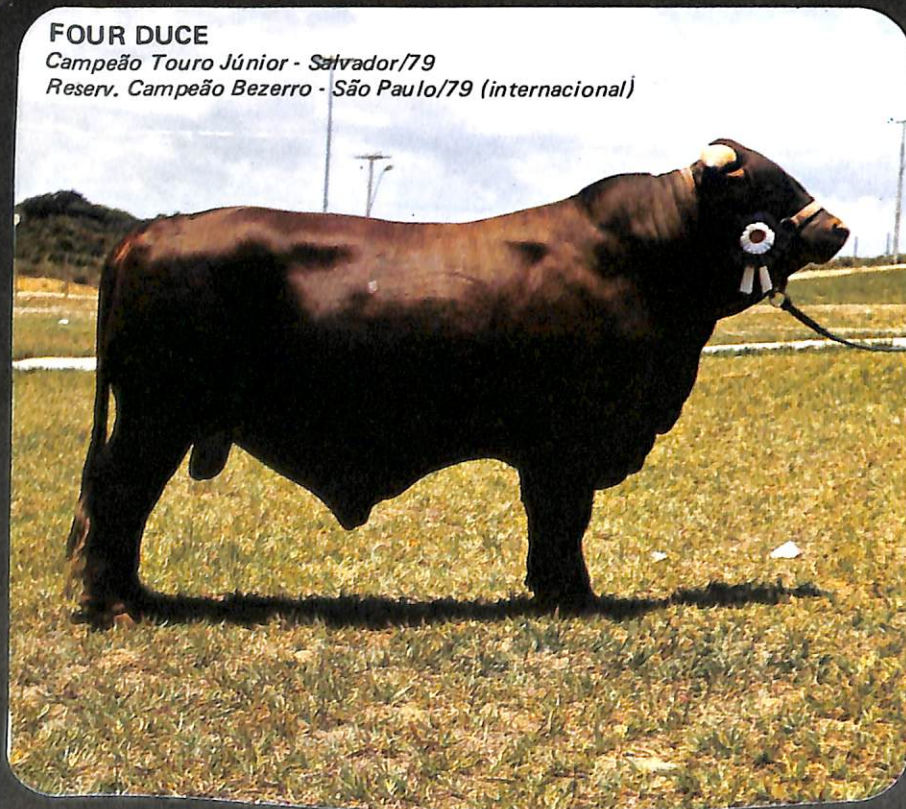
ITABERA
Km 99

Prop: ALBERT
Salvador, BA — Av
Barra Avenid

EX
SALVAD
BA

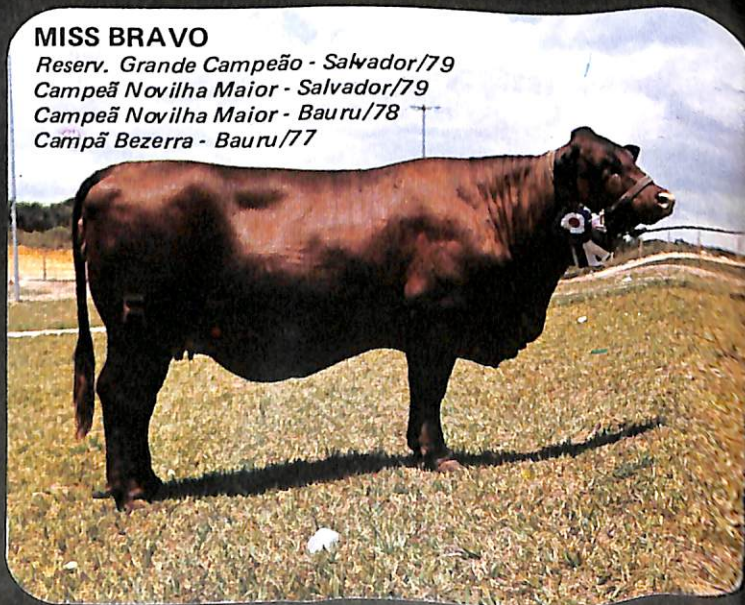
FOUR DUCE

Campeão Touro Júnior - Salvador/79
Reserv. Campeão Bezerro - São Paulo/79 (internacional)



MISS BRAVO

Reserv. Grande Campeão - Salvador/79
Campeã Novilha Maior - Salvador/79
Campeã Novilha Maior - Bauru/78
Campeã Bezerra - Bauru/77



5 animais Campeões
9 animais em 1.º Prêmio

RUDIS POI

POI
BOA
SORTE

SORTE

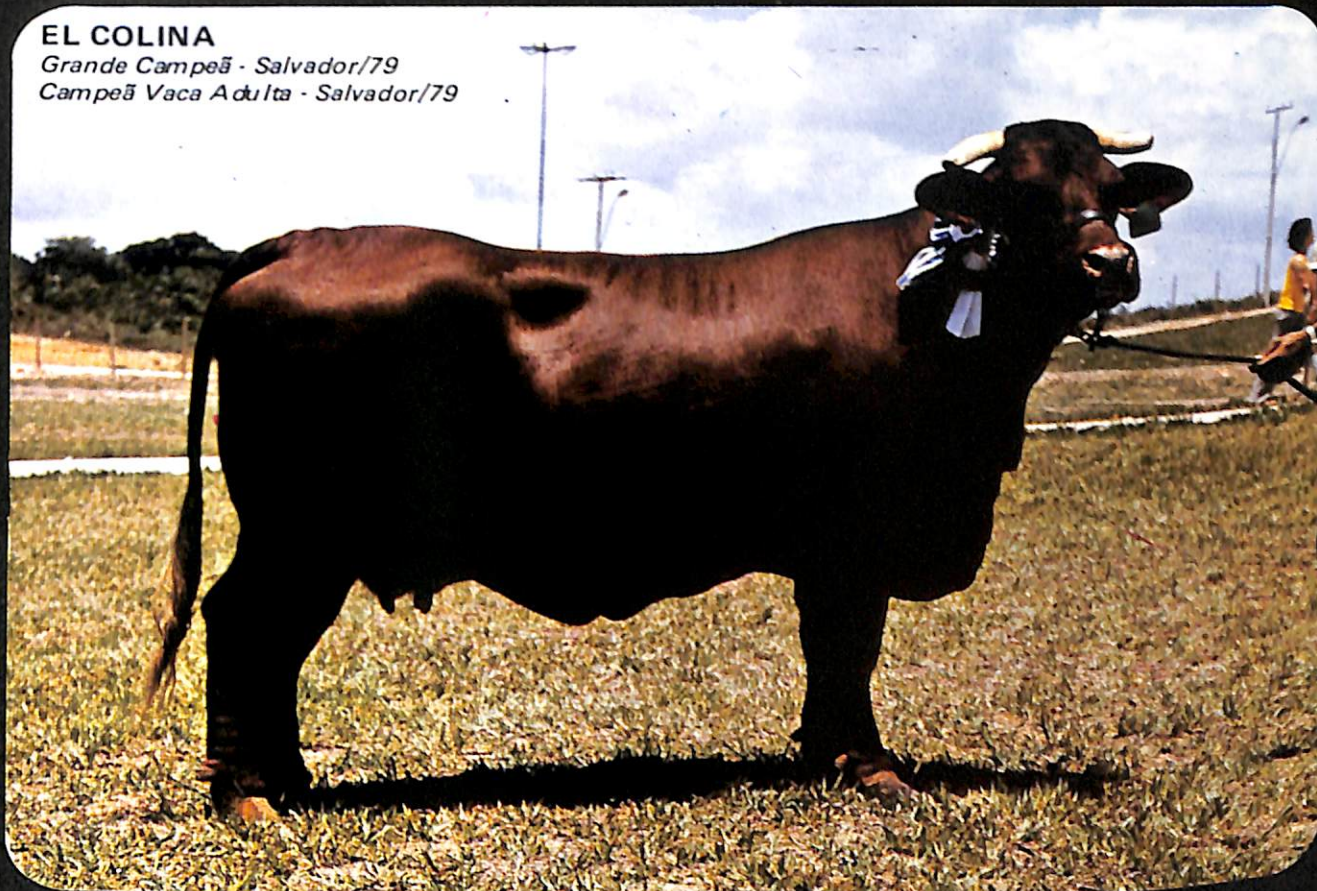
Bahia
BR. 242

SENTIL MAGALHÃES
Princesa Isabel, 678
CEP 40.000

PO
OR - 79
HIA

EL COLINA

Grande Campeã - Salvador/79
Campeã Vaca Adulta - Salvador/79



MISS CAPTAIN

Campeã Bezerra - Salvador/79
Reserv. Campeã Bezerra - Bauru/78



COLINA 747 - POI

1º Lugar Júnior - Salvador/79
3º Lugar Bezerra - São Paulo/79



2 animais Grandes Campeões
1 animal Reserv. Grande Campeão

A CIVILIZAÇÃO DO COURO

EURIPEDES OLIVEIRA, homem com o sabor de Nordeste, que enfrentou as grandes secas de três gerações, porta-voz fiel da História de toda uma época, é um patrimônio vivo cultural na Paraíba e, principalmente, é uma das vozes que clamam contra a insensatez e alertam o desvirtuamento gerado pelo progresso mal planejado.



O boi veio com o colono e o couro era utilizado em tudo, desde roupa até mobiliário e no Exterior era grande a preferência pelo couro nordestino, pois não sofria com berne e carrapato. Uma verdadeira fortuna eram os valores de comercialização do couro, mostrando que a pecuária era intensa, naquela época, diminuindo para os dias de hoje, onde não vivemos nem o romantismo do tempo de fartura que se foi.

Os estudiosos da nossa história colocam em relevo a pecuária e o algodão como fatores decisivos da formação do nordeste. Esses dois produtos, realmente, foram os principais fomentadores de riqueza dos sertões, logo em seguida à cana de açúcar do litoral. Foram eles, porém, as forquilha da cumeira, onde se apoiaram as trevas da estrutura econômica, social e política do nordeste.

Pela leitura da carta "Mundus Novus", escrita em 1502, sabemos que os moradores dessas terras eram mansos e pacíficos, porém na Lettera, escrita em 1504, eles eram apontados como antropófagos, pior que feras, tanto que mataram e comeram três cristãos. Cristóvão Jacques fundou duas feitorias em Pernambuco, uma em 1516, no sítio Marcos, onde é hoje Igarassu, e outra na Ilha de Itamaracá, em 1526. Ambas foram tomadas pelos franceses. Os invasores vieram na nau Pelerine, que foi tomada pelos portugueses conduzindo um carregamento de cinco mil quintais de pau-brasil, trezentos quintais de algodão, 3.000 peles, afora animais vivos e outras coisas.

Pondo de lado o pau-brasil, que somente os europeus lhe davam valor, verificamos que tanto o algodão como as peles já representavam artigos de comércio, podendo ser de animais silvestres e o algodão era uma ativa agricultura praticada pelos naturais. A quantidade de peles exportadas seria uma prova de que a terra era abastecida de carnes.

O boi veio com o colono, não como alimento, mas para ser motor indispen-

sável para os transportes e a movimentação dos engenhos. Só montava engenho de açúcar quem dispusesse, além de vastas terras, pelo menos de 50 escravos e de 20 ou 30 juntas de bois. No ano em que a Paraíba foi fundada, em 1585, Pernambuco já contava com 66 engenhos.

A cultura do algodão logo cedeu diante da riqueza dos canaviais. O alvará do Rei de Portugal, de 27 de março de 1618 queria que a terra cultivasse algodão pelo menos o suficiente para



O couro foi a vida e um dos esteios das exportações do Nordeste

fazer murrões para a artilharia das armadas

A cultura da cana de açúcar não alcançou na Bahia o mesmo impulso que em Pernambuco, a descoberta das minas nos sertões veio favorecer a criação do boi, tanto para alimentação dos catadores de ouro, como para os transportes e movimentação dos garimpos.

Partindo das ribeiras do rio São Francisco, a pecuária desenvolveu-se pelo sertão baiano e sergipano na dire-

ção de Pernambuco, e daí derivou para as cabeceiras do Parnaíba. Coube à célebre Casa da Torre, fundada por Garcia D'Avila, o papel mais saliente nessa tarefa, chegando a ser senhora de 260 léguas de testada de terras na margem pernambucana do rio e mais 80 entre esse e o Parnaíba.

Partindo de um dos sítios de Garcia D'Avila, na Bahia, o português Domingos Afonso Mafrense foi descobrir terras nos rios Canindé e Piauí. Um dos seus ajudantes, Teodósio de Oliveira Ledo, penetrou nos sertões do Piranhas avançando até encontrar as águas do Parnaíba, vindo se instalar em Boqueirão. Este foi o ponto de partida para a descoberta e conquista dos Cariris Velhos, terras dos sertões paraibanos.

Várias foram as razões para o couro se impor, como quase único material de que dispunham os colonos, para todas as cousas necessárias à sua vivência nestes sertões ermos e distantes dos centros já formados. De couro, eram feitos todos os artigos necessários, desde o assento dos tamboretas às cadeiras de espaldar. Camas e canapés, malas, bruacas, baús, para guardar os objetos de uso caseiro. Alpercatas, sapatos, chapéus, botas, véstias, gibões, guarda-peito e tudo que precisavam para proteger o corpo contra os espinhos e garranchos nas matas sem veredas. Selas, arreios, peias, caronas, borracha para água, alforjes para a comida nas viagens, Chicotes para os animais ou bacalhau para surrar os filhos e os escravos. Camas e parideiras para as donas de casa. Coberta para os carros de bois na condução das famílias, ou sur-

rões para o transporte de cereais. Cordas de laçar, cabrestos e amarração das ripas nas cobertas das casas. Portas internas e banhas de facas e facões.

Ainda faziam com couros inteiros, o "couro de arrasto" para a construção das barragens indispensáveis nas terras secas.

Foi o chamado CICLO DO COURO ensinado pelo mestre Capistrano de Abreu, e ainda hoje ele domina em vários setores, mas sempre cedendo terreno diante dos produtos criados pela indústria moderna, principalmente no ramo de sapatos.

Além do seu emprego interno, o couro foi um dos principais esteios da nossa exportação. Falando nos prejuízos sofridos por vários motivos pela Companhia de Comércio do Pará e Maranhão, vemos que em 1782, em 22 navios saíram de São Luís, entre outras cargas, 21.003 peças de couro e 4.550 de vaquetas. Em 1759 havia exportado 171.000 meios de sola, 96.640 couros em cabelo e 29.000 atados, tudo no valor de 297 contos de réis.

Entre os anos de 1751 a 1775, os portos da Paraíba e Pernambuco, exportaram por intermédio da Companhia de Comércio e Navegação, 1.554.348 meios de sola e 1.094.138 couros em cabelo, afora 394.395 atados.

Antecipando as multinacionais que hoje dominam o comércio além da Europa e América do Norte, a criação de uma Companhia Geral do Comércio da Paraíba e de Pernambuco deu, segundo documentos da época, um prejuízo somente no comércio de couros, no ano de 1759, de 48.400\$000, equivalente ao mesmo número em milhões de cruzeiros, hoje. Somente em couros curtidos, o prejuízo montou a 163.600\$000. A Alfândega de Lisboa perdeu mais de 68.000\$000.

A Bahia exportou, no ano de 1854-1855, 110.710 arrobas de couros afora 924 arrobas para o mercado de outros Estados.

Era segredo guardado pelo comércio campinense, que o couro exportado da cidade tinha mais valor que dos demais Estados. Sabiam no estrangeiro que os couros campinenses não eram estragados pelo berne e carrapatos. Esta valorização permitia que por todo o Nordeste, desde a Bahia até o Piauí, andassem agentes exportando couros, como se fossem de procedência campinense.

O couro sofre grande depreciação pelos estragos causados pelo berne, carrapato, cercas de arame e bicheiras. Entretanto, o que mais o desvaloriza é a prática de uso de ferros, ainda empregada nos sertões, alcançando cerca de 20 por cento de seu valor. Embora já em desuso, ainda se emprega o fer-

rão em vários currais, e isto também desvaloriza o couro pelos riscos que deixa na sua superfície.

Está desaparecendo do cenário nordestino a figura do vaqueiro. Já são raros os encontros de grupos de cavaleiros encourados pelas estradas em busca das pastagens, onde o gado de todas as marcas livremente viviam.

A redivisão das terras com as cercas de arame farpado, tanto quanto a seleção dos rebanhos tornaram desnecessária a presença do antigo vaqueiro. Montar a cavalo, dias seguidos durante todo o verão, para "corregê-lo" o gado, pegar um boi amontado, curar uma bicheira no rasto, pegar um boi velhaco que sabia correr nas abas das serras, não são mais histórias contadas à sombra das latadas. Hoje, em vez do "cabra" bronzeado pelo sol, dentro duma véstia e chapéu de barbicacho, vemos nos currais a figura franzina dum moço de cabelos compridos e óculos escuros, esperando que os seus ajudantes dominem o bezerro, para poder lhe aplicar uma injeção qualquer.

O antigo curral de pau-a-pique desapareceu do oitão da casa grande. Distante, agora se vê, um edifício coberto de telhas plásticas, com janelas envidraçadas, onde mora o touro caro comprado numa exposição. As vacas são levadas até ele, depois de lavadas e bem alimentadas. Não se ouve mais o mugir do touro nem o aboio do vaqueiro chamando as vacas tardias, depois da Ave-Maria.

Desapareceu da mesa do dono da Fazenda a velha gamela onde botavam o leite para coaltar, e onde se reuniam os vaqueiros, visitantes, familiares em redor, para comer coalhada com raspadura raspada. O leite agora vai de caminho para as fábricas e tem até decreto do Governo afirmando que leite puro faz mal à saúde!

Ninguém vê mais uma boiada descendo do Piauí, tangida pelos tangerinos e um tocando píforo na frente dos bois. Somente os velhos recordam o tamanho dos queijos curtidos, guardados nas tábuas penduradas na despensa para os dias da Semana Santa. Em vez do cuscus de milho zarolho bem quente e coberto de nata, os meninos da casa, antes da escola comem um pão comprado na mercearia (da esquina) com café torrado comprado no mercado!

O moço campinense que agora tem nos pés uma bota feita de plástico, não sabe que antes do automóvel e dos caminhões, cada casa de Campina Grande era uma oficina onde se fabricavam os mais variados artigos de couro. Os almocreves que desciam dos sertões voltavam carregados de selas, arreios e botas fabricadas pelo artesanato campinense. Eram célebres pela beleza dos

desenhos, as bruacas e caronas que eles criavam. Uma faca de ponta com a bainha era um mimo para presente!

A era do couro vai passando, com ela passaram os ranchos nas latadas em frente à casa grande da fazenda, onde se reuniam os matutos contando as novidades que traziam. Eram tiroteios de cangaceiros ou raptos de moça rica pelo filho dum vizinho que precisou abrir o seu caminho trocando tiros de garrucha. Era a perda duma carga, justamente a que trazia os adereços comprados para o casamento da filha do coronel, na passagem do rio, na hora da descida da enchente. Era o café tomado pela madrugada, vendo os almocreves ajeitando a matolotagem. Eram as perguntas ansiosas de notícias de chuvas para os lados do Piauí. Na claridade do luar de outubro, as redes armadas nas forquilhas dos currais enfunavam como velas dos barcos açoitadas pelo vento do Aracati!

Não pensem os moços que a era do couro representava ignorância e atraso. Os almocreves, de volta, sempre traziam para as suas donas, um atavio de ouro ou prata para mimar suas companheiras de lutas. Traziam também moedas de ouro e de prata no fundo das bruacas. Se não viam pela televisão as mentiras dos bandoleiros americanos, muitos tinham assistido lutas bravas de polícia e cangaceiros ao vivo!

Não conheciam a luz elétrica, mas sabiam a diferença do brilho das estrelas, num céu dourado pelo luar. Muitos guardavam o segredo do lugar onde tinham escondido algumas moedas prevenindo os tempos ruins e dormiam tranquilos, pois não sabiam o que era um Banco, os juros de dinheiro tomado para o plantio do algodão.

O comboio que eles levavam era o produto da safra, o apurado era o lucro de seu trabalho. Seus burros comiam o capim à margem do caminho e sequer se pensava na possibilidade de um dia viajar sujeito a comprar peças importadas ou subordinado aos postos de abastecimento de combustível.

Não se sabia o que era um cinema, mas era um divertimento ouvir uns cantadores de desafio ou trocar tiros ajudando um companheiro agredido.

O ponteiro atravessou a marca, a civilização do couro passou, estamos na era do automóvel comprado com os lucros do trabalho do sertanejo e sempre consumindo o combustível que escraviza a nossa nação a outros povos.

O nordestino era um homem altivo que ousou desafiar o Rei, em 1817, e em 1930, ainda teve a coragem de se erguer em defesa de sua dignidade!

Seleção de
GUZERÁ rústico
a regime de
campo

GUZERÁ da

FAZENDA
Município de Paracuru



DITOSO DA AGROVALE
Nasc. 15.12.79
Peso: 570 kg (maio 79)
1º PRÊMIO e RES. CAMPEÃO TOURO JO-
VEM-Uberaba/79
Filho de Ghalor Rossi II e Itapiranga



DOLAR DA AGROVALE
3º Prêmio - Uberaba/79
Nasc. 20.12.76
Peso: 620 kg (maio, 79)
Filho de Baluarte e Bonita



EVITA DA AGROVALE
2º Prêmio - Uberaba/79
Nasc. 28.03.77
Peso: 430 kg (maio, 79)
Filha de Oriente JP e Brasília



CABINA
2º Prêmio - Uberaba/79
Peso: 570 kg (maio, 79)
Filha de Manifesto JP
e Nabada e da
Kilimanjaro e Inhagem JA

Todos os animais da AGROVALE são de criação própria. Guzerá
rústico do Ceará.

AGROVALE

RAÇAS

Curu - Ceará

Mais carne, mais
leite, dentro das
características
radicais

EMAK DA AGROVALE
1º Prêmio - Uberaba/79
Nasc: 20.11.77
Peso: 480 kg (maio. 79)
Filho de Baluarte e Itapiranga

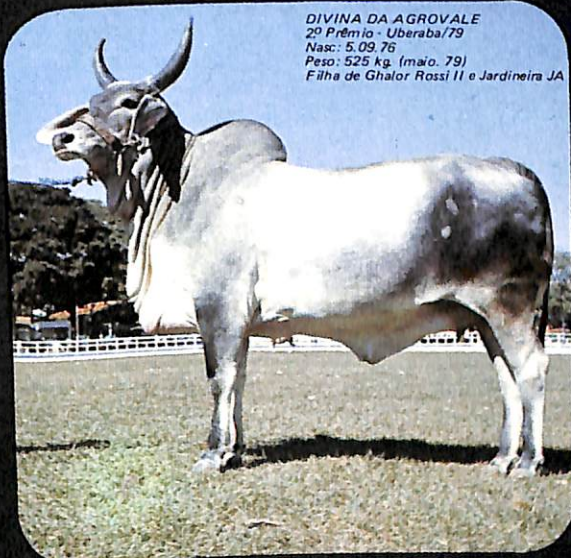


BALUARTE
Peso: 880 kg
Pai: Imigrante
Mãe: Benfica

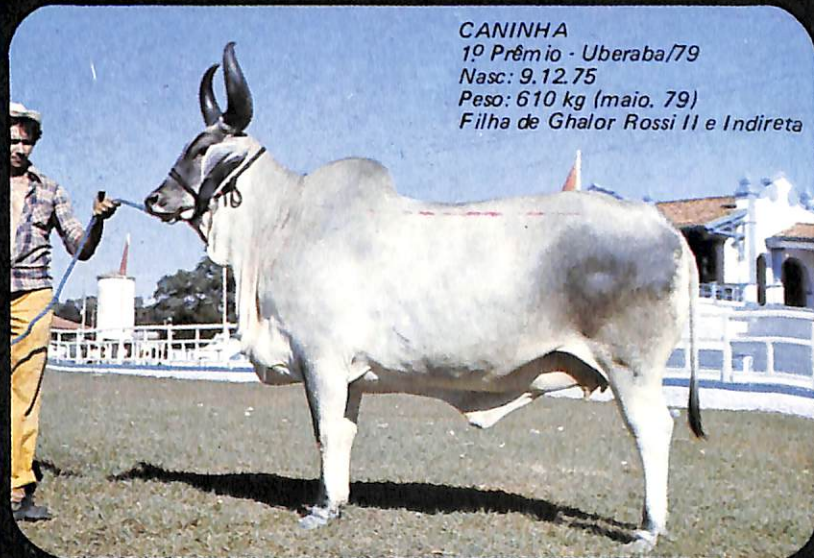
Grande Campeão cearense - 1977-1978
Campeão Bezerro
Campeão Júnior Reserv., Grande Campeão Nacional - Uberaba, 1976



DIVINA DA AGROVALE
2º Prêmio - Uberaba/79
Nasc: 5.09.76
Peso: 525 kg (maio. 79)
Filha de Ghalor Rossi II e Jardineira JA



CANINHA
1º Prêmio - Uberaba/79
Nasc: 9.12.75
Peso: 610 kg (maio. 79)
Filha de Ghalor Rossi II e Indireta



SETE
mais em
Uberaba-1979
ganhamos OITO
prêmios.

PRÊMIOS A
ENDÁ

AGROVALE - Cia. AGROINDUSTRIAL VALE DO CURU
R. Senador Pompeu, 1081 - Cx. Postal: 97 - Fones: (085) 231-0877 / 226-2734 / 231-0521

DELFIM: O MAIOR CRIADOR

O rebanho brasileiro deveria ser de 230 milhões de cabeças, para atender aos 115 milhões de habitantes. O desfrute é baixo, de 15,4%, a idade de abate está situada em 46 meses, para um peso de 450 quilos, ou seja, apresentando um ganho médio diário de 326 gramas. A idade para a primeira cria também é de 46 meses, pelo que cada vaca costuma ter 1 bezerro a cada dois anos ou 3 bezerros em cada 10 anos. O rendimento da carcaça é de 50%, ou seja, 225 quilos de carne para um boi de 450 quilos.

Delfim quer investir no setor e concluiu que bastam Cr\$ 5 bilhões por ano para chegar ao ponto ideal rapidamente, incorporando métodos modernos de nutrição que aumentariam em 30% a eficiência reprodutiva, reduzindo a idade de abate para 24 meses, assegurando um aumento de desfrute para 20% e um rendimento de carcaça de 57%.

Todo esse aumento na produtividade da atividade pecuária estaria dependente da melhoria da alimentação do rebanho nos períodos de seca.

Considerando-se o custo de Cr\$ 0,50 por quilo de feno e a necessidade de 10 quilos para cada quilo de carne que se pretende acrescentar ao rebanho calculou-se que cada quilo de carne teria um custo total de Cr\$ 5 e o projeto total - incorporação de 5 milhões de novas cabeças/ano - corresponderia a um dispêndio anual de Cr\$ 5 bilhões.

Por outro lado, esses animais ofereciam 75 milhões de arrobas de carne ou 1 milhão e 125 mil toneladas que ao preço atual de Cr\$ 600 daria ao País um incremento de Cr\$ 45 bilhões. Mesmo debitando-se custos de instalações, pessoal e manutenção, ainda haveria muito lucro.

ZEBU DIFERENTE PODE GANHAR REGISTRO

A ABCZ está conclamando todos os criadores que tiverem seleção de Zebu fora das atuais especificações de cor para enviarem detalhes para apreciação, por parte do Conselho Técnico.

Assim, os criadores de Nelore Vermelho, Nelore Rosa, Nelore Café, etc. poderão ter - finalmente - seus animais registrados, caso o Conselho aprove.

O Dr. Simeão Machado Neto, está

convidando Octávio Vilas Boas, Jotamachado Engenharia, Miguel José Vita, Newton Falcão, na Bahia para remeterem esses dados ou solicitarem melhores informações no escritório da ABCZ, em Salvador, BA.

Também os criadores de outros Estados poderão procurar os escritórios da ABCZ regionais para garantirem a apreciação de seu trabalho.

SEMINÁRIO SOBRE PARASITOSE

Quem se interessar a respeito do Seminário sobre Parasitoses em Bovinos, a se realizar do dia 23 a 28 de julho, em Campo Grande, MS, a ser efetivado pela Embrapa-Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte - basta se inscrever, sob a taxa de Cr\$ 500 cruzeiros. O Programa inclui conferências sobre Helmintose, Fasciolose, Ixodidose, Tristeza Parasitária, Dermatobiose, Miiases, Atividades diversas, encerrando com francos debates e visita às instalações da Embrapa.

DELFIM QUER MESMO ESTOCAR TUDO

Dentro de cinco anos, o ministro Delfim Netto planeja ter estocado cada cereal produzido no País, para dar garantia ao Sistema Financeiro da Agricultura. Estão prontos todos os estudos relativos ao Sifa, a ser criado provavelmente em meados de 1980, com o lançamento de um novo instrumento de captação da poupança voluntária, cujo nome ainda não foi definido, podendo ser "Caderneta Verde", Bônus Verde ou Bônus Agrícola.

O princípio do Sifa é o de que os alimentos, com seus preços, acompanhem o movimento da inflação, possuindo, portanto, correção monetária natural e o rendimento do papel a ser lançado seria lastreado pela negociação dos estoques.

Rebatendo às críticas sobre o assunto, o ministro adianta que o setor agrícola dispõe de uma grande capacidade de resposta a estímulos financeiros, pois possibilita um retorno a investimento em 5 ou 6 meses, não havendo o perigo de um impacto inflacionário, desde que as aplicações sejam adequadas ao aparelho receptor.

CIDADES HORTIGRANJEIRAS

As periferias dos grandes centros urbanos, principalmente no Norte e Nordeste, precisam de cidades horti-

granjeiras e elas podem resolver o problema de abastecimento. Cada Estado deverá desenvolver o projeto de cidades hortigranjeiras de acordo com suas condições e peculiaridades, pois a idéia do presidente Figueiredo é "atacar o problema do abastecimento o mais rápido possível, e com eficácia". O ministro foi taxativo dizendo que não se deve perder tempo com planos, pois a aprendizagem deve ser feita juntamente com a implantação do projeto, aos secretários de Agricultura e Transportes das regiões citadas.

O ministro criticou duramente o monopólio existente nos Centros de Abastecimento (Ceasas) dizendo que só há uma forma de demonstrar as máquinas de distribuição de produtos agrícolas dos Ceasas: incentivando a concorrência fora desses centros. Segundo ele, os Ceasas foi uma idéia falida, que não deu certo.

TRATOR ANFÍBIO NACIONAL

O Estado do Maranhão está construindo um trator anfíbio pela Ital-Indústria de Tratores Anfíbios Ltda, com tecnologia 100% nacional, permitindo vencer pântanos, alagadiços, terrenos de difícil acesso e terrenos escorregadios, baixios e dunas de areia, superando com incrível facilidades obstáculos de até 60 cm (pedras, troncos), podendo rebocar até mil quilos ou 15 homens, sendo equipado com motor Volkswagen 166.

Quando em águas profundas, o trator se transforma em lancha, uma hélice de 35 cm de diâmetro acoplada à caixa de transmissão e as próprias rodas garante a vitória sobre correntezas.

Testado no pantanal matogrossense, o trator nacional vem ganhando muitos admiradores, principalmente por exigir apenas a manutenção técnica da linha Volkswagen.

NORDESTE, META DE ANDREAZZA

Depois de considerar que no Nordeste se concentra quase a metade da pobreza do país, mais de um terço da pobreza urbana e cerca de dois terços da pobreza rural, o ministro Mário Andreazza, do Interior, relacionou as prioridades para os próximos anos: A agropecuária, com vistas a acelerar seu crescimento, sobretudo a produção de alimentos básicos, e com o objetivo de reduzir aceleradamente a pobreza rural. O ministro garantiu a destinação

de Cr\$ 8 bilhões para programas de desenvolvimento rural integrado (Polonordeste, Irrigação e Sertanejo) e Cr\$ 13 bilhões 600 milhões para a agroindústria.

“Não queremos mais do que o senhor Ministro nos prometeu, mas não aceitaremos menos do que nos foi prometido”, disse o Governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães.

“Não precisamos de uma terapia de emergência, como sempre acontece, mas sim de uma cirurgia institucional”, disse o Governador do Sergipe, Augusto Franco.

O AZAR DE FRANCELINO

O Governador Francelino Pereira, de Minas Gerais, na Abertura da Exposição Nacional de Gado Zebu, só fez elogiar os mineiros, o tempo todo, em seu discurso. Segundo ele, a Exposição era o melhor testemunho da capacidade e gosto pela criação do mais puro gado bovino do país.

Mas, qual não foi o seu espanto, quando - ao se iniciar o Desfile dos Campeões - o locutor ia citando a proveniência dos animais: Sergipe, Alagoas, Paraíba, Pernambuco, São Paulo, Goiás, e vez ou outra, saía o nome de Minas Gerais.

VACINA BRINCALHONA

As acusações estão chegando de todos os Estados, Bahia, Ceará, Rio Grande do Norte. Na Bahia, a Aftosa caminha às soltas em diversos pontos, sendo que diversos criadores atestam, veementemente: “Nós compramos gado vemos o Atestado de Vacinação Daí a uns dias, a febre sai fazendo vítimas”.

No Rio Grande do Norte, bem como em outros Estados, a Vacina é controlada rigorosamente pelo Estado

“Preferia mil vezes aplicar a chamada ‘água suja’, como dizem os técnicos, do que ter que ficar sem vacina” declara Kleber Bezerra, líder da pecuária norte-riograndense.

Mas é tão fiscalizada e controlada que ninguém sequer encontra para comprar!

ALAGOAS INDEPENDENTE

Após árdua luta, o dinâmico empresário Fernando Coutinho conseguiu desmembrar Alagoas da Sociedade Nordestina, de Pernambuco. Hoje, Alagoas ganha um escritório da ABCZ e providenciará seu próprio serviço de Registro Genealógico, dando maior ve-

locidade à pecuária alagoana. A sede será no Parque de Exposição de Macaíó. Esse desmembramento teve lances históricos, ocorridos e ultimados durante a Exposição Nacional em Uberaba-1979.

PACOTE INCOERENTE

O Dr. Paulo Cavalcanti, um dos diretores responsáveis pelo 1º Transplante de Embrião em escala empresarial no Brasil, fala sobre o Pacote: “Se o problema é encher as panelas então o crédito precisa ser mais elástico para aqueles que podem e têm condição de responder mais rapidamente aos anseios do Governo. E esses, aqui no Nordeste, não são os pequenos minifúndios, que somente produzem sem qualquer perspectiva de continuidade. Por outro lado, o Pacote esqueceu-se da infra-estrutura mais importante, a água para o Nordeste. E seria muito conveniente lembrar ao Sr. Ministro que numa região como Nordeste semiárido o gado pode e deve ser considerado como infraestrutura”.

Continuando a comentar as medidas o renomado criador frisou: “Os técnicos que frequentam as fazendas são menininhos, que vem no carro do Governo, mas que não sabem sequer se aproximar e orientar e, pior, não entendem nada da burocracia de Bancos”.

“Se, depois que o Sr. Ministro consertar o setor, cuidar também para que o processo de industrialização do Nordeste vise apenas a utilização de produtos da própria terra, então poderemos confiar mais nas decisões dos que dirigem”, finalizou.

PACOTE PIADA

O dinâmico Presidente do valente Sindicato Rural de Itapetinga, a Capital da Pecuária, do sul da Bahia, Dr. Felício Francisco de Brito, comunica estar realizando todas as observações sobre um “novo Pacote nordestino” que será enviado ao Ministro, juntamente com as disposições dos governos estaduais.

“O Pacote não tem nada de Nordeste, mas o momento ainda é de confiança, de persistência na esperança, pois é o Nordeste quem colocou e mantém o Governo no poder, embora não tenhamos tido nenhuma retribuição”.

Solicitado a comentar o Pacote, Dr.

Felício disse: “O crédito deve ser orientado para todos os nordestinos, grandes, médios e pequenos, cada um com uma política específica. Deveria prever a implantação de vilas rurais, eletrificação rural, água, escolas, pois o que falta ao campo nordestino é gente para trabalhar. Essa é a matéria prima que não existe, pois foi banida para as cidades, e não voltará somente por amor à terra. O Pacote pode ter muitos pontos positivos, mas esqueceu-se de coisas vitais, principalmente quando se considera que nordestino não bebe muito leite, mas come muita carne. E não há nada sobre beneficiamento de carne, gênero de 1ª necessidade para a região”.

ZEBU SÓ EM UBERABA

Até hoje a cidade de Itapetinga, polo da pecuária baiana, não perdoa a atitude de Uberaba por ter impossibilitado a realização de uma Exposição de Gado Zebu no local. A palavra é do promotor do evento, Sindicato Rural, na pessoa de Dr. Felício Francisco de Brito: “Uberaba mantém um bairrismo pernicioso que depõe contra o Zebu. Nós, aqui em Itapetinga, vendo a introdução de gado europeu indiscriminadamente resolvemos fazer uma Exposição de Gado Zebu, com o endosso da ABCZ. Por sugestão do então Ministro Paulinelli a ABCZ criou uma comissão para estudar o assunto e analisar as condições da cidade. E qual foi o resultado? A comissão alegou que as estradas impossibilitavam uma Exposição desse tipo! Não entendemos essa frieza, pois acreditamos que a ABCZ deveria promover o Zebu a nível nacional e não a nível uberabense, apenas. Some-se a isso o fato de que todos os serviços prestados inclusive os Registros, são péssimos e precários. Por isso, embora sabendo que europeu na região só presta até meio sangue, estamos notando uma grande introdução. Por culpa da ABCZ!”

Como informação, apenas, o Dr. Felício citou que em 1978 a Exposição de Itapetinga comercializou cerca de Cr\$ 53 milhões, em pleno período de crise e, agora em 1979, cerca de Cr\$ 58 milhões, ocasião em que as estradas BR-116 e BR-101 estavam bloqueadas devido às chuvas que inundaram a região mineira de Governador Valadares. Sem dúvida, para uma cidade nordestina, o faturamento é excepcional.

DESTAQUE NA PECUÁRIA



D. Maria Neusa Consoni Guimarães

Em entrevista que Abadio Miguel Júnior realizou com a Sra. Maria Neusa Consoni Guimarães, esta senhora de excepcionais virtudes, conhecedora profunda de zebu, narra a origem de seu plantel, bem como o árduo trabalho de seleção desenvolvido em seu plantel Nelore para o melhoramento de seu rebanho e em consequência o

melhoramento também do grande rebanho nacional.

Sempre procurando inovar e mostrar a todos os produtores rurais, técnicos etc., o que existe de melhor no rebanho nacional, iniciamos uma série de entrevistas com criadores que hoje ocupam um lugar de destaque no criatório nacional, reconhecendo o trabalho e o esforço que cada um realiza dentro do desenvolvimento e aprimoramento de seus rebanhos, contribuindo cada um, com sua parcela de colaboração no sentido de aumentar e aprimorar mais nosso rebanho que sem dúvida alguma é o maior do mundo e porque não o melhor. Merecidamente, entrevistamos D. Maria Neusa Consoni Guimarães, numa visita que fizemos à Fazenda São Pedro, no município de Sertãozinho-SP., de sua propriedade, oportunidade também que tivemos de fotografar alguns de seus animais para ilustração desta entrevista, bem como mostrar as raras qualidades encon-

tradas em seu rebanho, fruto de um trabalho de seleção de muitos anos, e continuado por ela, como ninguém o faria melhor.

P – Qual a origem do seu plantel?

R – Luiz Humberto Cunha Guimarães, meu falecido esposo, recebeu de seu pai, João de Oliveira Guimarães, que foi um grande criador de gir, o seu plantel de 150 fêmeas nelore, em 1956. Este plantel havia sido adquirido na região de Uberaba e Uberlândia, na época daquela quebra do zebu, no governo de Getúlio Vargas. Iniciando então sua seleção, partindo destas 150 fêmeas, foram adquiridos os primeiros reprodutores de Otávio Machado. Logo depois, sempre procurando aprimorar ainda mais, começamos a introduzir em nosso rebanho, reprodutores marca TAÇA de Durval Garcia de Menezes, - de Rubico de Carvalho, e VR do Sr. Torres Homem Rodrigues da Cunha. Depois, com a Inseminação Artificial, passamos a usar sêmen dos melhores reprodutores da atualidade, e tivemos a grande felicidade de comprarmos Hercúleo, que deu a seus filhos um melhor desenvolvimento em ganho de peso.



GIPIELA - Filha de Hercúleo da S.C. e Desfeita. Aos 52 meses, pesou 680 kgs. Premiada diversas vezes em exposições, sendo a última em Uberaba/79.



Muito peso e raça, esse excepcional reprodutor, Hercúleo da S.C., transmite a seus filhos, campeões em provas oficiais de ganho de peso. Foto de 05/01/76.

P – Sabemos que sua seleção foi sempre feita visando maior peso em seu rebanho, embora com certos cuidados

com a caracterização, o que a Sra. acha dos julgamentos de animais nas exposições, sendo que nos dias atuais, são levados em conta por alguns juizes, mais a caracterização, do que o próprio peso?

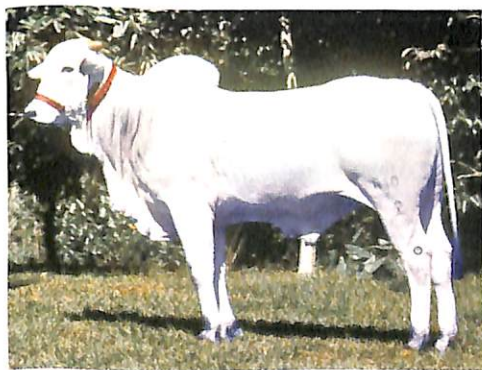
R — Discordo muitas vezes dos julgamentos, onde pequenos detalhes de caracterização, tem maior valor que o ponderal. Nós precisamos de carne e não de orelhas bonitas e imponentes nas pistas. A finalidade de uma raça hoje tem que ser carne, e a caracterização deverá ser considerada dentro dos padrões da raça, pois dentro da própria raça existem diversas linhagens distintas e todas originárias da Índia, sendo que cada uma imprime caracterização que diferencia uma das outras.



Jaguarandi - Filha de Dumú e Mandchuria
Aos 25 meses - 425 kgs.

P — Onde a Sra. mantém sua criação e para quais os mercados têm vendido seus animais?

R — A criação de meu plantel é feita em Goiás - Município de Paranaiguara e aqui no município de Sertãozinho SP., em minhas fazendas. Tenho vendido animais para mercados diversos, inclusive para outros países da América do Sul. Aqui no Brasil, vendo para a Bahia, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul etc., e para outros países, a Argentina e o Paraguai.



IRAK - Filho de Fendo da S.C. e Ervalia
20 meses - 540 kgs.

P — Vendendo para diversos estados brasileiros e para o exterior, a que a Sra. atribui esta preferência dos criadores pela compra de seus animais?

R — Acredito que esta preferência seja pelo desenvolvimento, caracterização e padronização que nossos animais possuem, bem como pela docilidade que conseguimos implantar através de rigorosa seleção.



Jovial - aos 20 meses pesou 563 kgs., com um ponderal de 0,938 kgs. dia de peso.
Filho de Hercúleo da S.C.

P — No começo de nossa entrevista a Sra. disse ter tido a sorte e a felicidade de comprar o reprodutor Hercúleo da S.C., por que?

R — Temos uma grande diferença no peso ao nascer e na desmama entre os filhos de Hercúleo da S.C. e de outros touros utilizados no rebanho. Hercúleo sempre dá aos filhos, maior peso e melhor desenvolvimento. Esse touro, criticado por alguns por transmitir uma caracterização menos delicada, entretanto imprime peso em quantidade.



Conjunto de fêmeas, parte do plantel da Fazenda São Pedro, presentes na exposição de Uberaba/79.

P — Durante toda essa nossa conversa, a Sra. muito falou no peso que Hercúleo transmite a seus filhos; Por que?

R — Porque ouço muitos criadores e invernistas, procurarem no cruzamento com raças européias o peso que o nelo-

re puro na sua maioria já não produz, e Hercúleo consegue imprimir este peso com muita facilidade, sem ser preciso procurar opções de cruzamentos.



JAMBA - Aos 25 meses - 430 kgs. Filha de Fiord e Goteja.

P — O que representa Hercúleo para a Sra.?

R — Hercúleo representa para mim, o peso, padronização e principalmente a alegria de possuí-lo e usá-lo em meu plantel, obedecendo o meu critério de seleção de dar mais carne em menor tempo ao mundo carente de proteínas animal, e com sabor extremamente agradável.



Sede da Fazenda São Pedro, localizada no Município de Sertãozinho - SP.

P — D. Maria Neusa, para encerrar esta entrevista, gostaria de saber como a Sra. se sente com esse trabalho que vem realizando em prol do criatório nacional?

R — Sinto-me orgulhosa pelo rebanho que herdei e aprimorei. Sinto-me também uma batalhadora da pecuária brasileira junto a outros criadores, e, sobretudo de transmitir a meus filhos o exemplo de lutar e vencer, por isso tenho a certeza de que eles serão os seguidores de João de Oliveira Guimarães, seu avô, e de Luiz Humberto Cunha Guimarães, seu pai.

FAZENDA SÃO PEDRO
Município de SERTÃOZINHO — SP
Rua Visconde de Inhaúma, 1478
Fone: 252889 - RIBEIRÃO PRETO — SP.

HILTON MACHADO MAGALHÃES
RUBEN BOELTER
AMAURI RODRIGUES DA SILVA



elementos de FARMACOLOGIA VETERINÁRIA

SULINA

ELEMENTOS DE FARMACOLOGIA VETERINÁRIA — Hilton Machado Magalhães, Ruben Boelter e Amauri Rodrigues da Silva.

A falta de livros da Farmacologia Veterinária em língua portuguesa foi o principal motivo que levou os autores a escreverem esse livro, visando atingir os seguintes objetivos: a) conter de forma sucinta e clara os princípios fundamentais da Farmacologia Veterinária. b) Ser o mais clara os princípios fundamentais da Farmacologia Veterinária. b) Ser o mais didático possível, de forma a facilitar a memorização da matéria exposta. c) Conter somente os princípios de Farmacologia que já estão bem confirmados pela experimentação e pela tradição clínica. d) Não ser muito extenso, para não se tornar polêmico e ao mesmo tempo para não lhe aumentar o custo.

O livro não pretende abordar o estudo dos diferentes esquemas de tratamento das enfermidades, pois isto é tarefa das disciplinas de Terapêutica e Clínica.

Alguns capítulos como Antissépticos, Desinfetantes, Vitaminas e outras substâncias foram propositadamente omitidas neste livro, uma vez que são amplamente e melhor explanados em outras disciplinas do curso de Medicina Veterinária.

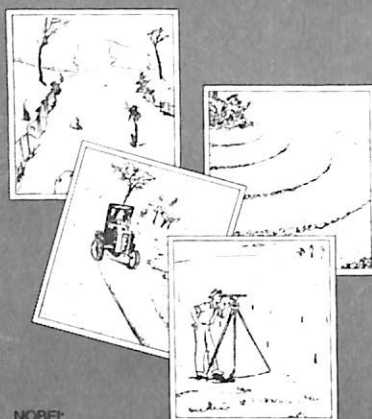
Aborda amplamente Farmacologia geral e Farmacologia especial, em linguagem simples de maneira a facilitar o aprendizado das ações Farmacodinâmicas e Toxicológicas dos principais fármacos. Livro útil para estudantes e profissionais como um manual de

consulta, esclarecendo as dúvidas sobre doses e vias de administração dos medicamentos.

Livraria Sulina Editorial
Porto Alegre — Rs

NOÇÕES DE CONSERVAÇÃO DO SOLO

NAUTIR DAVID AMARAL



NOBEL

NOÇÕES DE CONSERVAÇÃO DO SOLO — Nautir David Amaral.

Aborda, profundamente, ilustrando com gráficos e desenhos esquemáticos o flagelo da erosão, um desafio à técnica agrícola ainda sem solução completa. Traz completa explicação do processo de erosão, as funções do solo, os organismos vivos prejudicados e uma descrição dos principais tipos de erosão.

Na segunda parte, traz as práticas conservacionistas, tanto com métodos vegetativos (plantio em curvas de nível, aparelhagem a ser utilizada, culturas em faixa de rotação, culturas em faixa de retenção), como com métodos mecânicos (cordões de contorno, terraceamento, vantagens-limites-fracassos, tipos de terraços, cuidados especiais com canalização) ou vegetativos Mecânicos.

Encerra caracterizando as oito classes de solo e suas características, propondo uma solução para o alinhamento de cafezais e outras conclusões de interesse.

Livraria Nobel
Caixa Postal - 2373
01222 — São Paulo — SP

Fausto Simões

MANGALARGA



E O CAVALO DE SELA
BRASILEIRO

MANGALARGA E O CAVALO DE SELA BRASILEIRO — Fausto Simões

De família tradicionalmente fazendeira, o autor aborda O Cavalo e o Homem, o Cavalo Mangalarga, Troncos Formadores da raça, aptidões do Mangalarga, estado atual de seleção, o mangalarga e o tipo universal do cavalo de sela, índices ideais para o cavalo de sela, o que os árabes nos transmitem, quanto ao padrão do mangalarga, sobre os aprumos, as taras, dos andamentos, defeitos mais frequentes na raça mangalarga, compensações dos defeitos, pelagens, manchas e particularidades, Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da Raça Mangalarga, as raças formadoras do mangalarga, os núcleos atuais que mais influência mantêm sobre a raça, o marchador mineiro e as demais raças equinas nacionais, avaliação dos equinos, o plantel da Fazenda Sta. Virgínia e os métodos seletivos empregados, o que a hereditariedade nos ensina, equitação simplificada, o cavalo de sela como máquina animal, cuidados com a criação, a doma, concurso e provas equestres, o novo padrão da raça mangalarga.

O livro serve não somente para criadores da Raça Mangalarga, como também para qualquer criador de equinos de outras raças, constituindo, segundo palavras do próprio autor, uma cartilha necessária para todos os que querem conhecer algo mais a respeito da difícil arte de selecionar cavalos.

Editora dos Criadores
São Paulo — SP

Uberaba muda a geografia

NORDESTE VIROU AMAZÔNIA

Eis o conto engraçado, eis o mercantilismo passando por cima da paixão pelo Zebu. Minas fez um feio papel em Uberaba-1979. Se não tivesse reeditado o Gir, não teria conquistado nenhuma vitória expressiva, na contagem de pontos, pois não teve zebu para competir.

Há muito que o Guzerá está no Nordeste e esse é o gado indicado para regiões desérticas e secas. Há muito que o Indubrasil vem se distanciando de Minas rumo ao Nordeste. Há muito que Uberaba já perdeu o Nelore, que foi para São Paulo e Centro-Oeste. O Gir, em retrocesso, tem seu núcleo em Minas, mas lentamente vai se dirigindo para o Goiás.

A bravura indômita, somada ao pioneirismo de tempos idos, não confere competência para que Minas possa menosprezar, com as terríveis armas de que dispõe (ABCZ em seu território sagrado) as demais raças!

Ou será que Uberaba ainda tem Nelore, tem Guzerá, tem Indubrasil escondidos, para exportação? Ou será que haverá gente comprando gado em outras regiões para atender exportações uberabenses?

Afinal de contas, nas conversas de bastidores, comentava-se que o QUARENTENÁRIO DE CANANÉIA está totalmente "comprado" por alguns fortes comerciantes de gado (isso justificaria a quantidade de gado emperrado, sem poder seguir seu destino, mesmo após a venda). Ou seja, apenas alguns habilidosos comerciantes saberiam quebrar a burocracia de Cananéia. Isso é assunto para Delfim Netto, que vetou a construção de quarentenários pela iniciativa privada (uma medida racional, sem dúvida!).

Para a África deve ser exportado um zebu que preencha as condições africanas e, nessa tônica, o Nordeste tem gado sobrando! Que o senhor Ministro olhe para o Nordeste, ao invés de fazer indagações a uma Entidade manipulável, pois a Amazônia está ainda em colonização, mas o Nordeste vai sempre a Uberaba e sai levando prêmios aos montes.

Só não leva mais, porque a distância é muito grande!

Para vencer a corrida das exportações de Zebu, vale tudo, até mudar a Geografia! Se, durante a pequeníssima semana de realização da Exposição Nacional de Gado Zebu, ocorreram essas

disparidades, afrontosamente, o que não ocorrerá no restante do ano? E daqui para a frente? Mas, vamos aos fatos...

Uberaba convidou diversos representantes africanos para conhecer um pouco do ZEBU BRASILEIRO. Veio Costa do Marfim, Senegal, Gabão, Nigéria, Ghana, Togo, Zaire e Angola. Os homens chegaram, inicialmente, para abrir caminho para as futuras importações. A tática utilizada para abordar os países africanos, consciente ou inconsciente, merece ser analisada, visando propiciar uma nova luz aos eternamente lutadores nordestinos.

Após vislumbrar, no Parque, um "grande" zebu, os africanos foram para o recinto de conferências, onde diversas personalidades versariam sobre assuntos de interesse para a possível introdução de boi de giba no continente negro.

A 1a. conferência, "Produção de bovinos em países subdesenvolvidos", do Prof. João Soares da Veiga, é brilhante, bem documentada, mostrando o zebu como única solução para quem quer rusticidade e baixo investimento. A 2a., "O Zebu Brasileiro, origem, evolução e estágio atual", do Dr. Rômulo Kardec de Camargo, mostra a rapidez do desenvolvimento e as vantagens sobre as demais raças, no clima tropical, além do alto nível alcançado pelo criatório brasileiro. A 3a., "Alguns aspectos ecológicos e econômicos da zebuicultura", do Dr. Arnaldo Rosa Prata, mostra que o zebu realmente adapta-se bem aos mais diversificados climas e ambientes, como bem o demonstra a expansão do Zebu Brasileiro, que saiu de Minas para todas as regiões, chegando já a dezenas de países americanos, com grande sucesso. A última conferência, "Perspectivas de cooperação Brasil-África, no setor pecuário", do Embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima, encerra mostrando que nada impede a exportação de zebu e que o Brasil está de braços abertos para os irmãos de além-mar. Frisa que até mesmo um sistema de trocas poderá ser ativado, para concretizar o empreendimento.

Tudo aquilo estava muito normal, meio uberabista, mas podia ser perdoado o bairrismo. O agravante veio, na saída, quando um criador desavisado perguntou: "— O que será que os africanos acharam dessa conversa to-

da?"

E, analisando bem a conversa toda, surgem entrelinhas e, de repente, verifica-se que o assunto não ficou encerrado com música angelical, muito pelo contrário: o Nordeste e o resto do País estava sendo espoliado, bem á vista!

Eis a outra interpretação: os africanos chegaram, viram um belo gado nas pistas, viram uma festa internacional, e — após verificar que havia zebu de todas as regiões — foram para as conferências traduzidas simultaneamente, com portas abertas para todos os criadores. Não havia possibilidade, portanto, de receber uma mensagem ao pé-do-ouvido, nenhum mistério. Iriam ouvir grandes personalidades de outras praças.

A 1a. conferência mostra que a solução para os países subdesenvolvidos está no gado rústico, principalmente, no zebu tão aprovado. A 2a. conta a história rápida do gado que chegou, cresceu e, hoje, é o melhor plantel do mundo. Basta, portanto, comprar no Brasil para se obterem resultados similares, pois todos os climas tropicais já foram testados e o zebu saiu vitorioso. A 3a. conferência salienta as peculiaridades da colonização nas mais diversificadas regiões, onde o Zebu é sempre o herói. Nos trópicos brasileiros incluindo Amazônia, o Zebu saiu-se muito bem e, portanto, deverá sair-se muito bem nos trópicos africanos (mesma latitude, no mapa). O zebu saiu de Minas e está povoando o Nordeste, há vários anos, e a Amazônia com resultados excelentes. (Óbvio que, com essa sequência toda, os africanos somente poderiam optar pelo Zebu uberabense). A 4a. conferência diz que pode-se facilitar a transação, para possibilitar um amplo relacionamento.

E pronto, no cérebro dos africanos, ficou apenas uma coisa: a imagem de um mapa brasileiro, cujo Equador é o mesmo que corta a África. Aqui, no Equador, ou no clima seco, o gado é proveniente do sul e está em fase de colonização, já aprovado! A África pode seguir o mesmo caminho, ou seja, comprar zebu em Minas e levar, tranquilamente, para a nova pátria. Essa foi a imagem pregada, leve e leve de zebu saindo de Minas, dirigindo-se para a Amazônia, para o Nordeste seco, para o Centro-Oeste, para dezenas de países da América Latina. É em Minas que está o zebu verdadeiro, em quantidade e qualidade! E isso não é verdade!



FAZENDAS
REUNIDAS

OCTAVIANO DUARTE S/A

SANTA TEREZINHA - CUMBE - CAMDIAS - RECREIO
- VARAME - AMEIXAS - ESPINHO PRETO

LIMOEIRO - PE - Fones: 226, 230 e 239



SELEÇÃO

INDUBRASIL
NELORE
GUZERÁ
GIR

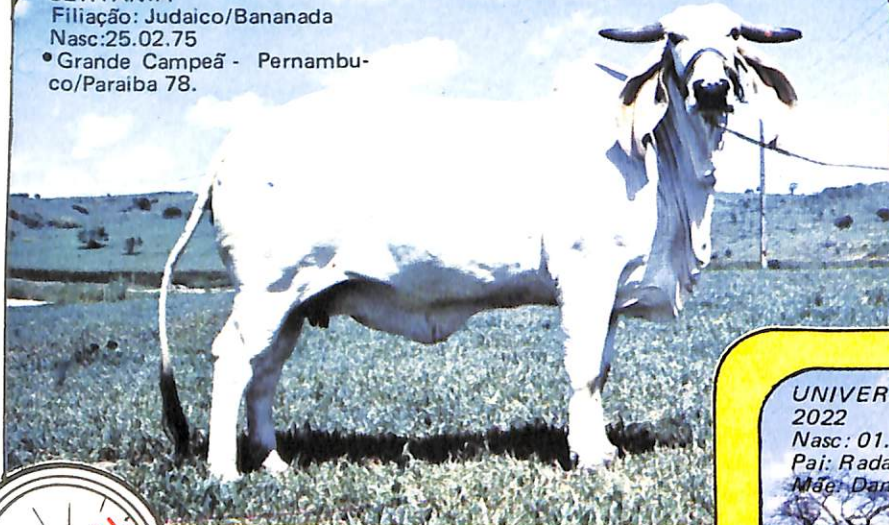
*Mangalarga
Marchador*

URAL

Filiação: Bigorriho/Li-
meira.
Nasc. 12.03.74
• Campeão Bezerro-Re-
cife/76.
• Campeão Júnior-Su-
rubim-76.
• Campeão Sênior/Re-
serv. Grande Campeão-
Pernambuco/Paraíba 78

SERTANIA

Filiação: Judaico/Bananada
Nasc: 25.02.75
• Grande Campeão - Pernambu-
co/Paraíba 78.



DEZENAS DE CAMPEONATOS NACIONAIS E NORDESTINOS



Maranhão . Piauí . Goiás . Paraíba .
Pernambuco . Rio Grande do Norte . Alagoas .
Minas Gerais.



*Alta linhagem - Raça - Peso - Precocidade - Pureza
Genética*

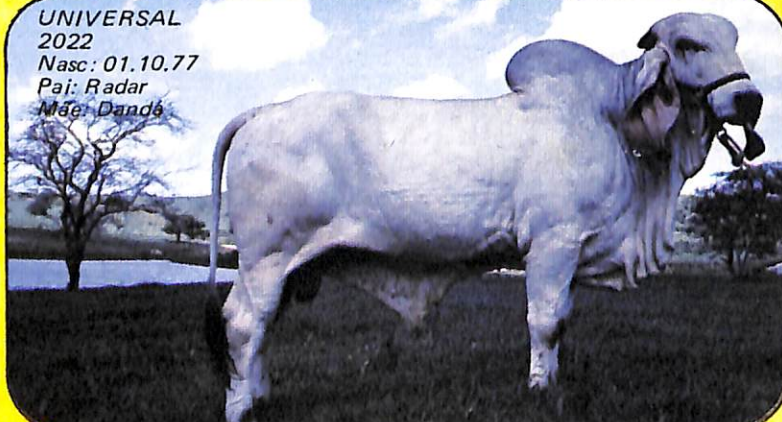
UNIVERSAL

2022

Nasc: 01.10.77

Pai: Radar

Mãe: Danda



ESPECIAL

Solicite GRATUITAMENTE,
pelo Correio e receba sem qual-
quer compromisso, informações
sobre nosso novo

ATENDIMENTO ESPECIAL

para os Estados: PARAÍBA, CEARÁ, PIAUÍ e RIO GRANDE
DO NORTE

Veja nossos Preços e nossas condições especiais, grátis.

Correspondência: Rua da Moeda, 122, 1º CEP 50.000
Recife, PE - Telex: (081) 1.300 IROD
Fones: (081) 224-3433 e 224-3891

AUTOCRÍTICA DA PECUÁRIA BRASILEIRA

SINVAL PALMEIRA, da Cabana da Ponte, sempre tem salientado que a pecuária é um bom negócio e que não faz sentido continuar fechando os olhos para a realidade, pois o mundo precisa de carne para se alimentar. A potente voz da Bahia, reconhecida em todo o Brasil, não deixa de censurar os poderes oficiais e a culposa inércia da classe e seus órgãos dirigentes, construtivamente.



A bem da verdade, nós, criadores, não temos feito outra coisa a não ser "Gigolô de vacas", como frisou o General Figueiredo. A bem da verdade, nós, criadores, não temos feito outra coisa a não ser representar o papel de "Gigolô de vacas", como frisou a incontinência verbal do General Figueiredo, pois exploramos a terra, exploramos os nossos empregados, usamos reprodutores medíocres e tantos outros "defeitos" que fazer um exame de consciência não é nada de mais. O autor aponta as principais falhas acumuladas no correr do tempo pelos falsos barões da atualidade, ou seja, os fazendeiros sem noção da realidade brasileira.

A pecuária brasileira, como de resto toda a pecuária mundial, vem de passar por uma séria crise, resultante, sobretudo, da alta dos preços do petróleo. A carne caiu de US\$ 2.220 para menos de US\$ 800,00. No caso de nosso país, isso foi agravado por uma política de contenção de preços e tabelamentos, além de retenção do crédito, visando conter a inflação à custa da pecuária e, particularmente, manter sob controle o problema alimentar brasileiro, indiscutivelmente grave e a merecer uma solução justa e completa.

A tudo isso se somam as naturais incertezas do clima, as pragas e a seca. Os fazendeiros, em sérias dificuldades financeiras, têm criticado acerbamente os Governos, quase sempre com reconhecimento fundamentado. Pedem ajuda creditícia, moratórias e subsídios, mas nunca partiram para um processo autocrítico, para a revelação de suas próprias faltas através do tempo. Concordo com os erros apontados no modelo brasileiro e já os denunciei em "Uma política para a carne" e "O Drama do Produtor de Leite", como em diversas outras ocasiões, mas agora entendo: devemos começar nosso próprio processo autocrítico, porque, realmente, na crise da pecuária brasileira, nossa culpa é muito maior do que os erros da política oficial.

Chamar o pecuarista "Gigolô de vaca", como fez o General Figueiredo numa reconhecida incontinência verbal, que evidentemente não era para ser publicada e muito menos para agredir os fazendeiros ou lhes diminuir, estou certo, não deixa de ser verdade e esse epíteto não foi criado pelo Presidente, mas repetido frequentemente entre os próprios pecuaristas, para definir aqueles que não compreenderam ainda o verdadeiro papel e a dinâmica do criador de gado dentro da economia nacional.

O grande fazendeiro brasileiro sem-



Como diz o General Figueiredo, o fazendeiro tem sido um "Gigolô de vaca", devido ao pouco interesse pela atividade.

pre foi o herdeiro dos barões do Império, senhores de escravos. Não se habituou ao trabalho da terra e aos problemas da criação. Da varanda da "Casa Grande", olha o canavial ou o gado, admira sua riqueza construída pelas mãos escravas ou assalariadas, mas, salvo raras exceções, esses novos barões nunca desceram às realidades da produção, ao planejamento e à análise de custos, ao trabalho árduo do verdadeiro empresário. Na maioria dos casos, o fazendeiro vive na Capital, exerce outras atividades urbanas ou não exerce nenhuma, vive das rendas da fazenda. Vem à fazenda vender a boiada ou passar férias com os filhos e netos. Esse tipo de pecuarista é ou não é "Gigolô de Vaca"?

Derrubamos as matas para plantar capim, sem pensar no desequilíbrio ecológico, caçamos ou permitimos a caça em nossas terras, restos de um esporte aristocrático, sem nos lembrarmos de que a perdiz que faz a delícia do almoço de domingo é uma inimiga natural da cigarrinha das pastagens que vimos de abater, favorecendo a praga.

Queimamos os pastos cada ano, porque o trato da terra com roçadeiras e tratores é caro e o fogo é gratuito e traz a ilusão da fertilidade pela cinza que se acumula na terra e engana no viço do capim depois da chuva. Mas com essas práticas estamos destruindo nossas fazendas, estamos abrindo campo à erosão e deixando livre a cigarrinha, a maior inimiga da pastagem. Superlotamos nossos pastos, porque sempre ouvimos dizer que temos as melhores terras do mundo e não fazemos rotação porque criamos a teoria falsa e cômoda de que o boi gosta de andar. Usamos no nosso rebanho reprodutores medíocres, quase sempre bons para o abate, porque são baratos, e dizemos ser contra a tecnologia, a inseminação artificial, porque nossos vaqueiros são atrasados e analfabetos.

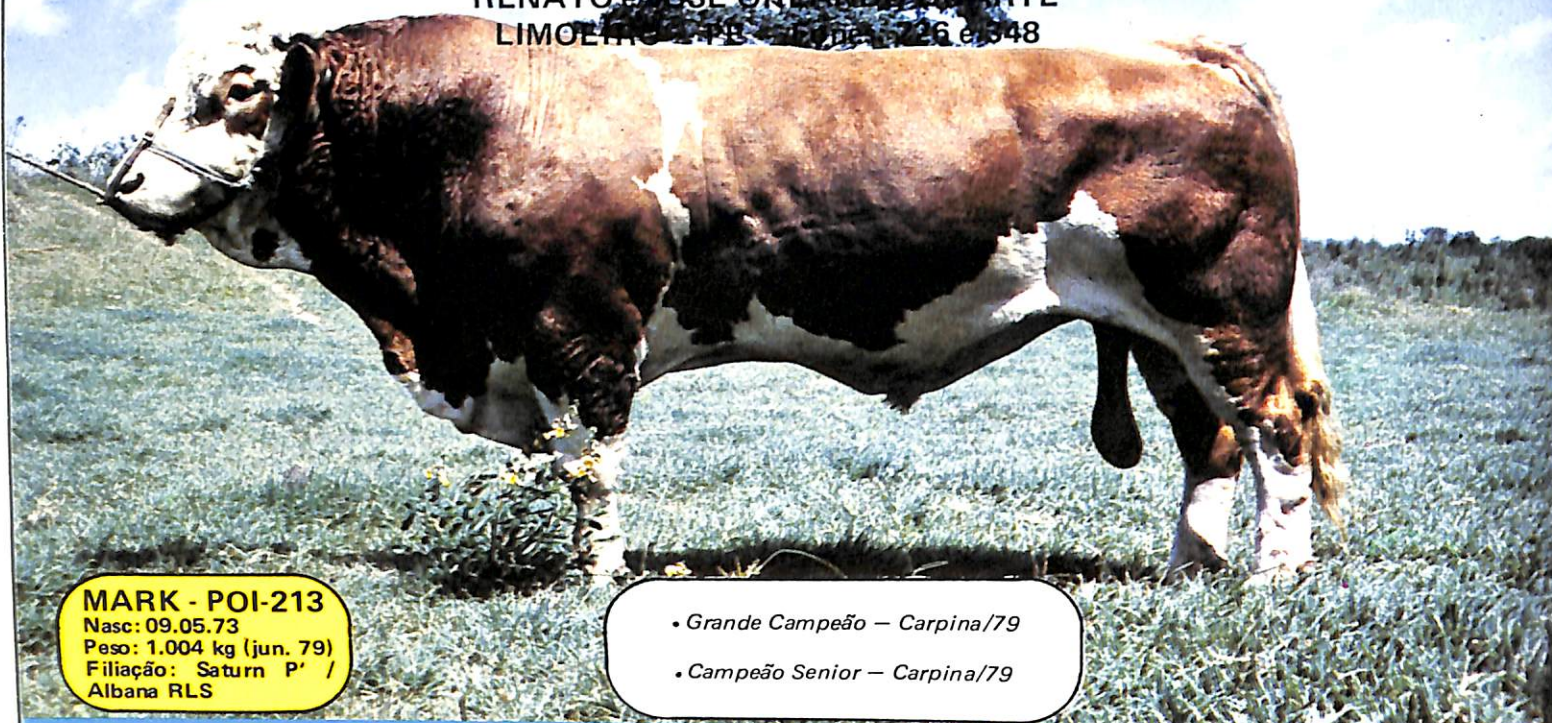
Depois de tantos erros acumulados através do tempo, como poderíamos ter uma Grande Pecuária? Essa é nossa autocrítica. Nós, pecuaristas, de um modo geral, não atuamos como empresários, não estudamos nem equacionamos nossos problemas, não trabalha-

O mais
premiado em
Exposições
Estaduais do
Nordeste

FAZENDA PINHEIRO

Seleção de
Simental
Fleckvieh de
origem da
Suíça e
Alemanha

RENATO e JOSE ORLANDO DUARTE
LIMOEIRO - PE - CEP 55.726-0348



MARK - POI-213

Nasc: 09.05.73
Peso: 1.004 kg (jun. 79)
Filiação: Saturn P' /
Albana RLS

• Grande Campeão — Carpina/79

• Campeão Senior — Carpina/79

REAL DO SALTINHO — PON-754

Nasc: 26.11.77
Peso: 446 kg (jun. 79)
Filiação: Horrido (sêmen alemão)
/Neti (imp)



• Campeão Bezerro-Limoeiro/79

• Campeão Bezerro-Carpina/79

• Campeão Bezerro-Recife/78

• Grande Campeão-Recife/78

• Campeão Júnior Paraibano/78

RITA DO BELÉM — PON-1670

Simental Suíça
Nasc: 02.07.77
Peso: 429 kg (jun. 79)
Filiação: Nebelick (sêmen suíço)
/Norma da Suíça-Brasileira



RARIDADE DO SALTINHO-PON

1576
Nasc: 18.02.78
Peso: 398 kg (jun. 79)
Filiação: Harbig (sêmen alemão)
/Nirvana (imp), Campeã Bezerro-Carpina/79



MAIS CARNE — MAIS LEITE — MAIS PRECOCIDADE

Desejo receber, sem qualquer compromisso de minha parte, as informações abaixo discriminadas, pelo Correio - GRATUITAMENTE.

Nome:

Endereço:

Cidade: Estado:

☐ Porque o Simental Fleckvieh é o gado ideal p/ cruzamentos?

☐ Qual o preço de tourinhos Simental Fleckvieh na Pinheiro?

TOURINHOS

À

VENDA

Correspondência:

RECIFE, PE — CEP 50.000

Av. Boa Viagem, 854 - Telex: (081) 1.300

IROD - Fone: (081) 326-0565

mos como deveríamos.

Para muitos, o trabalho é a maldição de Deus, pela desobediência no Paraíso. Estou certo de que o trabalho deu ao homem sua exata dimensão de criador e transformador da natureza. Só quando surgiu o trabalho o homem se encontrou realmente com sua condição humana e superior. Já fiz e estarei sempre pronto a fazer a crítica da política oficial, crítica construtiva e esclarecida. Agora faço nossa autocrítica, sem ofensa, é claro, mas com fraterno realismo.

O pecuarista deve viver na sua empresa ou constantemente ligado à mesma. Estudar todos os problemas da produção para aumentar a produtividade, seus lucros e a riqueza nacional. Pensar que tem obrigações com o seu tempo, seu pequeno universo, o seu país. Essa obrigação é, essencialmente, a de exercer bem e de forma profissional e responsável sua atividade produtora. Adotar todas as técnicas avançadas de melhoria do rebanho, que resultarão em redução dos custos. Viver o dia a dia de sua fazenda ou de sua empresa agro-pecuária, de olhos na terra, nos animais e sobretudo nos homens que trabalham nos seus campos. Todos devem viver bem, se ligados à

terra: o trabalhador e o empresário, os animais e as plantas. Esse postulado é a chave do sucesso na pecuária.

É chegado o momento dessa autocrítica para que possamos nos entender, pecuaristas, trabalhadores e Poder Público. Constituímos uma unidade de produção e nosso fim não é nem pode ser apenas ganhar dinheiro, conquanto seja objetivo primeiro de qualquer atividade econômica; mas criar um mundo melhor, um país sem fome, sem miséria, sem graves injustiças. E se nos lançarmos nesse projeto no campo da pecuária, dominaremos todos os dados do problema e descobriremos sua exata solução.

Quando atribuímos ao trabalhador do campo a responsabilidade pelo atraso de nossas técnicas, estamos, na verdade, procurando esconder nossa própria incapacidade, nosso comodismo, nossa descrença e até mesmo nosso complexo de senhor de escravos frustrado. Nosso homem do campo é analfabeto e isso não é culpa sua, mas é inteligente e interessado. Temos vaqueiros inseminadores que não sabem ler, são seus filhos que anotam as inseminações, mas esses homens nos apresentam em seu trabalho diário um índice de fecundação superior a 80% como os melhores obtidos no Canadá

ou nos Estados Unidos. Esse é o trabalhador rural brasileiro, iletrado, mal pago, mal assistido por um sistema previdenciário lastimável, que é o Funrural, mas ativo, madrugador, leal e inteligente.

Temos dito isso a muitos fazendeiros, num desabafo fraterno. Euclides da Cunha tinha razão, "o sertanejo é antes de tudo um forte". No sentido em que ele assim o qualificou, é todo trabalhador nos campos do Brasil. Sempre fazemos queixa de nossos empregados, mas nunca lhes perguntamos as queixas que têm de nós, seu julgamento sobre nosso egoísmo, nossa vaidade, nossa alienação. Já chegou a hora de dizer a verdade e honrar quem trabalha. Por isso nos arriscamos a essa autocrítica e damos nosso exemplo trabalhando incansavelmente. Erramos muito porque só não erra quem nada faz. Mas cada dia crescemos alguma coisa ao patrimônio de nosso tempo e de nosso país. Pensamos como Rui, ensinar mais com o exemplo do que com a palavra. Vamos todos os pecuaristas pensar em nossa conduta e vamos trabalhar em vez de esperar favores e milagres. O milagre nós o realizaremos cada dia com nosso trabalho criador, é o próprio milagre da criação.

Casa do Criador

I. BARBOSA DE FARIAS
CAMPINA GRANDE — PARAIBA

Rua
Tavares Cavalcanti,
No. 460
Fone: (083)
321.3457

Produtos para
Animais e
Aves Domésticas

Sementes de
capim Buffel,
Brachiaria,
hortaliças e
vegetais

PRODUTOS
AGRÍCOLAS

Alubos
Sementes de campo e quintal
Formicidas
Inseticidas
Herbicidas
Carrapaticidas
Fungicidas

PRODUTOS
VETERINÁRIOS

Soros
Vacinas
Sais Minerais
Antibióticos
Mata-Bicheiras
Vermífugos
Equipamentos veterinários

Equipamentos
Veterinários em
geral

Assistência
Técnica e
Veterinária no
campo e na
cidade.

— Temos Sementes de Cunhã —

Acolhendo propostas do Ministério da Agricultura, o Presidente da República aprovou, dia 23 de maio, durante reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico (CDE), uma série de medidas destinadas a estimular e dinamizar a atividade agropecuária.

Entre as decisões tomadas - e já conhecidas como "Cesta Agrícola" - está o envio ao Congresso Nacional de dois projetos de lei. O primeiro, extinguindo o aval do produtor na Nota Promissória Rural, e o segundo, ampliando o limite de cobertura do Programa de Apoio à Atividade Agropecuária-Proagro para até 100% do financiamento de custeio, e ainda estendendo a cobertura dada pelo programa à totalidade dos recursos próprios empregados pelo agricultor.

Além disto, o Presidente da República autorizou a expedição de decreto que dispensa o produtor da apresentação da certidão negativa do Funrural, quando da contratação de crédito rural. E autorizou, também, a constituição de grupo de trabalho para criar e viabilizar a aplicação de um programa especial destinado a apoiar a agricultura no Nordeste.

Na mesma data, reuniu-se o Conselho Monetário Nacional (CMN) que, por sua vez, aprovou as demais medidas que integram a chamada "Cesta Agrícola". Após a reunião do CMN, o Ministro Antonio Delfim Netto comentou as decisões tomadas, afirmando que elas "consubstanciam a decisão política do governo em financiar tudo o que for plantado, comprar tudo o que for colhido e pagar por tudo o que for perdido".

A "Cesta Agrícola" consta do seguinte:

● Classificação dos produtores rurais

A resolução do CMN, além de criar a figura do miniprodutor, altera o método de classificação até aqui utilizado. Por ele, os beneficiários do crédito rural tinham o seu porte definido pela capacidade de endividamento, que os classificava em pequenos, médios e grandes produtores. Assim, pequeno produtor era aquele com dívidas até 200 MVR (*); o médio situava-se entre 200 e 1.000 MVR, e o grande produtor era aquele com dívidas superiores a 1.000 MVR. (cada MVR = Cr\$ 1.591,40)

Pelos novos parâmetros, os usuários do crédito rural são classificados em função do valor bruto da produção anual de cada unidade agrícola, da seguinte forma:

- a) miniprodutor - é o que produz, anualmente, até 100 MVR;
- b) pequeno produtor - com produção anual de valor superior a 100 MVR, mas inferior a 400 MVR;
- c) médio produtor - com produção anual de valor superior a 400 MVR, mas inferior a 2.000 MVR;
- d) grande produtor - com produção anual de valor superior a 2.000 MVR.

Como se vê, a nova sistemática de classificação permite atender melhor os segmentos mais pobres da população rural, para os quais as medidas governamentais a serem aplicadas serão diferenciadas. Além disso, corrige a injustiça de os pequenos e médios produtores serem penalizados com a perda de algumas vantagens creditícias justamente no momento em que são maiores os seus prejuízos, pois, em razão do crescimento das dívidas, eram reclassificados como médios ou grandes produtores.

● Custeio fora do orçamento monetário

Visando o imediato crescimento da produção agropecuária, o CMN decidiu considerar os financiamentos de custeio fora dos limites do orçamento monetário.

Como se sabe, dentro do orçamento monetário havia um limite para esta conta. O Banco do Brasil não podia ultrapassá-lo e, sempre que isto acontecia, devia recolher ao Banco Central, taxa de redesconto sobre o excedente. Por esta razão, todos os anos milhares de propostas deixavam de ser aprovadas.

Com a decisão do CMN, não haverá mais propostas recusadas, por falta de dinheiro, pelos bancos oficiais que operam com crédito rural.

● Custeio rotativo

Com o objetivo de alcançar o pequeno produtor com crédito fácil e econômico; evitar entraves burocráticos que o inibam a buscar auxílio do crédito institucional; eliminar a discriminação aos pequenos créditos, que têm custo igual ao das grandes operações, o CMN aprovou a criação do crédito de custeio rotativo. A medida é válida para os casos de ampliação da área cultivada e diversificação de lavouras, respeitado o limite de produção equivalente a 400 MVR.

Com a medida, o produtor que assina um contrato de custeio com o Banco está habilitado à renovação automática desse financiamento, sempre que liquidar o débito anterior.

Como se recorda, antes, cada operação de crédito para custeio agrícola terminava em si mesma. E, para obter novo financiamento, o produtor, embora operando com o mesmo banco, era obrigado a repetir todo o processo burocrático, o que lhe acarretava, além da perda de tempo, novos gastos.

O alcance da resolução pode ser claramente sentido: grande simplificação do serviço, com economia de tempo e dinheiro para as duas partes, o banco e o produtor.

A correção do montante do crédito será feita com base na evolução do MVR. Se a área plantada no ano for maior do que aquela que originou o contrato do financiamento, simplesmente produtor e banco fazem um termo aditivo ao antigo contrato.

● Custeio desvinculado do Preço Mínimo

Buscando definir novo padrão de referência para o custeio de lavouras de produtos amparados pela Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM), de modo a ajustá-lo, com maior precisão, às necessidades de crédito por parte do produtor, o CMN resolveu desvincular os cálculos para a fixação dos valores desse crédito dos Preços Mínimos.

Até agora, esses cálculos obedeciam à seguinte fórmula: área cultivada x produtividade x Preços Mínimos. O empréstimo recebido pelo produtor variava entre 48 e 60% do total obtido, o que dava um valor de custeio menor do que o necessário à produção.

Com a resolução, o governo vai financiar até 100% do valor exato do custeio, calculado de acordo com os custos de produção, e não mais pelos Preços Mínimos. O levantamento destes custos será feito pelo Banco do Brasil, em estreita colaboração com os órgãos do Ministério da Agricultura.

A decisão, além de proporcionar ao produtor recursos condizentes com as suas necessidades, antecipa a coleta de dados, elaboração e análise das propostas, o que agilizará os serviços bancários, com influência positiva sobre todo o ciclo da produção.

● Liquidação dos custeios

Com o objetivo de proporcionar aos pequenos e miniprodutores condições para melhor comercializarem a produção, o CMN decidiu ampliar de 60 para 90 dias após a colheita, o prazo para a liquidação dos financiamentos de custeio agrícola.

A medida é seletiva, uma vez que ampara apenas os segmentos economicamente menos favorecidos. Para os médios e grandes produtores permanece o prazo anterior, que é de 60 dias.

Ao favorecer os pequenos e miniprodutores, o governo reconhece a existência de barreiras que afastam essas categorias das vantagens da Política de Garantia de Preços Mínimos, a não ser quando o interessado é membro de uma cooperativa ou reúne condições para se beneficiar da assistência creditícia.

● Aplicações com pequenos produtores

Os bancos serão obrigados, a partir de 1.º de setembro próximo, a ter, no mínimo 25% de suas aplicações em crédito rural representados por operações com pequenos produtores, sendo no mínimo 10% destinados aos miniprodutores.

O alcance desta resolução também é evidente, pois até aqui, do montante destinado ao crédito rural, os bancos garantiam aos pequenos produtores apenas 10% de suas aplicações. A medida traduz, por outro lado, a preocupação governamental com os produtores de baixa renda - ou miniprodutores - até então marginalizados da assistência creditícia.

● Assistência técnica grupal

O CMN autorizou que nos financiamentos rurais concedidos a pequenos e miniprodutores seja admitida a assistência técnica grupal. Com isto, suprimem-se as propostas e orçamentos individuais confeccionados pelos técnicos da Extensão Rural e assinadas pelos produtores. Também para efeitos do Proagro a assistência técnica grupal será considerada hábil, sendo realizadas individualmente apenas as vistorias e levantamentos dos danos.

A autorização visa a desburocratização do crédito para os produtores de baixa renda, pois a assistência individual se resumia em acúmulo de trabalho para os bancos e técnicos da Extensão Rural, além de obrigar o produtor a uma série de procedimentos que o inibiam a solicitar o crédito.

to e a assistência técnica oficial.

● Estímulos especiais à cultura de mandioca e feijão

Nos créditos concedidos a mini e pequenos produtores serão assegurados recursos para o financiamento integral das operações de custeio das lavouras de mandioca e feijão, bem como das culturas com elas eventualmente consorciadas (milho e algodão). O produtor que se dedicar a estes cultivos será indenizado pelo Proagro em até 100% das perdas que, por acaso, venha a ter.

A diferenciação no tratamento, e o conseqüente estímulo ao plantio do feijão, objetiva o fim da escassez do produto e, por extensão, dos reflexos negativos causados na economia popular.

● Aquisição antecipada de sementes melhoradas

Os produtores podem, de agora em diante, adquirir sementes melhoradas e defensivos até 180 dias antes da apresentação das propostas de crédito, a exemplo do que vinha ocorrendo com os fertilizantes e corretivos do solo.

Até o momento, a aquisição destes insumos estava condicionada à aprovação, pelo banco, da proposta de crédito, o que retardava a compra, com graves prejuízos para os produtores.

A autorização do CMN permitirá aos produtores de sementes realizarem maior volume de negócios. Do lado dos produtores de alimentos, incentivará o uso de sementes de melhor qualidade, que poderão ser adquiridas logo após as colheitas - e a bons preços - para utilização na safra seguinte.

● Pagamentos aos fornecedores

Os pequenos e miniprodutores, quando em financiamentos para investimentos fixos e serviços, foram autorizados a pagar diretamente aos seus fornecedores, ficando estas aplicações sujeitas à posterior fiscalização pelo agente financeiro.

A autorização elimina a obrigatoriedade de, sempre que estas despesas ultrapassassem o equivalente a 3 MVR, serem os seus pagamentos realizados pelo banco aos fornecedores, contra a entrega, pelos produtores, de novas fiscais ou documentos que comprovassem a realização de serviços.

Ao mudar o procedimento, o governo reconhece que a antiga exigência implicava em desproporcional ônus ao pequenos produtor que, pela natureza dos seus investimentos, faz despesas por demais pulverizadas, tendo que voltar várias vezes à agência bancária para entregar as notas fiscais e indicar o nome dos seus fornecedores.

● Maiores recursos para o Pré-EGF e para o BNCC

Foi prorrogado para 31.12.80 a vigência do Programa de Pré-Comercialização (Pré-EGF), instituído em dezembro de 1977 junto às cooperativas. Ao mesmo tempo, o seu teto foi elevado de 200 para 400 milhões de cruzeiros, sendo mantida sua destinação original de atendimento exclusivo a mini e pequenos produtores.

Foi decidido ainda que as cooperativas e as companhias estaduais de desenvolvimento agropecuário que venham a participar do programa tenham os seus serviços remunerados por uma taxa de até 2%, calculada sobre o valor das operações. Essa despesa será debitada ao Tesouro Nacional na conta da Política de Garantia de Preços Mínimos.

O Pré-EGF, que até agora ampara os produtores de feijão, milho, algodão, sisal, juta e malva, deverá ser estendido aos demais produtos da pauta da PGPM, de acordo com critérios a serem fixados pelo CMN.

Outra medida de apoio ao cooperativismo foi a elevação do limite para a aplicação, pelo Banco Nacional de Crédito Cooperativo (BNCC), de recursos não orçamentários, de 250 para 500 milhões de cruzeiros.

● Retenção de crias

Nos projetos integrados, o prazo dos financiamentos concedidos a pequenos e médios produtores para a aquisição de touros e matrizes bovinas, foi alterado de cinco para até oito anos, de acordo com a capacidade de pagamento do beneficiário.

A ampliação do prazo visa impedir que o produtor se desfça prematuramente das crias do seu rebanho, o que vinha acontecendo em conseqüência do curto prazo para o resgate dos empréstimos pecuários.

● Investimentos: alterados os limites e encargos financeiros

O CMN também decidiu alterar o sistema de taxas de juros cobradas sobre os financiamentos para investimentos, dando vantagens aos produtores que entrarem com maior contrapartida de recursos próprios. A medida, que não atinge os miniprodutores, objetiva levar os médios e grandes produtores a reinvestirem no campo os lucros gerados pela atividade agropecuária. Pela sistemática anterior, os créditos para investimentos estavam sujeitos às seguintes limitações e encargos financeiros:

a) Operações de mais de 200 MVR e até 1.000 MVR - Máximo financiável: 90% - Encargos financeiros: 15% a.a.;

b) Operações de mais de 1.000 e até 5.000 MVR - Máximo financiável: 90% - Encargos financeiros: 18% a.a.;

c) Operações de mais de 5.000 MVR - Máximo financiável: 75% - Encargos financeiros: 21% a.a.

Com a decisão do CMN, passam a vigorar, a partir de agora, os seguintes índices:

a) Se o produtor requerer um financiamento de 70% do valor do orçamento, ingressando com recursos próprios de 30%, ele continuará pagando a taxa de 15% a.a.;

b) se ao invés de 70% ele requerer 80% do valor do orçamento, ele pagará pelo valor da diferença a maior, a taxa média de 18% a.a.;

c) se ao invés dos 80% ele requerer o máximo financiável de 90%, ele pagará a taxa média de 21% a.a.

2) Nas operações de mais de 1.000 e até 5.000 MVR:

a) se o valor do crédito corresponder a 70% do valor do orçamento, a taxa de juros será mantida em 18% a.a.;

b) se for o de 80% do valor do orçamento, sobre a diferença o produtor pagará a taxa média de 21% a.a.;

c) se ele requerer o máximo financiável de 90%, pagará a taxa média de 25% a.a.

3) Nas operações de valor superior a 5.000 MVR:

a) se o valor do crédito corresponder a 55% do valor do orçamento, a taxa de juros será mantida em 21% a.a.;

b) se for de 65% do valor do orçamento, sobre a diferença o produtor pagará a taxa média de 25% a.a.;

c) se ele requerer o máximo financiável de 75%, a taxa média será de 30% a.a.

● Reajustamentos de juros

No caso de atrasos não-justificados no pagamento das obrigações de crédito rural e agroindustrial, os bancos integrantes do Sistema Nacional de Crédito Rural estão autorizados a cobrar dos seus clientes, juros e taxas a serem estabelecidas pelo CMN, além da taxa de 1% a.m. de juros moratórios.

As operações que tiverem os seus encargos financeiros elevados na forma acima, não serão consideradas para efeito de satisfação da exigibilidade de aplicações da Resolução nº 69 do Banco Central.

● O que deve mudar no Proagro

Durante a reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico (CDE), o Presidente da República autorizou o envio de projeto de lei ao Congresso Nacional, propondo alterações no Proagro.

Estas mudanças, que têm por objetivo não apenas o incremento, mas, principalmente, o aperfeiçoamento do programa, adequando-o à realidade rural, são as seguintes:

• Obrigatoriedade - O Proagro, cuja utilização era voluntária, deverá ser obrigatório para todos os usuários do crédito rural. A medida visa maior abrangência da sua cobertura, beneficiando principalmente os mini e pequenos produtores, que não aderiam ao programa por desconhecimento ou seu mecanismo ou temor em relação ao percentual de contribuição. Com a mudança, ao usar o crédito rural, o produtor estará automaticamente garantido contra as frustrações de safra.

• Indenizações - Ampliação da faixa de cobertura de 80 para até 100% das perdas, naquelas culturas a serem especialmente estimuladas. Pretende-se, igualmente, estender o amparo do Proagro às contrapartidas de recursos próprios dos produtores. Até agora, o Proagro só cobre a parcela financiada da lavoura.

• Juros - Inclusão, nas indenizações do Proagro, dos juros correspondentes às parcelas cobertas, o que antes ficava por conta do produtor. Com a alteração, uma vez ocorrida a frustração da safra, o produtor ficará completamente desobrigado de pagar também a parcela de juros incidente sobre o principal da dívida.

• Alimentação - Permissão para os mini e pequenos produtores, nas frustrações de safra, reterem até 30% da produção colhida para a alimentação de sua família, o que será feito quando dos cálculos para efeito de indenização do Proagro.

Calendário de Exposições 1979

JULHO

- 1 - 7 Moscou, URSS - Congresso Mundial de Veterinária
- 1 - 8 Marabá, PA
- 1 - 8 Santana, BA
- 1 - 8 Leopoldina, MG
- 2 - 5 Inglaterra, Royal International Agricultural Show, Stoneheigh, Kenilworth, Warwickshire
- 3 - 8 Janaúba, MG
- 4 - 8 Paranaíba, MS
- 5 - 8 Afogados do Ingazeira, PE
- 5 - 8 João Pinheiro, MG
- 5 - 8 Patos, PB
- 8 - 15 Rondonópolis, MT
- 8 - 15 Imperatriz, MA
- 8 - 15 Governador Valadares, MG
- 10 - 15 Bambuí, MG
- 11 - 15 Corrente, PI
- 11 - 15 Palma, MG
- 15 - 22 Matipó, MG
- 15 - 22 Altamira, PA
- 15 - 22 Barreiras, BA
- 16 - 24 Crato, CE
- 18 - 22 Dorcas do Indaiá, MG
- 19 - 22 Almenara, MG
- 19 - 22 Piancó, PB
- 19 - 22 Guaratinga, BA
- 20 - 22 Resende Costa, MG
- 21 - 28 Cáceres, MT
- 22 - 29 Sete Lagoas, MG
- 22 - 29 Três Pontas, MG
- 22 - 29 S. João da Boa Vista, SP
- 22 - 29 Carangola, MG
- 22 - 29 Lins, SP
- 22 - 29 Ponte Nova, MG
- 22 - 29 Bicos, MG
- 22 - 29 Bacabal, MA
- 24 - 31 Prata, MG
- 24 - 31 Monte Carmelo, MG
- 25 - 28 Caicó, RN
- 25 - 29 Conselheiro Pena, MG
- 26 - 29 Arcoverde, PE
- 26 - 29 Sertânia (caprinos), PE
- 27 - 29 Morada Nova, MG
- 29 - 5/8 Serrinha, BA

AGOSTO

- 1 - 5 Iturama, MG

- 4 - 7 Barra do Bugre, MT
- 9 - 12 Pesqueira, PE
- 9 - 12 Cajazeiras, PB
- 9 - 12 Pinheiro, MA
- 9 - 12 Arcoverde, PE
- 11 - 19 São Paulo, SP (Gado de Corte)
- 11 - 14 Nortelândia, MT
- 15 - 19 Frutal, MG
- 15 - 19 Campo Maior, PI
- 18 - 19 Belo Horizonte, MG (Leilão Macapé)
- 19 - 26 Paragominas, PA
- 22 - 25 Nova Cruz, RN
- 29 - 2/9 Uauá, BA
- 31 - 7/9 Uberlândia, MG
- 6 - 9 Senhor do Bonfim, BA
- 6 - 13 Araguari, MG
- 7 - 14 Presidente Prudente, SP
- 7 - 14 S. José do Rio Preto, SP
- 7 - 12 Visc. do Rio Branco, MG
- 10 - 13 Pau dos Ferros, RN
- 11 - 14 Bom Conselho, PE
- 14 - 21 Boa Esperança, MG
- 14 - 21 Amargosa, BA
- 18 - 21 Taperoá, PB
- 21 - 28 Belém, PA
- 28 - 29 Varginha, MG (Leiteiro)
- 28 - 4/11 Natal, RN

SETEMBRO

- 2 - 9 Grajaú, MA
- 2 - 9 Lagarto, SE
- 2 - 9 Guaratinguetá, SP
- 2 - 9 Caxambu, MG
- 6 - 9 Formiga, MG
- 6 - 9 Ibiá, MG
- 7 - 9 Paraopeba, MG
- 8 - 16 Barra dos Garças, MT
- 9 - 16 Itabuna, BA
- 9 - 16 Castanhal, PA
- 9 - 16 Campina Grande, PB
- 16 - 23 Ituiutaba, MG
- 16 - 23 Três Corações, MG
- 16 - 23 Belo Horizonte, MG
- 16 - 23 São Luís, MA
- 16 - 23 Fortaleza, CE
- 19 - 23 Mar de Espanha, MG
- 19 - 23 Piripiri, PI
- 23 - 30 Feira de Santana, BA
- 23 - 30 Soure, PA (Marajó)
- 26 - 29 Mossoró, RN
- 27 - 30 Sousa, PB

OUTUBRO

- 4 - 7 Carmo do Paraiíba, MG
- 4 - 7 Passos, MG

NOVEMBRO

- 4 - 11 Aracaju, SE
- 8 - 11 Monteiro, PB
- 10 - 18 Bauru, SP
- 12 - 18 Recife, PE
- 18 - 25 Teixeira de Freitas, BA
- 21 - 28 Itapebi, BA
- 22 - 25 Solânea, PB

DEZEMBRO

- 2 - 9 Ipiatú, BA
- 4 - 10 Teresina, PI
- 9 - 16 João Pessoa, PB

ATENÇÃO, REPRESENTANTES DE VENDAS	A revista PARAIBA PECUÁRIA está contratando representantes na Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso, Paraná e também repórteres itinerantes.
---	---

FAZENDA PANORAMA

JOSÉ
SÉRGIO
MAIA



CATOLÉ DO ROCHA, Paraíba — Av. Venâncio Neiva, 308. Fone: 210, CEP 58884

SCHWYZ - PO e PC
a regime de campo
Carne e Leite

MAKER DUCHESS

RG - 4398

Nasc: 13.05.1974

Peso atual: 990 kg

CAMPEÃO TOURO JOVEM na 1ª Expo
Nacional de Gado Schwyz, São Paulo 1977.

A avó do Maker, Madam Hilda Princess e a
bisavó, P-Mable's Tamarind Violet, nos
Estados Unidos, atingiram a notável marca
de 11.122 kg de leite.

SCHWYZ
com touros de
Linhagem americana
e Linhagem
européia

As MESTIÇAS
de José Sérgio
atingem até 20 litros
de leite/dia, a regime
de campo.

- Maior fornecedor de leite, da região
- Os bezerros são, normalmente grandes
tendo já atingido até 51 kg ao nascer.

NOVILHAS MESTIÇAS
e Tourinhos à Venda

Solicite os preços pelo cupom

Desejo receber, sem qualquer compromisso de minha parte, pelo correio, os Íntens
assinalados abaixo, GRATUITAMENTE:

Nome:
Fazenda:
Endereço:
Cidade: Estado:

- ☐ Preços de Novilhas Mestiças
☐ Preços de Tourinhos
☐ Quantidades p/venda

O NELORE - JI em Uberaba/79

com 10 animais obteve 12 prêmios



RECIFE - 77

- Campeão Bezerra
- Reserv. Grande Campeão
- Campeão Frigorífico da Raça
- Campeão Frigorífico das Raças Zebuínas

RECIFE - 78

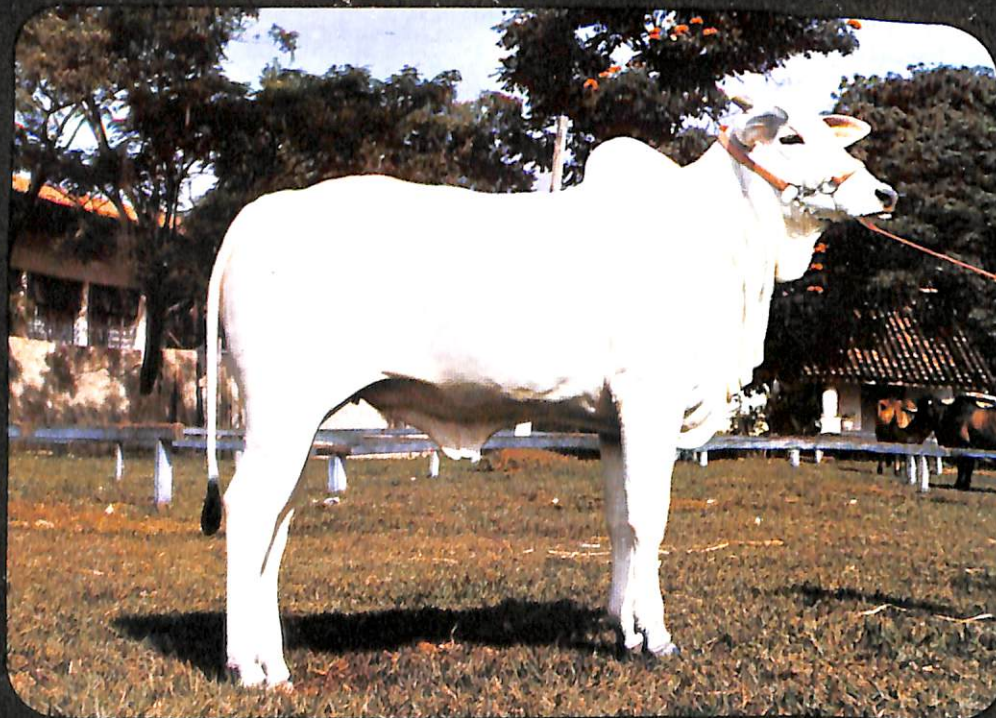
- Grande Campeão
- Campeão Frigorífico da Raça

UBERABA - 79

- Reserv. Campeão Touro Jovem



AMARUK - JI
Idade: 32 meses
Peso: 772 kg
Pai: CHAKKAR
Mãe: ARARUAMA-JI



LATINA - JI
15 meses - 471 kg

MOGNO
*Campeão dos Campeões
do Brasil*

LATUADA-JI

UBERABA-79 - Campeão Bezerra

VENDA PERMANENTE
de Tourinhos Reprodutores

CIA. AGRO-PECUÁRIA
QUEIMADAS do VALE

covale

JOSÉ INOJOSA
R. Nestor Silva, 194, Casa Forte
50.000 - Recife - PE
Fones: (081) 268-1499/1211/1386